

**CENTRO PRESBITERIANO DE PÓS-GRADUAÇÃO**

**ANDREW JUMPER**

**DOCTORADO EM MINISTÉRIO, D.Min**

Sérgio Paulo de Lima

**DISCIPULADO FAMILIAR:  
FUNDAMENTO PACTUAL PARA  
A PRÁTICA NAS IGREJAS REFORMADAS**

**SÃO PAULO  
2023**

Sérgio Paulo de Lima

**DISCIPULADO FAMILIAR:  
FUNDAMENTO PACTUAL PARA  
A PRÁTICA NAS IGREJAS REFORMADAS**

Tese apresentada como requisito para a obtenção do título de Doutor em Ministério do curso de Doutorado em Ministério do Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper (CPAJ) e Reformed Theological Seminary (RTS).

Orientador: Rev. Dr. Chun Kwang Chung,

**SÃO PAULO**

**2023**

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da Mackenzie  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

L732d	<p>Lima, Sergio Paulo De.</p> <p>Discipulado familiar : [recurso eletrônico] fundamento pactual para a prática nas igrejas reformadas / Sergio Paulo de Lima. 304 KB ;</p> <p>Tese (Doutorado em Ministério - dmin) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2023.</p> <p>Orientador(a): Prof(a). Dr(a). Chun Kwang Chung. Coorientador(a): Prof(a). Dr(a). Elias dos Sandos Medeiros. Referências Bibliográficas: f. 128-130.</p> <p>1. Família. 2. Aliança. 3. Discipulado. 4. Treinamento. 5. Comissionamento.. I. Chung, Chun Kwang, <i>orientador(a)</i>. II. Medeiros, Elias dos Sandos, <i>coorientador(a)</i>. III. Título.</p>
-------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Bibliotecário(a) Responsável: Eliezer Lírio Dos Santos - CRB 8/6779

Sérgio Paulo de Lima

**DISCIPULADO FAMILIAR:  
FUNDAMENTO PACTUAL PARA  
A PRÁTICA NAS IGREJAS REFORMADAS**

Orientador: \_\_\_\_\_



Prof. Dr. Chun Kwang Chung

Examinador: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Elias dos Santos Medeiros



Leitor e Coordenador: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. Valdeci da Silva Santos

APROVADO EM:

SÃO PAULO, 02/03/2023

## Folha de Identificação da Agência de Financiamento

Autor: Sérgio Paulo de Lima

Programa: Doutorado em Ministério (D.Min)

Título do Trabalho: Discipulado familiar: Fundamento pactual para a prática nas igrejas reformadas

O presente trabalho foi realizado com o apoio de:

- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Integral das Mensalidades
- Instituto Presbiteriano Mackenzie / Isenção Parcial das Mensalidades

À minha amada esposa Patrícia Maria Correia Ferro de Lima, auxiliadora idônea que o Senhor providenciou para que construíssemos uma família cristã. Sou agradecido a Deus por seu apoio, compreensão, incentivo e ânimo para que eu chegasse até aqui.

Aos meus amados filhos Arthur Henrique, Maria Eduarda e Sérgio Paulo de Lima Filho, porque vcs são alegrias constantes para os meus dias.

À minha amada mãe Dulci, uma referência em amor familiar e ao meu pai Genor (in memoriam). Eles iniciaram uma família que foi alcançada por Jesus.

Aos meus amados irmãos, Solange, Leandro e Geimar, porque somos irmãos de sangue e irmãos na fé.

Aos meus queridos cunhados Vivian, Marcos e Tamiris, pelo companheirismo e caminhada prazerosa.

Ao mui digníssimo orientador Rev. Dr. Chun Kwang Chung por sua primorosa contribuição, pela orientação com zelo, dedicação e compaixão.

À Igreja Presbiteriana do Brasil por permitir que eu exercesse o ministério da palavra há 20 anos.

Às igrejas que tive o privilégio e a responsabilidade de pastorear: Igreja Presbiteriana Cristo Rei (Guarapuava-PR), Igreja Presbiteriana Central (Guarapuava-PR), Igreja Presbiteriana Metropolitana (Porto Alegre-RS), Igreja Presbiteriana de Santo Amaro (São Paulo-SP) e Igreja Presbiteriana da Lapa (São Paulo-SP).

A Deus, pela salvação, por tão grande amor, graça e misericórdia. Toda a Glória seja a Ele pelos séculos dos séculos. Amém.

## DISCIPULADO FAMILIAR: FUNDAMENTO PACTUAL PARA A PRÁTICA NAS IGREJAS REFORMADAS

**Resumo:** O discipulado familiar é uma instrumentalidade para que as famílias transmitam os ensinamentos teológicos através de muitas gerações. O Antigo Testamento evidencia o ensino de pai para filhos, de filhos para netos e assim sucessivamente sem a perda do conteúdo fundamental. O sangue é a marca da família da aliança, da casa de Abraão e da família de José. O Novo Testamento evidencia o ensino de pais para filhos, sem a perda do conteúdo fundamental mas tendo outro elemento que assegura a continuidade, a saber, a fé em Jesus Cristo. Percebe-se a fé no chamado, no treinamento e no comissionamento dos discípulos. O fator de descontinuidade fica estabelecido entre o sangue e a fé. Contudo fica preservado o elo através do conceito de família, pois a família de sangue tornou-se família da fé. Enquanto surgem movimentos negando o fator pactual, e por conseguinte, desconsiderando o discipulado familiar, a história cristã testemunha o pacto de Deus com um povo exclusivamente seu. Este povo responde com um culto teorreferente, ensino teológico fundamental, serviço abnegado e missão incansável.

Palavras-chave: Família; Aliança; Discipulado; Treinamento; Comissionamento.

## FAMILY DISCIPLESHIP: COVENANT BASIS FOR ITS PRACTICE IN REFORMED CHURCHES

**Abstract:** Family discipleship is instrumental for families to transmit theological teachings through many generations. The Old Testament evidences teaching from parents to children, from children to grandchildren and so on without losing the fundamental content. Blood is the mark of the covenant family, the house of Abraham and the family of Joseph. The New Testament highlights the teaching of parents to children, without losing the fundamental content but having another element that ensures continuity, namely, faith in Jesus Christ. One sees faith in the calling, training, and commissioning of the disciples. The discontinuity factor is established between blood and faith. However, the link is preserved through the concept of family, as the family of blood has become a family of faith. While movements appear that deny the pact factor, and therefore, disregarding family discipleship, Christian history witnesses God's pact with a people that are uniquely his. This people responds with a theoretic cult, fundamental theological teaching, selfless service and tireless mission.

**Keywords:** Family; Alliance; Discipleship; Training; Commissioning.



Estabelecerei a minha aliança entre mim e ti e a tua descendência no decurso das suas gerações, aliança perpétua, para ser o teu Deus e da tua descendência (Gênesis 17.7)

Pois todos vós sois filhos de Deus mediante a fé em Cristo Jesus; porque todos quantos fostes batizados em Cristo de Cristo vos revestistes. Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus. E, se sois de Cristo, também sois descendentes de Abraão e herdeiros segundo a promessa (Gálatas 3.26-29)

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 DISCIPULADO NA FAMÍLIA DA ALIANÇA	19
1.1 Conhecimento dos mandamentos	21
1.2 Compreensão da confessionalidade	26
1.3 Estabelecimento do procedimento bíblico-confessional	33
1.4 Reconhecimento dos princípios aliancistas	35
2 DISCIPULADO FAMILIAR NA CASA DE ABRAÃO	37
2.1 O chamado de Deus e a submissão de Abrão	43
2.2 O chamado de Deus e a adoração de Abrão	44
2.3 O chamado de Deus e a responsabilidade de Abrão	44
2.4 O chamado de Deus e o pacto como meio ordinário	46
3 DISCIPULADO FAMILIAR NA CASA DE JOSÉ	48
3.1 Discórdia familiar	50
3.2 Frouxidão moral	52
3.3 Honra sob pressão	54
3.4 Propósitos glorificativos na humilhação	55
3.5 Propósitos glorificativos na exaltação	56
3.6 Dignidade provada	57
3.7 Lealdade provada	58
3.8 Honestidade provada	60
3.9 Mal transformado em bem	61
4 DISCIPULADO NA FAMÍLIA DA FÉ	65
4.1 Chamados para serem discípulos	66
4.2 Chamados e designados	67
4.3 Chamados para uma missão	68
4.4 "Vocatio ad Communion Sanctorum"	74
4.5 "Educatio ad Commisum"	81

4.6 “Commissum ad Opus”	86
5 DISCIPULADO NO TREINAMENTO DOS APÓSTOLOS	91
5.1 Como Jesus formou os seus líderes	91
5.2 O ensino de Jesus nas sinagogas	92
5.3 A pregação do evangelho do reino	93
5.4 O cuidado aos necessitados	94
5.5 O resumo do treinamento de Jesus	96
5.6 A característica da liderança cristocêntrica	97
5.7 O caráter da liderança cristocêntrica	99
6 DISTORÇÕES NO MOVIMENTO DE CRESCIMENTO DE IGREJAS	102
6.1 Fundamento factual ou eficácia mercadológica?	102
6.2 Fidelidade ou resultados?	103
6.3 Provisão de Deus ou planejamento do homem?	105
6.4 Aproximação ou distanciamento bíblico?	106
6.5 A Escritura evidencia a dinâmica factual	108
6.6 As evidências factuais acompanham o avanço para a terra prometida	110
6.7 O cumprimento factual no período apostólico	113
7 FUNDAMENTOS FACTUAIS PARA AS IGREJAS REFORMADAS	115
7.1 Culto: O culto deve refletir a teologia da igreja	116
7.2 Ensino: A igreja deve testemunhar a Aliança às gerações	121
7.3 Serviço: A igreja deve servir como expressão de misericórdia	125
CONCLUSÃO	127
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131

## INTRODUÇÃO

O discipulado é uma ação resultante do operar do Espírito Santo que faz de homens pastores da igreja, de três modos: "Primeiro, Ele os qualifica para o ofício. Segundo, Ele os dirige para discernirem as suas qualificações e saberem quais são as suas aptidões. Terceiro, Ele dirige o povo e os pastores no sentido de lhes atribuírem uma responsabilidade particular".<sup>1</sup> O Discipulado pode ser percebido no Antigo Testamento na relação de Deus com Adão e sua família. O discipulado pode ser visto na relação de Deus com Noé e sua família. Da mesma forma o vemos na relação de Deus com Abrão e sua descendência, sendo este o objetivo maior da pesquisa em questão como fundamento para a prática de discipulado familiar da igreja.

Etimologicamente, o profeta Isaías usa o termo "*discipulado*" fazendo referência aos seus seguidores (Is 8.16). Em Crônicas, quando Davi organizou o culto em Israel, mencionou a presença de mestres de música e seus discípulos (1Cr 25.8). Quando Elias foi tomado por Deus ele deixou Eliseu, seu discípulo, em seu lugar, e este episódio bíblico menciona a presença em Betel de 50 discípulos dos profetas (2Rs 2.7). O discipulado está presente em toda a trajetória do povo de Deus, de forma ordinária, tendo a família como base de ensino.

Em Gênesis 17.7 Deus afirma a Abrão que será o seu Deus e de sua descendência estabelecendo um senhorio de pai para filhos e Gálatas 3.26-29 Paulo afirma que quem é de Cristo, é filho de Abraão e herdeiro da promessa. Há outro texto no Evangelho de Marcos evidenciando que o chamado aos discípulos atendia a um propósito de continuidade (Marcos 3.13-15). E ainda outro texto no Evangelho de Mateus aponta para um comissionamento que romperia os séculos como paradigma eclesialístico (Mateus 28.18-20). Assim, esta dinâmica será exercida pelo povo da aliança de forma pública no tabernáculo, no templo e na igreja e, de forma privada, nas casas. Estas passagens servem como auxílio para compreender a forma de discipulado bíblico em três períodos importantes na história bíblica: o tempo dos patriarcas, o tempo dos profetas e o tempo dos apóstolos.

---

<sup>1</sup> BAXTER, R. *O Pastor Aprovado*. São Paulo: PES - Publicações Evangélicas Seleccionadas. 2013. 144

## A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA

Certamente este é um assunto complexo e suas implicações cobrem períodos entre séculos e milênios, mas nesta pesquisa o limite é a passagem bíblica (Gn 17.7) e seus desdobramentos, na busca pelo seu fundamento e sua designação prática. Estuda-se alguns detalhes acerca da aliança no Antigo Testamento e no Novo Testamento como ações necessárias para a manutenção discipular no pacto de Deus com as gerações em curso. Estuda-se também sobre o chamado de Jesus aos apóstolos e sua implicação para a Grande Comissão. O afastamento dos princípios da aliança defendido pelo Movimento de Crescimento de igrejas configura-se como um ponto de preocupação e recebe algumas críticas e sugestões. Por fim, faz-se a proposta para a prática do discipulado nas igrejas reformadas como obediência à instrução pactual.

O aparecimento de novas “igrejas” de maneira totalmente desconexa e aleatória é o principal motivo para a realização dos estudos em questão. Além do objetivo principal de tentar provar que a aleatoriedade e a desordem configuram um desconhecimento histórico, o presente tema também pretende demonstrar a infalibilidade das Escrituras, a linha mestre do plano de redenção, a singularidade de Cristo e as suas implicações, as quais servem como um paradigma para a plantação de novas igrejas através do discipulado. Afirma-se, desta feita, que há um fundamento bíblico para a prática do discipulado familiar nas igrejas reformadas a partir do culto teorreferente, do ensino bíblico, da comunhão nos lares e do serviço na sociedade.

## A JUSTIFICATIVA PARA A PESQUISA

A justificativa está baseada na necessidade de estudar qual era a concepção pactual dos patriarcas para a vigência do relacionamento com Deus e qual era a concepção pactual da igreja neotestamentária acerca dos ensinamentos de Jesus, e então, através das instruções de Jesus propor a prática de tais ensinamentos, contribuindo na plantação de novas igrejas bíblicamente orientadas.

Estudar este tema proporcionará ao leitor novas condições para avaliar as práticas atuais no que tange ao tema “*Discipulado*”. A justificativa repousa no fato que a Bíblia apresenta subsídios para uma prática mais segura.

A suficiência da Escritura é afirmação do meio pelo qual Deus determinou para alcançar os eleitos, tirando-os do estado de pecado e morte, pela graça em Jesus, transformando-os. É exatamente o que afirma a *Confissão de Fé de Westminster*, Capítulo 10, parágrafo 01:

Todos aqueles a quem Deus predestinou para a vida, e só esses, é ele servido chamar eficazmente pela sua Palavra e pelo seu Espírito, no tempo por ele determinado e aceito, tirando-os daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza para a graça e

salvação, em Jesus Cristo. Isso ele faz iluminando o entendimento deles, espiritual e salvificamente, a fim de compreenderem as coisas de Deus, tirando-lhes o coração de pedra e dando-lhes um coração de carne, renovando as suas vontades e determinando-as, pela sua onipotência, para aquilo que é bom, e atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo, mas de maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela sua graça.<sup>2</sup>

Assim, pretende-se estudar a possível causa para o desinteresse quanto aos fundamentos pactuais para o discipulado familiar na igreja reformada. Uma vez identificada a causa, pretende-se apontar o fundamento da igreja histórica a partir do reconhecimento de conceitos proclamativos, didáticos e servisais contidos no pacto que deveriam fazer parte dos projetos eclesiásticos em todos os tempos.

## A FORMULAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

A subjetividade das práticas eclesiásticas da atualidade tem permitido o surgimento de igrejas desconectadas dos princípios aliancistas. Por isso intenta-se descobrir a causa para a desconexão aos fundamentos históricos, a fim de entender se a igreja do futuro permanecerá afastando-se ou aproximando-se do referencial teológico pactual.

Há uma verdadeira explosão de novas igrejas no Brasil sendo lideradas por pessoas que afirmam ser missionários, pastores, bispos e apóstolos. Estas igrejas são plantadas por diversos motivos, a maioria deles, sem quaisquer fundamentos bíblicos e teológicos. Este é um grande problema porque o nome da Igreja Cristã é usado de forma indiscriminada. O que seriam tais movimentos? Por que os seus líderes denominam-se como tais? Quem os ordena? A quem prestam contas? Quais exemplos históricos sobre as mesmas? Como estas instituições são reconhecidas na atualidade? Portanto, a interpretação adequada dos textos em questão pode trazer alguma ajuda aos que se interessarem acerca da forma bíblica para a plantação de igrejas.

## FORMULAÇÃO DAS HIPÓTESES DA PESQUISA

A pesquisa ressalta a base teológica para o discipulado a partir de conceitos escriturísticos como ensino, pregação e serviço. No Antigo Testamento pesquisa-se sobre esta "aliança no sangue" em Abraão e José, enquanto no Novo Testamento pesquisa-se esta "aliança na fé" no chamado aos apóstolos e no comissionamento da igreja. Há um processo natural de "descontinuidade" entre sangue e fé, contudo percebe-se um fator de "continuidade" no desenvolvimento dos compromissos pactuais, e este elemento é a família.

---

<sup>2</sup> ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *A Confissão de fé de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã, 2008. 92

Configura-se como hipótese plausível a possibilidade que o pacto<sup>3</sup> seja o instrumento para testemunho acerca da redenção dos eleitos em todos os tempos, que a grande comissão seja o prosseguimento da ação pactual dos discípulos de Jesus, e que a igreja de Cristo deve cumprir ao longo dos séculos a ordem de fazer discípulos (Mateus 28.18-20). Para isso se faz necessário abordar os fundamentos da teologia da aliança nas Escrituras, avançar para os registros confessionais e teológicos sobre o desenvolvimento histórico da igreja e concluir com uma proposta para a igreja contemporânea.

## O PROPÓSITO DA PESQUISA

O ato provisional e soberano de Deus deve ser o motivo principal para a manutenção de igrejas estabelecidas e plantação de novas igrejas reformadas. Mas, por que então o movimento de crescimento de igrejas afastou-se tanto dos seus princípios fundamentais nas últimas décadas? Por que a teologia bíblica deixou de ser o motivo para a plantação de igrejas? O noivo se deu a si mesmo por sua noiva para torná-la santa e pura "por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito (Ef 5.25-27)." Mas, por que algumas igrejas deixaram de crer nestes ensinamentos? O que fez a noiva esquecer do casamento eterno com o seu resgatador?

Por vezes, a igreja visível parece estar influenciada por números, por construções, por lutas de poder, por frieza espiritual, por testemunhos falsos, por pregações falsas e por ministérios pragmáticos. E por isso muitas igrejas não evidenciam a obra santificadora e purificadora de Cristo. O que aconteceu com a igreja que conhecemos? Poderia-se atribuir o conceito de igreja de Cristo a tais organizações eclesiais com seus cultos antropológicos e tóxicos? Poderia-se atribuir a tais "movimentos" o sentido de Casa de Deus (1Co 3.16), corpo de Cristo (1Co 12.27), família de Deus (Ef 2.19), habitação de Deus (Ef 2.22), coluna e baluarte da verdade (1Tm 3.15) e, por fim, noiva e esposa ataviada de Cristo (Ap 19.7-9)?

Certamente, deve-se plantar novas igrejas, mas as igrejas históricas têm sido plantadas para a glória de Deus ou para a satisfação dos homens? A partir da missiologia bíblica que serve como espelho da eclesiologia reformada, haveria a possibilidade de pesquisar os fundamentos para uma prática bíblica na plantação de igrejas históricas? Se a eclesiologia reformada é o vetor para uma missiologia bíblica em todos os tempos, uma vez que a teologia fundamenta as práticas missiológi-

---

<sup>3</sup> ROBERTSON, O. P., *O Cristo dos Pactos*, Campinas – SP, Luz Para o Caminho, 1997. 07

cas, por que fica evidente o distanciamento entre a teoria fundamental e a prática aplicada no processo de plantação de tantas igrejas?

Para Stuart Murray, a eclesiologia estática e a marginalização da missiologia nos termos das discussões teológicas são pontos que prejudicam o fenômeno missiológico e por isso necessita-se de mudanças, a fim de que a plantação de igrejas receba novos estímulos e possa ter seus desafios corretamente orientados.<sup>4</sup>

Para J. I. Packer, os fundamentos bíblico-teológicos produzem uma fé bíblica como testemunho, com uma lúcida visão do mundo, baseada na herança histórica reformada, logo, torna-se imprescindível que a teologia da igreja seja bíblica e aplicável.<sup>5</sup>

Ortlund aponta uma prática da igreja primitiva como um exemplo para as igrejas atuais:

Em lugar de programas e paradigmas, os crentes do primeiro século eram marcados pela unidade e generosidade (Atos 4.32–35). Nada que maravilhasse o mundo interessava! Por onde quer que fossem, os crentes pregavam corajosamente a Palavra de Deus e proclamavam o nome de Jesus e Sua ressurreição. As pessoas encontravam significado nessa mensagem porque sabiam da qualidade dos relacionamentos mantidos entre eles quando estavam juntos. “As Epístolas determinam as crentes para serem um uns juntamente com os outros com base em sua nova relação familiar em Cristo. Reiteradas vezes se vêem as instruções: sofram juntos (1 Co 12.26), regozijem juntos (Rm 12.15), levem os fardos uns dos outros (Gl 6.2), restaure um ao outro (Gl 6.1), ore um pelo outro (Rm 15.30), encoraje um ao outro (Rm 1.12), perdoe um ao outro (Ef 4.32), confesse um para o outro (Tg 5.16), seja verdadeiro para com o outro (Ef 4.25), estimulemos um ao outro para boas ações (Hb 10.24), e colabore um com o outro (Fp 4.14–15).<sup>6</sup>

Desta forma, como seria a base sólida da igreja? Como seria o culto desta igreja? Qual seria a ênfase do ensino? Como a igreja serviria à sua geração? Como a eclesiologia missiológica encontraria nos exemplos de Jesus como mestre, de Paulo como discípulo, dos reformadores como colunas contemporâneas, o objetivo traçado por Jesus para a Grande Comissão? Quando Jesus disse aos seus discípulos que deveria-se rogar ao Pai para que Ele mandasse trabalhadores porque a seara é grande, qual seria a o fundamento teológico e a prática bíblica destes trabalhadores?

Certamente o campo é grande e está tomado de inúmeras teologias, algumas desenvolvidas outras em desenvolvimento, e que, como resultado de ações questionáveis, geram apreensão entre as igrejas históricas. Daí, a necessidade da plantação de igrejas teorreferentes que ensinem, preguem e sirvam sob o exemplo de Cristo como expressão do discipulado bíblico.

---

<sup>4</sup> MURRAY, S. *Church planting*. Scottsdale: Herald Press, 2001, 35-38

<sup>5</sup> PACKER, J.I. *A Evangelização e a Soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 1ª. Edição, 1991. 22-24

<sup>6</sup> ORTLUND, R. C. “*Priorities for the Local Church*,” in *Vital Ministry Issues*, 91



Os cristãos deveriam demonstrar seu cristianismo através de uma vida de santidade porque o objetivo da vida cristã é obedecer a Deus. Portanto, qualquer teologia ou culto que não tenha referência cristã deve ser reexaminado. A vida cristã é, por um lado justificação pela graça através da fé e, por outro lado, santificação. A plantação da igreja é uma atitude santa que conduz (ou reconduz) um povo ao culto, ensino e serviço.

Uma vez estabelecida a conexão entre o fundamento bíblico-teológico e a prática bíblica decorrente de tais ensinamentos pode-se esperar um ordenamento da eclesiologia na manutenção de igrejas históricas. Com isso pretende-se formular uma proposta para a prática do discipulado familiar em igrejas reformadas. O objetivo é apontar o culto reformado com a liturgia temática e sinagoga, a pregação bíblica de forma expositiva e o serviço cristão como características imprescindíveis da igreja discipuladora no decurso das gerações.

## 1 DISCIPULADO NA FAMÍLIA DA ALIANÇA

A criação do homem e da mulher e a sua união foi estabelecida por Deus (Gn 2.24) para ser a base da família. A família foi instituída por Deus para a sua própria Glória. Ela cumpre este propósito ao viver constantemente em obediência aos ensinamentos bíblicos e ao promover uma descendência piedosa no decurso das gerações (Mt 2.15). Uma família tem o seu início quando um homem e uma mulher chegam ao tempo da maturidade, encontram-se e estabelecem uma nova unidade.

O propósito interno da família é que o homem ame a sua esposa como Cristo amou a Igreja e que a mulher respeite o seu marido numa demonstração de submissão a Deus (Ef 5.22-23). Eles devem criar os filhos na doutrina e admoestação do Senhor, e os filhos devem obediência e honra aos pais para que seus dias sejam abençoados (Ef 6.1-4).

O propósito social da nova conjuntura é viver em harmonia sob a convivência diária numa clara perspectiva de testemunho pactual às culturas (Jr 29.4-8) e em crescimento contínuo conforme a prescrição de Deus (Gn 1.28).<sup>7</sup>

A união de um homem com uma mulher é a condição única e definitiva de Deus para o casamento, sendo sustentada também pelo Estado de forma geral no mundo, conforme o "*Corpus Iuris Civilis*".<sup>8</sup>

As definições sobre o matrimônio, então, além de instituídas por Deus nas Escrituras, são estudadas e avaliadas por esferas sociais como Direito, Antropologia, Sociologia, Psicologia, Medi-

---

<sup>7</sup> GRONINGEN, H. e G. VA., *A Família da Aliança*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, 55-56

<sup>8</sup> O *Corpus Juris Civilis* ou *Corpus Iuris Civilis* (em português: *Compilação de Direito Civil*) é uma obra jurídica fundamental, publicada a partir do ano de 529 d.C. por determinação do imperador bizantino Justiniano I que assumiu o trono em 527 d.C.. Ele, dentro de seu projeto de unificar e expandir o Império Bizantino, viu que era indispensável criar uma legislação congruente e que tivesse capacidade de atender às demandas e litígios vivenciados à época. A expressão *Corpus Juris Civilis* não é justiniana e sua difusão se deve à edição publicada em 1583 por Dionísio Godofredo. Atualmente, entende-se que o que se convencionou chamar de *Corpus Iuris Civilis* compreende quatro partes: Institutas, Digesto, Código e Normas.

cina, entre outras.<sup>9</sup> Contudo, o casamento histórico e legal parece agonizar. No desenvolvimento das culturas, percebe-se a tentativa de desconsiderar a premissa essencial bíblico-teológica e substituí-la por novos modelos assimilados ao desenvolvimento cultural.

Para Albert Mohler, na pós-modernidade a verdade deixa de ser absoluta e assume o caráter relativo: “os pós-modernistas têm o compromisso de sair à luta contra a verdade”.<sup>10</sup> Tal acontecimento contribuiu para fragilizar o entendimento acerca do matrimônio, e de maneira crescente, proporciona uma prática significativamente alterada acerca dos procedimentos fundamentais para homem e mulher na instituição.

Diante disso, como disciplinar casais que temem a quebra dos mandamentos contidos no decálogo “*Não adulterarás e Não cobiçarás*” (Êx 20.14 e 17)? Quando eles percebem que necessitam de auxílio para continuar com o propósito firmado no enlace matrimonial, de forma majoritária, assumido como um compromisso formal, como auxiliá-los a permanecerem firmes nos propósitos pactuais?<sup>11</sup> O plano é estabelecido com a Escritura Sagrada, um retorno às bases fundamentais acerca de Deus, do homem, da mulher e dos filhos como alvos do pacto de Deus com Abraão (Gn 17.7).<sup>12</sup>

---

<sup>9</sup> ALVES, J. C. M.. *Direito Romano*. Rio: Forense, 1977. II vol. p. 245 a 320. O autor afirma que duas definições de casamento são encontradas no Corpus Iuris Civilis. A primeira é atribuída a Modestino: “As núpcias são a união do homem e da mulher, o consórcio de toda a vida, a comunicação do direito divino e humano.”, outra a constante das Institutas em que é dito que as núpcias ou “matrimônio, são a união do homem e da mulher, a qual encerra comunhão indivisível de vida.” Para que, em Roma, o casamento pudesse ser considerado legítimo, era preciso a observância de certos requisitos. Segundo Ulpiano, *o casamento é legítimo se entre os que o contraem existe conubium, e se o homem é púber e a mulher núbil, e se um e outro, se são sui iuris, consentem, ou, se alieni iuris, também seus pais*. Logo, os requisitos eram: consentimento, puberdade, e *conubium*. No *conubium* se incluía a condição da monogamia. Júlio César e Valentiniano I tentaram, sem sucesso, admitir a poligamia entre os romanos. A nubilidade fixou-se para a mulher desde os 12 anos e, no direito justiniano, se estabeleceu a idade de 14 anos para o homem. O *Conubium* pressupunha a liberdade, a cidadania, monogamia e estar fora do serviço militar. Até 445 a. C., era proibido o casamento entre patrícios e plebeus.

<sup>10</sup> MOHLER, R. Albert Jr., in *Reforma Hoje*, São Paulo: Cultura Cristã, 1999, 58

<sup>11</sup> Constituição Federal do Brasil: Da capacidade para o casamento no Código Civil Brasileiro. O Código Civil brasileiro regula no seu Capítulo II do artigo 1517 ao artigo 1520 acerca da capacidade para o casamento: Artigo 1517. O homem e a mulher com dezesseis anos podem casar, exigindo-se autorização de ambos os pais, ou de seus representantes legais, enquanto não atingida a maioridade civil. Parágrafo único. Se houver divergência entre os pais, aplica-se o disposto no parágrafo único do artigo 1631. Artigo 1518. Até a celebração do casamento, podem os pais ou tutores revogar a autorização. Artigo 1519. A denegação do consentimento, quando injusta, pode ser suprida pelo juiz. Artigo 1520. Excepcionalmente, será permitido o casamento de quem ainda não alcançou a idade núbil (artigo 1517), para evitar imposição ou cumprimento de pena criminal ou em caso de gravidez.

<sup>12</sup> GRONINGEN, H. e G. van. *A Família da Aliança*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997, 15

Gênero, idade e economia configuram os principais motivos para a manutenção ou a desintegração do casamento<sup>13</sup> na lei civil,<sup>14</sup> contudo, faz-se necessário evidenciar os fundamentos mais substanciais e essenciais, numa firme expectativa de se estar em conformidade com os princípios mais elementares da fé cristã.<sup>15</sup> Começa-se com uma percepção geral sobre a família na Bíblia, ressaltando que a mesma não é um livro de exemplos bem sucedidos, mas a regra de fé e prática de vida, para ensino seguro sobre a forma de viver que agrada ao criador da família (2 Tm 3.16-17) segundo o raciocínio do casal Gerard e Harriet Van Groningen expresso no livro *A Família da Aliança*.<sup>16</sup>

## 1.1 Conhecimento dos mandamentos

A desobediência aos mandamentos de fidelidade e lealdade entre marido e mulher sempre proporcionou fragilização para os contraentes matrimoniais, a começar por Adão e Eva. Com isso, cresce o número de casais em crise, pais despreparados e filhos alienados. O que poderia ser feito para conter tal dissimulação da instituição mais antiga já conhecida? Instituir novas regulamentações, formas e objetivos? Nossa sugestão é que a Escritura tem os princípios necessários para tal correção:

Então disse Deus: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Domine ele sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os grandes animais de toda a terra e sobre todos os pequenos animais que se movem rente ao chão". Criou Deus o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. Deus os abençoou e lhes disse: "Sejam férteis e multipliquem-se! Encham e subjuguem a terra! Dominem sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todos os animais que se movem pela terra" (Gênesis 1.26-28).

<sup>13</sup> Casamento é uma palavra que tem origem no Latim, vem de *Casamentum*, que significa "terreno com uma habitação instalada", o que era um dos principais passos para uma união estável. Este termo, por sua vez, é derivado de *casa*, que no latim tem um significado de "morada pobre". Fonte <https://www.gramatica.net.br/sem-categoria/etimologia-de-casamento>

<sup>14</sup> TARTUCE, F; SIMÃO, J. F., *Direito Civil - Direito de Família*. São Paulo, 2012. Método. p. 145–156. O autor registra que no dia 24 de janeiro de 1890, foi promulgado, pelo marechal Deodoro da Fonseca, chefe do governo provisório da então República dos Estados Unidos do Brasil, o Decreto 181, instituindo o casamento civil no país. Atualmente, o casamento é regulamentado pelo Código Civil brasileiro de 2002. Ele é necessariamente monogâmico e pode ser celebrado por casais heteroafetivos ou homoafetivos; via de regra, a idade mínima dos noivos é de 16 anos. É um contrato bilateral e solene realizado entre as partes com o intuito de constituir família com uma completa comunhão de vida.

<sup>15</sup> KIDNER, D., *Gênesis, Introdução e Comentário*, São Paulo, Edições Vida Nova, 1979, 61

<sup>16</sup> GRONINGEN, H. e G. van. *A Família da Aliança: Instruções bíblicas para a vida familiar que honra a Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 1997. Gerard Van Groningen (1921–2014), erudito e acadêmico profundo, respeitado conhecedor e defensor da fé reformada, nasceu em Leota, Minnesota e cresceu em Ripon, Califórnia. Foi combatente no Japão durante a Segunda Guerra Mundial e casou-se com Harriet em 1950. Graduou-se no Calvin Seminary, Grand Rapids em 1954, obteve o ThM pelo Westminster Seminary, Filadélfia em 1955 e obteve o PhD na University of Melbourne, Austrália em 1968.

Deus, ao formar o homem à sua imagem e semelhança, lhe deu a condição de administrar a terra, dominando sobre todas as esferas da existência:

Disse mais o SENHOR Deus: Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea. Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres vivos, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos; para o homem, todavia, não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea. Então, o SENHOR Deus fez cair pesado sono sobre o homem, e este adormeceu; tomou uma das suas costelas e fechou o lugar com carne. E a costela que o SENHOR Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e lha trouxe. E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne; chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada. Por isso, deixa o homem pai e mãe e se une à sua mulher, tornando-se os dois uma só carne. Ora, um e outro, o homem e sua mulher, estavam nus e não se envergonhavam (Gênesis 2.18-25).

Nos livros de sabedoria o conceito de matrimônio é altamente apreciado para o bem dos cônjuges e para um bom relacionamento com Deus.

A mulher exemplar é a coroa do seu marido, mas a de comportamento vergonhoso é como câncer em seus ossos (Provérbios 12.4). Quem encontra uma esposa encontra algo excelente; recebeu uma bênção do Senhor (Provérbios 18.22). É melhor ter companhia do que estar sozinho porque maior é a recompensa do trabalho de duas pessoas. Se um cair, o amigo pode ajudá-lo a levantar-se. Mas pobre do homem que cai e não tem quem o ajude a levantar-se! E, se dois dormirem juntos, vão manter-se aquecidos. Como, porém, manter-se aquecido sozinho? Um homem sozinho pode ser vencido, mas dois conseguem defender-se. Um cordão de três dobras não se rompe com facilidade (Eclesiastes 4.9-12). Ponha-me como um selo sobre o seu coração; como um selo sobre o seu braço; pois o amor é tão forte quanto a morte e o ciúme é tão inflexível quanto a sepultura. Suas brasas são fogo ardente, são labaredas do Senhor. Nem muitas águas conseguem apagar o amor; os rios não conseguem levá-lo na correnteza. Se alguém oferecesse todas as riquezas da sua casa para adquirir o amor, seria totalmente desprezado (Cantares 8.6-7).

O profeta Malaquias lembrou que um dia o ajuntamento de duas pessoas gerou uma só carne, dando eco ao conceito de unidade expresso em Gênesis 2.24, também reafirmado pelo evangelista Mateus:

Não foi o Senhor que os fez um só? Em corpo e em espírito eles lhe pertencem. E por que um só? Porque ele desejava uma descendência consagrada. Portanto, tenham cuidado: Ninguém seja infiel à mulher da sua mocidade (Malaquias 2.15). Assim, eles já não são dois, mas sim uma só carne. Portanto, o que Deus uniu, ninguém separe” (Mateus 19.6).

Adão e Eva foram constituídos no primeiro casal bíblico. O relacionamento deles contém duas fases: a primeira é sob a direção de Deus e a segunda é sob a influência do pecado. Sob a instrução de Deus há bênção, sob a tirania do pecado há maldição. Após este fato, o relacionamento com Deus, entre eles e com a existência ficou completamente avariado (Gn 3.11-12). A consequência foi aplicada nas próximas gerações por imputação.

A partir de então, todos os próximos casamentos seriam uma expressão da tragédia que aconteceu com o primeiro casal. Abraão casou-se com Sara, mas também se relacionou com Hagar e teve um filho com ela, quebrando o princípio da fidelidade na monogamia. (Gn 25). O seu filho Isaque manteve uma única esposa, no entanto, amou um filho e desprezou o outro. E o neto de Abraão, Jacó, teve duas esposas, Raquel e Lia, mas amava somente Raquel, e por isso privilegiava o filho dela, José. Os outros filhos detestavam este comportamento e o venderam aos midianitas para ser escravo. Moisés não considerou a necessidade de casamento sob a mesma fé e uniu-se a uma mulher fora da linhagem de Israel, e quando deveria circuncidar o filho teve a primeira dificuldade conjugal (Êx 4). O profeta Samuel teve dificuldade para educar os filhos, eram ímpios e não foram feitos para sucederem o pai na liderança em Israel (1Sm 8.1-6). Certamente, o rei Davi protagonizou uma das maiores tragédias familiares da história bíblica com poligamia Davi casou-se com Mical, mas teve várias concubinas), adultério (Davi adulterou com uma mulher casada, Bate-seba), assassinato (Davi mandou matar o marido de Bate-Seba), incesto (Amnon, um de seus filhos teve relações íntimas com sua irmã Tamar), vingança (Absalão, outro de seus filhos matou Amnon), traição (Absalão usurpa o reino de Davi, sendo contido com a sua morte). Na verdade, aconteceu o que o profeta Natan profetizou, “a espada não se apartaria da sua casa”.

Realmente a Bíblia não é um livro de teorias exemplaristas, ainda que, muitos outros casamentos foram iniciados e mantidos conforme as prescrições de Deus. Trata-se de um texto esclarecedor sobre caminhar em obediência e ser abençoado ou caminhar em rebelião e sofrer as penas por tal atitude. Todos os que não andaram nos caminhos do Senhor receberam a justa punição. E a Bíblia não esconde isso.

A Bíblia é a regra de fé para ser praticada, e isso supera o conceito de exemplo. A prescrição deve ser obedecida por fazer parte do conceito pactual de Deus com o seu povo.<sup>17</sup> O que a Bíblia prescreve é a norma de Deus para o casal, para a família e para as gerações futuras. A Bíblia nos ensina pela revelação progressiva, registrada organicamente para todas as épocas, como Deus agiu, tanto na obediência do povo quanto na desobediência do povo.<sup>18</sup>

O conhecimento dos desígnios de Deus é fruto do pesquisador que procura na fonte certa. A Bíblia é a revelação de Deus, é inspirada por Deus e o Espírito Santo ilumina o entendimento dos filhos de Deus na leitura da mesma para uma vida de verdadeira piedade. A Escritura Sagrada ensi-

---

<sup>17</sup> ROBERTSON, O. P., *O Cristo dos Pactos*, Campinas – SP: Luz Para o Caminho: 1997, 7-8

<sup>18</sup> COSTA, H. M. P. da, *A Inspiração e Inerrância das Escrituras – Uma Perspectiva Reformada*, São Paulo: Cultura Cristã: 1998. 90-112

na que o temor de Cristo deve ser evidenciado nos relacionamentos (Ef 5.21-6.9).<sup>19</sup> Mas algumas perguntas são necessárias: Então a Bíblia apontaria a maneira adequada de viver? Haveria algum paradigma a ser seguido? Como um casal deve estabelecer a sua prática conjugal? De maneira objetiva é possível perceber que a Bíblia propõe práticas adequadas de vida. Paulo argumentou quanto à preservação do casamento: "Aos casados dou este mandamento, não eu, mas o Senhor: Que a esposa não se separe do seu marido. Mas, se o fizer, que permaneça sem se casar ou, então, reconcilie-se com o seu marido. E o marido não se divorcie da sua mulher" (1Co 7.10-11). E sobre a dependência mútua, escreveu: "No Senhor, todavia, a mulher não é independente do homem nem o homem independente da mulher (1Co 11.11).

As esposas são orientadas a exercer o respeito aos seus maridos na submissão ao Senhor porque eles prestam contas acerca da vida delas, sendo responsáveis por seu estado espiritual. As mulheres são instruídas a prosseguir sob a missão dos seus maridos uma vez que parte da missão deles como cabeça do lar é morrer pela esposa, se preciso for. Cristo morreu por sua noiva (Jo 15.12-15), e a igreja é submissa ao seu comando como o cabeça da mesma.

Os esposos devem amar a Deus de forma submissa no amor à esposa através da vida sacrificial para apresentá-la santa ao Senhor. Eles devem amá-las como amam a si mesmo pois há o mandamento de amar ao próximo como a si mesmos<sup>20</sup>. O amor à esposa evidencia o amor a si mesmo porque ela é carne unida a si necessitando de provisão. O apóstolo Paulo escreveu assim:

O marido deve cumprir os seus deveres conjugais para com a sua mulher, e da mesma forma a mulher para com o seu marido. A mulher não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim o marido. Da mesma forma, o marido não tem autoridade sobre o seu próprio corpo, mas sim a mulher. Não se recusem um ao outro, exceto por mútuo consentimento e durante certo tempo, para se dedicarem à oração. Depois, unam-se de novo, para que Satanás não os tente por não terem domínio próprio (1Coríntios 7.3-5).

A virtude de um bom marido é compreender que além da autoridade para governar ele deve cumprir a responsabilidade de amar (Gn 2.24). Esta é a melhor forma de cumprir a missão. Os filhos devem obediência a Deus nos atos com o seus pais honrando-os porque os pais foram instituídos por Deus, por seu trabalho em favor da Aliança, "Deus é um Deus de trabalho".<sup>21</sup> Tal comportamento recebe a aprovação de Deus e a promessa de longevidade sobre a terra. Os pais devem criar

---

<sup>19</sup> HENDRIKSEN, W., *Efésios*, São Paulo, Casa Editora Presbiteriana: 1992, 308

<sup>20</sup> STOTT, J., *A Mensagem de Efésios*, São Paulo: ABU, 1994, 163.

<sup>21</sup> SPROUL, R. C., *Como Viver e Agradar a Deus*, São Paulo: Cultura Cristã, 1998, 169

os filhos na disciplina e admoestação do Senhor sem provocá-los à ira. A criação deve ser com nutrição que ajuda a florescer (Ef 5.29).<sup>22</sup>

Quando Paulo instruiu os Colossenses à uma vida de fraternidade ponderou sobre a principal necessidade:

Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito. Que a paz de Cristo seja o juiz em seu coração, visto que vocês foram chamados para viver em paz, como membros de um só corpo. E sejam agradecidos (Cl 3.14-15).

Desta forma, fé, amor e esperança, sob a ótica bíblica, unem as pessoas no serviço à Cristo. Os cristãos devem moldar a sua vida para assumir compromissos tendo em mente os atos de Cristo (Jo 13.14-16). E a forma bíblica como maridos, esposas e filhos vivem para Cristo os torna um exemplo vivo ao mundo da prescrição instituída no princípio. Se a sociedade os despreza, Deus os considera cooperadores no seu plano de redenção.

O amor é o elo principal para um relacionamento responsável na família. Quando Paulo instruiu os Coríntios à uma vida de fraternidade ponderou sobre isso:

O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (1Coríntios 13.4-7).

A Bíblia ensina que as gerações não devem ser divididas por gênero, idade ou situação econômica. Na verdade, o desafio da humanidade é conviver com amor e respeito. Dentro da esfera da fé cristã, o discipulado familiar é a instrução mais segura para o exercício da fé no decurso das gerações.

Paulo, escrevendo aos Efésios (Ef 5.29) faz alusão ao texto de Êxodo 20.12 que diz: “Honra teu pai e tua mãe, para que se prolonguem os teus dias na terra que o SENHOR, teu Deus, te dá”. Qual a relação entre honrar e obedecer? A única maneira de honrar aos pais é obedecendo-lhes, pois, a honra é a disposição da qual nasce a obediência.

A palavra geralmente traduzida por “obedecer” é verbo derivado da palavra “ouvir”. Neste caso, é possível fazer uma relação entre “ouvir” e “obedecer”? Sim, a desobediência é o resultado da má vontade dos filhos em ouvir as instruções dos seus pais. Os filhos têm a obrigação moral, de manter abertas as linhas de comunicação entre eles e os pais, estando prontos para ouvir e obedecer.

A obediência dos filhos aos pais é incondicional, ou há momentos em que os filhos não devem obedecer? O texto diz: “Filhos, obedecei a vossos pais no Senhor”. A obediência dos filhos é

<sup>22</sup> HENDRIKSEN, W., *Efésios*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992, 321-322



decretada pela autoridade de Deus. Daí segue-se que os pais devem ser obedecidos, só até onde as exigências dos pais não ofendam a Deus.

A desobediência dos filhos pode acabar com a paz do lar cristão, mas, por outro lado, a insensibilidade e aspereza dos pais podem ser igualmente devastadoras. De que maneira os pais podem provocar os filhos? Por superproteção, favoritismo, desestímulo, negligência, uso de palavras ásperas e por crueldade física direta.

Sob a compreensão do macro-plano aumenta-se a possibilidade de avaliar os micro-fatos, visualizar expectativas e firmar compromissos. Utilizar os princípios bíblicos do cristianismo sustentados pela teologia reformada pode formar na mente do discípulo o conceito triplo de fé, amor e esperança. A Bíblia é a mensagem que perdura para todos os tempos, por isso, o estabelecimento da conexão das Escrituras com o problema é maior possibilidade de tratamento. As dúvidas são dirimidas a partir do conceito final apontado pelas Escrituras. É necessário um compromisso moral baseado nas Escrituras para que haja discipulado. Neste caso, se o discipulado é preventivo, revestir-se-á de uma perspectiva futurista. Se o tratamento for consequencial, há a necessidade de retorno ao fato acontecido.

Conclui-se que a sujeição mútua é a base para os modelos de autoridade nos diferentes relacionamentos interpessoais. Com este entendimento, há a possibilidade de um casal vivenciar relacionamentos saudáveis, tanto na perspectiva conjugal quanto na perspectiva educacional dos filhos.

## 1.2 Compreensão da confessionalidade

O primeiro ato seria pensar nas bases teológicas para a família encontradas na Confissão de Fé de Westminster, capítulo 24, para um desenvolvimento adequado dos assuntos familiares. Logo a seguir, procurar a instrução de autores reconhecidamente bíblicos. Vejamos as instruções confessionais:

O casamento deve ser entre um homem e uma mulher; ao homem não é lícito ter mais de uma mulher nem à mulher mais de um marido, ao mesmo tempo (Gênesis 2.24; Mateus 19.4-6; Romanos 7.3).<sup>23</sup> O matrimônio foi ordenado para o mútuo auxílio de marido e mulher, para a propagação da raça humana por uma sucessão legítima e da Igreja por uma semente santa, e para impedir a impureza (Gênesis 2.18; Gênesis 9.1; Malaquias 2.15; 1Coríntios 7:2,9). A todos os que são capazes de dar um consentimento ajuizado, é lícito casar; mas é dever dos cristãos casar somente no Senhor; portanto, os que professam a verdadeira religião reformada não devem casar-se com infiéis, papistas ou outros idólatras; nem devem os piedosos prender-se desigualmente pelo jugo do casamento aos que são notoriamente ímpios em suas vidas ou que mantêm heresias perniciosas (Hebreus

<sup>23</sup> WILSON, G. B., *Romanos*, São Paulo: PES, 1981, 177

13:4; 1Timóteo 4.3; Gênesis 24.57-58; 1Coríntios 7.39; 2Coríntios 6.14). Não devem casar-se as pessoas entre as quais existem os graus de consanguinidade ou afinidade proibidos na palavra de Deus, tais casamentos incestuosos jamais poderão tornar-se lícitos pelas leis humanas ou consentimento das partes, de modo a poderem coabitar como marido e mulher (1Coríntios 5.1; Marcos 6.18; Levíticos 18.24,28). O adultério ou fornicação cometida depois de um contrato, sendo descoberto antes do casamento, dá à parte inocente justo motivo de dissolver o contrato; no caso de adultério depois do casamento, à parte inocente é lícito propor divórcio, e depois de obter o divórcio casar com outrem, como se a parte infiel fosse morta (Mateus 1.18-20; Mateus 5.31-32; Mateus 19.9). Posto que a corrupção do homem seja tal que o incline a procurar argumentos a fim de indevidamente separar aqueles que Deus uniu em matrimônio, contudo só é causa suficiente para dissolver os laços do matrimônio o adultério ou uma deserção tão obstinada que não possa ser remediada nem pela Igreja nem pelo magistrado civil; para a dissolução do matrimônio é necessário haver um processo público e regular, não se devendo deixar ao arbítrio e discricção das partes o decidirem seu próprio caso (Mateus 19.6-8; 1Coríntios 7.15; Deuterônimo 24.1-4; Esdras 10.3).<sup>24</sup>

Os ensinamentos confessionais preservam a heterogeneidade e a monogamia como mútuo auxílio entre os cônjuges para que haja continuidade na raça humana, para que haja um serviço responsável na igreja e para a preservação da pureza. Quem está no Senhor deve casar-se com alguém no Senhor para que não haja idolatria no lar. O adultério ou a deserção obstinada são causas suficientes para o divórcio dando à vítima ou ao abandonado a condição de “parte inocente”, livre para contrair um novo contrato.

Além disso, é possível desenvolver um raciocínio sobre a importância da família no decorrer dos tempos. Tanto na cultura israelita do Antigo Testamento como na cultura helênica do Novo Testamento a estrutura da família consiste em pais e filhos, parentes de várias gerações, servos e, mesmo, amigos, dependendo dos recursos econômicos do chefe da família. A Bíblia acentua sua importância como uma unidade espiritual e base do treinamento para o caráter adulto maduro<sup>25</sup>.

### 1.2.1 Na autoridade da família

A Bíblia descreve uma clara estrutura da autoridade dentro da família, pela qual o marido conduz a esposa e os pais conduzem os filhos. Percebe-se este conceito nas instruções de Pedro:

Mulheres, sede vós, igualmente, submissas a vosso próprio marido, para que, se ele ainda não obedece à palavra, seja ganho, sem palavra alguma, por meio do procedimento de sua esposa, ao observar o vosso honesto comportamento cheio de temor. Não seja o adorno da esposa o que é exterior, como frisado de cabelos, adereços de ouro, aparato de vestuário; seja, porém, o homem interior do coração, unido ao incorruptível traje de um espírito manso e tranquilo, que é de grande valor diante de Deus. Pois foi assim também que a si mesmas se ataviaram, outrora, as santas mulheres que esperavam em Deus, estando submissas a seu próprio marido, como fazia Sara, que obedeceu a Abraão, chamando-lhe se-

<sup>24</sup> ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER: *A Confissão de Fé de Westminster*. Do Matrimônio e do Divórcio. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1980.

<sup>25</sup> PACKER, J. I., *Teologia Concisa*, São Paulo: Cultura Cristã, 1999, 05

nhor, da qual vós vos tornastes filhas, praticando o bem e não temendo perturbação alguma. Maridos, vós, igualmente, vivei a vida comum do lar, com discernimento; e, tendo consideração para com a vossa mulher como parte mais frágil, tratai-a com dignidade, porque sois, juntamente, herdeiros da mesma graça de vida, para que não se interrompam as vossas orações (1Pe 3.1-7).

Por isso, a liderança deve ser exercida como uma forma de ministério, mais do que como uma tirania, esses papéis de liderança doméstica devem ser cumpridos em amor sacrificial em favor de um plano maior, a estabilidade da família (Ef 5.22—6.4; Cl 3.18-21).

### 1.2.2 Na instrução da família

O quarto mandamento exige que o chefe de família conduza toda sua família na observância do Dia do Descanso; o quinto mandamento exige que os filhos respeitem os pais e se submetam a eles (Êx 20.8-12; Ef 6.1-3). Jesus se opôs ferozmente a supostos gestos de piedade que, na realidade, eram formas de evitar a responsabilidade para com os pais (Mc 7.6-13), e antes de morrer, assistiu à sua mãe (Jo 19.25-27).

O apóstolo Pedro, percebendo as dificuldades na vida familiar diária, depois de instruir sobre os papéis de cada um no lar, apontou para o amor cristão como base dos relacionamentos.

Finalmente, sede todos de igual ânimo, compadecidos, fraternalmente amigos, misericordiosos, humildes, não pagando mal por mal ou injúria por injúria; antes, pelo contrário, bendizendo, pois para isto mesmo fostes chamados, a fim de receberdes bênção por herança. Pois quem quer amar a vida e ver dias felizes refreie a língua do mal e evite que os seus lábios falem dolosamente; aparte-se do mal, pratique o que é bom, busque a paz e empenhe-se por alcançá-la. Porque os olhos do Senhor repousam sobre os justos, e os seus ouvidos estão abertos às suas súplicas, mas o rosto do Senhor está contra aqueles que praticam males (1Pe 3.8-12).

Conclui-se que a família deve ser uma comunidade de ensino e aprendizado a respeito de Deus e da piedade. As crianças devem ser instruídas desde a mais tenra idade (Gn 18.18,19; Dt 4.9; 6.6-8; 11.18-21; Pv 22.6; Ef 6.4). A disciplina deve ser usada como meio de conduzir as crianças à sabedoria e ao domínio próprio (Pv 13.24; 19.18; 22.15; 23.13,14; 29.15,17), porque na família de Deus a intenção é disciplinar com amor (Pv 3.11,12; Hb 12.5-11).

### 1.2.3 No testemunho da família

A família foi instituída para funcionar como uma unidade espiritual em atitude cúltica constante. A Páscoa, no Antigo Testamento, era uma observância da família (Êx 12.3). Ela deve ter compromisso com o serviço, segundo o testemunho de Josué quando disse: "Eu e minha casa serviremos ao Senhor" (Js 24.15). As famílias se tornaram as unidades de dedicação cristã nos tempos do Novo Testamento (At 11.14; 16.15, 31-33; 1Co 1.16). A aptidão dos candidatos a oficiais, na igreja, era avaliada pelo seu modo de governar a própria família (1Tm 3.4, 5, 12; Tt 1.6). Hoje há muitas obras publicadas para auxílio das famílias.<sup>26</sup>

As leis do casamento foram criadas por Deus para que o matrimônio fosse uma demonstração de união em relação pactual, no entanto, os efeitos da queda afetaram este acordo e a missão de ser uma só carne ficou mais difícil. O marido deveria exercer a liderança espiritual e a esposa deveria ser a fiel auxiliadora, mas os papéis que deveriam ser definidos tornaram-se motivo de discórdias, disputas e exageros.

Por isso a quebra dos mandamentos contida no decálogo "*Não adulterarás e não cobiçarás*" está entre os principais motivos para crises conjugais. O surgimento de conflitos e a dificuldade de solução fizeram do casamento um campo de insatisfação. Mas a Bíblia, como é possível ver a seguir, tem orientações para os possíveis problemas familiares.

#### 1.2.4 Na fidelidade mútua

O mandamento "*Não adulterarás*" (Êx 20.14) aponta inicialmente para as relações sexuais ilícitas mas quando foi citado por Jesus (Mt 5.27) aponta para a infidelidade no coração:

Ouvistes que foi dito: Não adulterarás. Eu, porém, vos digo: qualquer que olhar para uma mulher com intenção impura, no coração, já adulterou com ela. Se o teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não seja todo o teu corpo lançado no inferno. E, se a tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém que se perca um dos teus membros, e não vá todo o

---

<sup>26</sup> Sigmund Bauman publicou um livro com o título "Medo Líquido", no qual ele explora toda a fragilidade dos tempos atuais que vivem como se não houvesse absolutos (Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 2008). Ele também é autor de outro texto, um pouco mais antigo com o título "O mal-estar da pós-modernidade", em que apresenta um quadro vivido sobre tendências altamente líquidas em surgimento nos últimos tempos (Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar, 1998). John Benton escreveu sobre "Pós-modernismo e culto ao indivíduo" antecipando que os tempos futuros seriam ainda mais individualizantes que os tempos antigos (São Paulo, SP: Editora Monergismo, 2006). Na mesma perspectiva Héber Carlos de Campos escreveu há algum tempo "O Pluralismo do Pós-Modernismo" (São Paulo, SP: Instituto Presbiteriano Mackenzie, 1997). Timothy Keller, Susan Hunt e Augustus Nicodemus Lopes em livros voltados à família desenvolvem conceitos de significado, graça e relacionamento. Keller escreveu "O Significado do Casamento". (São Paulo: Vida Nova, 2012). Hunt escreveu "A graça que vem do lar". (São Paulo: Cultura Cristã, 2005). LOPES e sua esposa Minka escreveram "A Bíblia e sua família: exposições bíblicas sobre o casamento, família e filhos". (São Paulo: Cultura Cristã, 2001). Edith Schaeffer e o casal Gerard/Harriet van Groningen escreveram bons livros para auxílio de casais. Edith escreveu "A celebração do matrimônio" (São Paulo: Cultura Cristã, 2000). O casal van Groningen publicou o conhecido livro "A família da aliança: instruções bíblicas para a vida familiar que honra a Deus". (São Paulo: Cultura Cristã, 2000)

teu corpo para o inferno. Também foi dito: Aquele que repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio. Eu, porém, vos digo: qualquer que repudiar sua mulher, exceto em caso de relações sexuais ilícitas, a expõe a tornar-se adúltera; e aquele que casar com a repudiada comete adultério (Mateus 5.27-32)

O coração do ser humano é profundamente corrupto para fazer do adultério uma prática aceitável. É simples, justifica-se pela consequência e não pela causa. A história mostra que tolera-se um adúltero com muito mais facilidade do que um ladrão ou assassino. Por quê? Não são mandamentos iguais? Possivelmente, a aceitação venha do fato que o assassinato tem como consequência a morte e o adultério não provoca a morte da outra pessoa. Mas, os dois não são uma desobediência? Do ponto de vista da causa, ambos usurparam a ordem e avançaram para além do permitido.<sup>27</sup> Deus foi desobedecido e menosprezado em ambos os casos.

O termo traduzido como "*adultério*" significa "ter relação ilícita com a mulher de outro ou homem de outra". É uma expressão com origem na língua hebraica que ressalta descumprimento de votos. Ao comer coisas sacrificadas a ídolos, o povo evidenciava a sua idolatria, e com isso, demonstrava que estava em relação com outra divindade, ou seja, um adultério. Assim, a expressão "*Não adulterarás*" também aponta para a infidelidade do povo para com Deus no relacionamento exclusivo proposto pelo Senhor.

O mandamento proíbe a quebra do acordo vitalício pela infidelidade porque o acordo conjugal pressupõe exclusividade por toda a vida. É proibido relativizar o que é absoluto, que é o contrato firmado mediante testemunhas. Jesus enfatizou a proibição como instrução severa ilustrando a natureza da sua ética. Jesus afirma que olhar com a intenção impura no coração já caracteriza o desvio da obediência, e por isso, é quebra de mandamento.

Nas Escrituras, podemos identificar algumas razões para que o adultério seja proibido: A palavra representa um acordo assumido; O adultério significa um tipo de descumprimento do acordo firmado e uma agressão à dignidade do outro; Paulo afirmou que o relacionamento entre Cristo e sua igreja é um paradigma que deve ser exercido no casamento cristão.

Paulo expressou este conceito desta forma:

As mulheres sejam submissas ao seu próprio marido, como ao Senhor; porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja, sendo este mesmo o salvador do corpo. Como, porém, a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo submissas ao seu marido. Maridos, amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela, para que a santificasse, tendo-a purificado por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja

---

<sup>27</sup> SANTOS, Valdeci da Silva,. *A luta cristã pela fidelidade conjugal*: Um matrimônio digno em uma sociedade adúltera. FIDES REFORMATATA XI, No 1 (2006): p. 9-23. Em 28 de março de 2005 foi revogado o art. 240 do Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940. O Novo Código Civil manteve o adultério como causa a ensejar a separação judicial, contudo, sem qualquer punição para o cônjuge.

gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito. Assim também os maridos devem amar a sua mulher como ao próprio corpo. Quem ama a esposa a si mesmo se ama. Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja; porque somos membros do seu corpo. Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne. Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja. Não obstante, vós, cada um de per si também ame a própria esposa como a si mesmo, e a esposa respeite ao marido (Efésios 5.22-33).

Afirma-se então que o mandamento “*Não adulterarás*” proíbe o adultério e/ou a intenção de praticá-lo. O mandamento protege o acordo firmado, pois o adultério é um pecado contra Deus. Jesus considerou a infidelidade no coração como anterior à prática do adultério físico. Se não são as mãos ou os olhos que provocam a luxúria, como guardar o coração para que o mesmo não seja a fonte da infidelidade? E registra-se um questionamento: Por que, culturalmente, adultério parece ser algo sem gravidade? Como ensinar os filhos que Deus nunca atenuou a cobrança em relação à fidelidade? Como resistir à cultura mantendo a posição contrária ao adultério?

#### 1.2.5 Na satisfação da provisão de Deus

Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem o seu servo, nem a sua serva, nem o seu boi, nem o seu jumento, nem coisa alguma que pertença ao teu próximo. (Êx 20.17)

A expressão “*Não cobiçarás*” aponta inicialmente para os anseios pessoais porque o coração do homem nunca está satisfeito. Embora esteja escrito em Hebreus 13.5-6 que deve-se satisfazer com o que se tem, não há limites para alguém que sempre busca algo mais como se algo lhe estivesse faltando.

O autor aos Hebreus fez a seguinte asseveração:

Seja a vossa vida sem avareza. Contentai-vos com as coisas que tendes; porque ele tem dito: De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei. Assim, afirmemos confiantemente: O Senhor é o meu auxílio, não temerei; que me poderá fazer o homem? (Hebreus 13.5-6)

O verbo hebraico traduzido por “cobiçar” significa “desejo”. É o termo que fez parte da confissão de Acã em Josué 7.21: "Quando vi entre os despojos uma boa capa babilônica, e duzentos siclos de prata, e uma barra de ouro do peso de cinquenta siclos, cobicei-os e tomei-os; e eis que estão escondidos na terra, no meio da minha renda, e a prata, por baixo" (Js 7.21).

“*Não cobiçarás*” também denunciava a insatisfação do povo para com Deus, que se sentia abandonado em muitas circunstâncias. Alguns séculos depois o rei Davi escreveria no Salmo 23: “O Senhor é o meu pastor, e nada me faltará”.

Na carta aos Romanos Paulo ressalta que cobiça é pecado:

Que diremos, pois? É a lei pecado? De modo nenhum! Mas eu não teria conhecido o pecado, senão por intermédio da lei; pois não teria eu conhecido a cobiça, se a lei não dissesse: Não cobiçarás. Mas o pecado, tomando ocasião pelo mandamento, despertou em mim toda sorte de concupiscência; porque, sem lei, está morto o pecado. Outrora, sem a lei, eu vivia; mas, sobrevindo o preceito, reviveu o pecado, e eu morri. E o mandamento que me fora para vida, verifiquei que este mesmo se me tornou para morte. Porque o pecado, prevalecendo-se do mandamento, pelo mesmo mandamento, me enganou e me matou. Por conseguinte, a lei é santa; e o mandamento, santo, e justo, e bom. Acaso o bom se me tornou em morte? De modo nenhum! Pelo contrário, o pecado, para revelar-se como pecado, por meio de uma coisa boa, causou-me a morte, a fim de que, pelo mandamento, se mostrasse sobremaneira maligno. Porque bem sabemos que a lei é espiritual; eu, todavia, sou carnal, vendido à escravidão do pecado. Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. (Romanos 7.7-15)

Tiago também registrou que a cobiça pode conduzir a muitos pecados. "Ninguém, ao ser tentado, diga: sou tentado por Deus; porque Deus não pode ser tentado pelo mal e ele mesmo a ninguém tenta. Ao contrário, cada um é tentado por sua própria cobiça, quando esta o atrai e seduz. Então, a cobiça, depois de haver concebido, dá a luz o pecado; e o pecado, uma vez consumado, gera a morte" (Tg 1.13-15).

O mandamento proíbe alguém de querer para si o que não é seu dentro dos limites legais. A cobiça pode levar a crimes passíveis de pena judicial como furtos, roubos e assassinatos. A cobiça demonstra descontentamento acerca da vontade de Deus. Ela demonstra a arrogância humana ao tentar estabelecer um novo destino para si.

Em contraponto, alegria é uma expressão identificada com o fruto do Espírito (Gl 5.22) e aparece muitas vezes na carta de Paulo aos Filipenses para que eles regozijem-se nas vitórias do evangelho. A família deve viver com instruções para uma identificação com Cristo porque cada membro é cooperador no mesmo compromisso com alegria, satisfação, gratidão, oração, cooperação, comunhão. Cada membro é participante da mesma graça sendo aperfeiçoado por Deus, com testemunho de apoio mútuo, aprimorando os sentimentos fraternais. Cada participante tem o privilégio de praticar mais amor benevolente, crescer em conhecimento, desenvolver empatia, e prosseguir para a plenitude em Cristo.

Conclui-se que o mandamento ensina a atitude correta em relação ao sucesso dos outros, e que o mandamento ensina a leitura adequada acerca da provisão de Deus para a vida. Quem não

domina a cobiça é dominado por ela porque trata-se de uma força dentro do coração. Resistir aos seus impulsos é a atitude mais inteligente porque evidencia confiança em Deus.

## **1.3 Estabelecimento do procedimento bíblico-confessional**

### 1.3.1 Na dependência de Deus nos relacionamentos

Deus sempre amou ao mundo. Moisés registra na criação que a cada novidade, a cada novo dia, Deus expressava sua satisfação com a frase: Tudo era bom! A queda, porém, trouxe consigo uma dura pena ao homem. Expulso do jardim, a humanidade teria dificuldade em buscar ao Senhor, conviver com o seu semelhante e administrar a natureza.

Mas Deus nunca retrocedeu no seu propósito de redimir o homem do seus pecados (Rm 3.21-23). Haveria um dia em que a relação com Deus seria restaurada, a relação entre semelhantes seria uma possibilidade e a administração da natureza seria uma prática natural para os seus filhos.

### 1.3.2 No descanso acerca do tempo de Deus

Homens como tipificações do messias foram conhecidos desde a antiguidade. Abraão, Isaque, Jacó, José, Moisés, Josué, Davi, e alguns outros, lembravam o povo acerca do Deus que tinham, e da sua relação com ele, e a Lei determinava os limites. Os profetas propagaram a centralidade de Deus e os heróis da fé viveram e morreram na certeza que Deus orquestrava um plano redentivo para o seu povo.

Deus preparou o mundo através dos séculos para o nascimento de Jesus. Acima de tudo, essa foi a grande preparação de Deus nesse mundo. Séculos antes de enviar seu Filho, Deus enviou sua Lei e a Lei ajudou a preparar o mundo para que Jesus nascesse.

Portanto, a plenitude dos tempos se refere ao tempo quando Deus, em sua soberania, terminou os preparativos para executar o plano da Redenção. A Lei já havia cumprido seu propósito de mostrar ao homem seu estado de completa inaptidão para servir a Deus, e o próprio Deus já havia largamente indicado que a forma de salvação era pelo derramamento de sangue, conforme o sistema de sacrifício vigente no templo demonstrava.

Assim, o ato de enviar o seu filho foi a maior demonstração do amor de Deus. A conta era impagável, o preço teria de ser o sangue que Jesus derramou pelos homens. A cruz foi o local do martírio do filho de Deus e da redenção de todos os filhos de Deus.



### 1.3.3 Na redenção como solução para a corrupção do pecado

O homem em seu estado natural é mau e pratica o mal, e se especializa em fazer sempre o que é mau porque o seu coração é desesperadamente corrupto. Para o homem em seu estado de queda, a iniquidade não tem limites. Somente uma intervenção externa poderia alterar uma essência terrivelmente dominada pelo pecado. O estado natural do homem é degenerativo, autodestrutivo e contaminante, completamente destituído da glória de Deus (Rm 3.23). O homem corrompido pelo pecado, desprovido de qualquer capacidade de mudar sua situação, marcha para a auto-destruição numa vida de separação de Deus.

A vinda de Jesus é a grande intervenção de Deus na história a fim de recuperar o território perdido, e reconduzir o mundo rudimentar ao propósito original. Uma excelente interpretação da expressão “rudimentos do mundo” nos é dada por William Hendriksen:

Sempre houve regras e ordenanças, pelas quais, antes da vinda de Cristo, os indivíduos, tanto judeus como gentios cada um à sua maneira, buscavam por seu próprio esforço alcançar, e segundo a disposição de sua própria natureza carnal, sua salvação. No entanto, todas estas práticas perderam o valor diante da graça proporcionada pelo sacrifício de Cristo.<sup>28</sup>

Por séculos os teólogos têm debatido acerca do mistério cristológico procurando entender suficientemente a essência desse Deus que se fez homem. Essa porém, é a essência do cristianismo: Deus adentrou ao tempo e se fez um de nós. Ao vir para esse mundo, Jesus entrou pela porta comum pela qual todos entram, nascendo de mulher.

João Calvino (1509-1564) diz que Jesus “se vestiu de nossa natureza”<sup>29</sup> e o apóstolo João diz que “o verbo se fez carne”. Tudo isso nos aponta para a real e específica encarnação de Cristo, o maior de todos os mistérios da teologia. Ele não apenas pareceu um homem, ele foi um homem de fato em todos os sentidos. Ele é a solução para o problema do mal que está em todos. Ele é o libertador dos escravos, que agora se tornam filhos, tendo sua condição alterada totalmente e definitivamente.

Constata-se, humildemente, que cristianismo pode apresentar a solução para o mal existente no mundo, para a depravação que norteia os passos da humanidade. A solução é a vida e a obra de Jesus Cristo. Muitos se dizem cristãos porque fazem certas obras ou têm certos comportamentos, mas isso é um equívoco, ninguém é cristão por algo que faz e sim por sua postura em relação a Cristo. Os cristãos não salvos pelos ensinamentos de Jesus mas são salvos por Jesus Cristo, o Messias.

<sup>28</sup> HENDRIKSEN, W., *Efésios*, São Paulo: Casa Editora Presbiteriana: 1992. 324

<sup>29</sup> CALVINO, J., *Comentário de Hebreus*. SP: Editora Fiel, 2012. 74-76

## 1.4 Reconhecimento dos princípios aliancistas

O povo a Aliança deveria “inculcar” a Palavra na vida de outras pessoas (Dt6.7). A responsabilidade de um servo do Senhor era “inculcar” os ensinamentos de Deus na vida dos seus filhos, dos seus servos e, inclusive, do estrangeiro que peregrinava com ele (Lv 18.26), todos aqueles que entravam na Aliança de Deus. Então, o testemunho acerca do Senhor deveria ser em todos os momentos: assentado, andando, ao deitar, ao levantar...

Moisés repetiu os mandamentos ao povo que estava prestes a entrar em Canaã (Dt 6.4-12). A Lei foi instituída por Deus, para mostrar que somente Ele deve ser Senhor do povo que salvou (Dt 5.6-7). Moisés inicia a sessão sobre o ensino (discipulado) resumindo a primeira parte da Lei dizendo que Deus é o único Senhor e objeto de amor do povo (Dt 6.4-5).

O filho da Aliança deveria submeter a vida à Lei do Senhor (Dt 5.6). O “coração”, nas Escrituras, é o centro de toda vida humana. Nele se processam pensamentos (Mc 2.8), emoções (Ne 2.2), vontade (1Cr 28.2). O que Moisés afirma com “*as palavras estarão no teu coração*” é que a vida daquele que é salvo por Deus, deve ser completamente dominada pela Palavra de Deus.

O povo entraria em Canaã, com cidades já edificadas, casas com tudo o que é bom, poços abertos, vinhas plantadas, nada feito por eles. Com tudo isso, poderiam se esquecer de quem os salvou (Dt 6.12). Estas coisas, poderiam se tornar ídolos. Logo, o discipulado é necessário porque serve para prevenção e obediência.

O conceito bíblico de discipulado familiar é percebido na trajetória do povo de Deus. As verdades iniciais acerca de Deus e do seu poder foram impactantes, mas o discipulado trazia consistência para a caminhada. A verdade convence e o ensino contínuo fortalece as convicções.<sup>30</sup> A proposta de discipulado inclui o serviço nos cultos na igreja e nas casas, a frequência na Escola Bíblica Dominical, a leitura das Escrituras, os encontros pastorais para acompanhamento e leitura sugerida.

Deus deve ser o alvo de amor do cristão. Jesus ensinou que um verdadeiro discípulo dele cumpre a lei, abandonando os ídolos de seu coração (Mc 10.17-22), adorando a um só senhor (Lc 16.13), crendo que Deus pode cumprir a sua promessa intervindo na história (Dt 6.10). O discipulado previne contra a idolatria e conduz o eleito à obediência ao mandamento de “Amar a Deus sobre todas as coisas”.

No entanto, o matrimônio não é uma instituição isenta de pecados. Por isso, no tratamento de casais em crise prioriza-se tomar conhecimento da situação e relacioná-la com a Palavra de Deus

---

<sup>30</sup> MORRIS, Leon. *1Coríntios: Introdução e Comentário*. São Paulo: Vida Nova, 1981.32

e com a oração conjugal. O entendimento do caso em si possibilita o fundamento do aconselhamento com as Escrituras. Os princípios bíblicos do cristianismo sustentados pela teologia reformada deve ser utilizados para formar no casal o conceito triplo de fé, amor e esperança. Tendo a Bíblia como o livro texto para o aconselhamento, inicia-se o tratamento que leva o casal a um compromisso de manutenção do relacionamento.

A continuidade se dá com leituras sugeridas para o caso, com um canal aberto para conversar e dirimir dúvidas, de forma que o acompanhamento seja executado em ambiente de confiança mútua. Há a indicação de literatura básica sobre casamento e família para que, sob acompanhamento, o compromisso conjugal seja reafirmado.

Por fim, avalia-se os procedimentos preservando o objetivo da solução do caso. A última parte aponta para o discipulado, uma forma de fortalecer os laços e contribuir com outros casais em dificuldades. A metodologia aplicada deve propor a assiduidade nos cultos públicos e na escola bíblica dominical, manter uma agenda de leitura das escrituras em conjunto, manter uma conversa semanal com o conselheiro por algum tempo e ler sobre o assunto em literatura sugerida.

## 2 DISCIPULADO FAMILIAR NA CASA DE ABRAÃO

Ora, disse o SENHOR a Abrão: Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai e vai para a terra que te mostrarei; de ti farei uma grande nação, e te abençoarei, e te engrandecerei o nome. Sê tu uma bênção! Abençoarei os que te abençoarem e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; em ti serão benditas todas as famílias da terra (Gn 12.1-3).

Nesta passagem Deus fala com Abrão e ordena que ele parta da sua terra, dos seus parentes, da casa do seu pai e promete fazer dele uma grande nação abençoando-o e engrandecendo-lhe o nome. Ordena novamente que ele seja uma bênção e promete novamente abençoar que lhe abençoar e amaldiçoar que lhe amaldiçoar. Desta forma seriam benditas todas as famílias da terra.

A estrutura do texto segue uma lógica em que fica claro que o cumprimento de todas as promessas e até mesmo a profecia dependeria da resposta positiva de Abrão. Com um chamado irresistível, não haveria como Abrão tomar uma atitude negativa. Assim, todas as promessas haveriam de ser cumpridas.

Deus falou com Abrão. O verbo “dizer” tem ampla variedade de sentido. Embora a língua hebraica apresente um uso bem documentado e frequente com o sentido de “ordenar”, também é usado dando o sentido próximo do equivalente português “dizer”. Todavia a palavra “dizer” reúne várias conotações, dependendo do contexto onde é usada.

Por exemplo, às vezes quer dizer “ordenar”. Estes casos são aqueles em que a palavra é dita por Deus ou por alguma autoridade humana competente. Deus ordenou a Abraão que saísse de sua terra (Gn 12.1).

A Bíblia não se preocupa em apresentar detalhes sobre a forma que Deus falou a Abraão, mas deixa claro que foi de uma forma totalmente concreta e compreensível. Deus ordenou a saída. A maioria dos comentaristas considera este imperativo divino como um teste de fé: Abrão teria de deixar a segurança e ir para uma terra desconhecida prometida por Deus.

Esta ordem tem como implicação deixar para trás todo o ambiente pagão, idólatra e toda a pecaminosidade em que Abraão vivia, a começar com os de sua casa (Js 24.2). Mas esse processo

de separação não se completou antes do capítulo 13, quando Abraão se aparta do seu sobrinho Ló, (Gn 13.7-18). O chamamento foi feito pela primeira vez quando Abraão ainda estava em Ur dos Caldeus, (At 7.2-4), mas a separação foi gradual.

Primeiro Abraão saiu de sua terra, mas junto com sua parentela (11.31) moraram em Harã, até que seu pai morreu. E Depois se separa de Ló com um justo acordo proposto por Abraão. Derek Kidner diz que: “é razoável pensar que ele estava aguardando pacientemente o tempo de Deus, até que os laços familiares fossem desfeitos de forma honrosa.”

Deus prometeu mostrar a terra. Esta terra não havia sido indicada de forma clara e evidente, mas somente lhe seria mostrado no tempo oportuno. Quando Abraão chega em Siquém centro de Canaã, o Senhor apareceu-lhe e disse: “A tua descendência darei esta terra (Gn 12.7).” Aqui o Senhor especifica a terra prometida, Abraão teve que sair do conhecido para um lugar desconhecido, sendo que obedeceu “indo para um lugar que havia de receber por herança; e saiu sem saber para onde ele ia (Hb 11.8).

Deus prometeu uma nação. O Senhor primeiro dá uma ordem, e agora uma série de promessas. Uma promessa de fazer Abraão, já velho, uma grande nação; mas o que significa esta grandeza dos descendentes de Abraão? Pois ela não foi numerosa (Dt 7.7), nem produziu grandes filósofos, como os gregos, ou um grande sistema político e judiciário, como os romanos. A grandeza de Israel foi uma grandeza espiritual, e que, pela definição, foi pelo Espírito de Deus e não pelo esforço ou empreendimento humano.

Deus prometeu abençoar. Além de fazer “grande” a nação que o Senhor disse que surgiria a partir de Abraão, Ele promete também abençoá-lo. Esta foi a promessa à pessoa de Abraão. Uma pessoa é abençoada “por causa da obra graciosa de Deus, as coisas vão bem com ele e tudo o que ele faz é próspero”. E Abraão foi neste sentido abençoado, pois o Senhor prosperou sua família, seus negócios, e ele ficou famoso por sua fé, tanto no Antigo Testamento como no Novo Testamento.

Bênção, no aspecto espiritual, significa a proteção contra o mal, a doação da graça, a prolongação da paz e da felicidade (Nm 6.24-26). Ser abençoado tem um significado tanto material quanto espiritual, em ambos os sentidos estão incluídos em ser próspero e bem-sucedido na vida.

Deus prometeu engrandecer o nome. Quando o Senhor se refere ao nome, ele fala da pessoa de Abraão, pois “o nome revelava o caráter, as qualidades, os atributos e a essência das pessoas”, e também ao grupo, o clã ao qual pertencia. Abraão havia deixado seu clã, ele havia perdido sua referência, e o Senhor promete fazer uma grande nação e engrandecê-la. Ele se tornou famoso, e vários nomes lhe são dados; ele passa a ser chamado pai de uma multidão (17.5); príncipe de Deus (23.6);

e profeta (20.7). Recebendo um novo caráter, qualidades, e atributos provenientes de Deus, e tornando-se uma referência para os seus descendentes.

O Senhor prometeu que ele abençoaria Abraão, e agora ordena que ele se torne uma bênção; realmente quem irá fazer com que Abraão seja uma bênção sobre os outros é o Senhor, mas a responsabilidade moral de Abraão é envolvida, e ele poderia fazer sua parte, podendo tornar-se uma bênção para os outros. Agora ele “não somente recebe a bênção, mas também é uma bênção; não somente é abençoado por Deus, mas também se torna uma bênção, ou um meio de abençoar a outros.” Ser bendito é desfrutar da própria presença de Deus, ter comunhão com Ele, e ser enriquecido por tudo o que é e oferece, assim como ele se dava a si mesmo a Abraão. O real conceito de Bênção, portanto, é a idéia de “Deus Conosco”, Emanuel (Is 2.14; Mt 1.23).

Abraão tornou-se o canal de bênção pelo qual Deus alcançaria outras nações, ele próprio tornou-se disponível e acessível a todos. E, realmente, de Abraão veio o povo de Israel, de Israel as Escrituras e o Salvador.

O Senhor expõe o papel de mediador que Abraão deveria exercer na aliança. Afirmando que a bênção e a maldição sobre os homens dependeriam inteiramente do modo de como eles se relacionariam com Abraão. Ele não era meramente o mediador, mas o canal da bênção para todos; “... os que te abençoarem”, isto significa que aqueles que apresentassem simpatia, amizade e procurassem ajudar Abraão, também receberiam a bênção de Deus. E o inverso também seria verdadeiro.

Um pouco antes, em Gênesis 11.7-9, o Senhor confundira e espalhou as famílias sobre a face da terra, causando um distanciamento entre as famílias, refletindo o distanciamento que as famílias tinham com Deus; elas agora estavam separadas de Deus por causa do pecado, e precisavam ser reconciliadas por Ele, através de uma bênção, que estendesse seus efeitos “a todas as famílias da terra...”, esta promessa é definitivamente messiânica e determina que o Messias surgiria da linhagem de Abraão. Mas ela também possuía um aspecto pessoal, lembrando que em Abraão a aliança do Senhor se estenderia ao seu povo tornando Abraão um tipo daquele que viria e seria o Mediador entre Deus e “todas as famílias da terra”.

A eleição de Abraão não é projetada para isolar esta família das outras famílias da terra. Pelo contrário, esta família é se tornar o veículo pelo qual podem ser reconciliadas todas as famílias da terra a Deus. Em Abraão e nos seus descendentes “todas as nações da terra seriam abençoadas”. Assim a seleção da família de Abraão é um meio no plano de restauração de Deus para o mundo.

Mas, desde o início, a Palavra de Deus, deixa bem claro, que existem duas linhas de família, os descendentes da maldição e da bênção; os filhos de Caim e os filhos de Sete; a raça humana e a família de Noé; e mesmo em Abraão, nascendo-lhe Isaque e Ismael, o segundo não entra na aliança; e Paulo

faz a exposição desta doutrina em Gálatas 4.24- 31; dos descendentes de Isaque, um é rejeitado, e somente Jacó é escolhido para estender a aliança adiante. (Rm 9). E esta relação entre as famílias de todos os povos, línguas e culturas, restauradas em Cristo, formando um só corpo, uma só família, a família da aliança.

O Senhor tomou a iniciativa. Em todos os casos está registrado que o Senhor estabeleceu sua aliança, a começar no pacto da criação. Em lugar algum do registro divino, se encontra escrito que o homem quis buscar a Deus por iniciativa própria, pelo contrário, sempre é Deus quem soberanamente traz o homem até ele.

O Senhor requereu a separação do pecado. Abraão vivia no meio de um ambiente pecaminoso, e certamente era influenciado por estes, embora Deus providencie uma separação honrosa, com a morte de seu pai (Gn 11.32), e depois quando ele o separou de (Gn 13.7-18), o Senhor soberanamente fez com que Abraão ficasse em Canaã, enquanto Ló escolhe para si, as campinas do Jordão. Abraão deveria perder aquele referencial de vida (pecaminosa), e se tornar um referencial de vida conforme a vontade do Senhor (Santo).

O Senhor retribuiria conforme a resposta. Pela fé Abraão obedeceu, foi um abençoado e um abençoador, e todos os que se relacionassem com ele deveriam respeitá-lo como agente ou representante do Senhor, e seriam abençoados por isso; caso contrário receberiam a justa punição pela sua arrogância, e desrespeito. Quando Abraão obedeceu pela fé, em resposta ao chamado de Deus, que é eficaz, ele recebeu graciosamente várias promessas, tanto espirituais, quanto materiais. Então, entendemos que o Senhor nos chama, nos convence de nossas necessidades espirituais, e muda nossa natureza. Ele nos dá fé e assim nos capacita a obedecê-Lo, e mesmo sendo tudo isso de forma graciosa, ele nos recompensa pela nossa obediência, pelo fato de sermos seres morais e termos responsabilidades diante de Ele.

O Senhor prometeu bênção e maldição. Não podemos dizer de forma inconseqüente que todas as promessas da Bíblia são para os salvos, pois nela existem promessas de bênção e maldição. Aos participantes da aliança a sua desobediência gera disciplina do Senhor, mas para os que estão fora dessa aliança, gera a ira de Deus, vindo a merecida punição.

Em circunstâncias financeiras, os ímpios podem ser prósperos, mas há diferenças enormes entre eles e os servos do Senhor (Sl 34, 37, 73); espiritualmente os ímpios estão mortos, sem ligação nenhuma com Deus, mas os servos do Senhor possuem vida, pois estão numa relação pactual com Deus.

Deus separa um povo para o serviço. Quando Deus separa, ele exige santificação negativa e positiva. Santificação negativa, pois devemos abster-nos de toda forma do mal, e até de sua aparên-

cia (1Ts 5.22). Na santificação positiva, devemos obedecer aos preceitos do Senhor, trabalhar ativamente, praticando o que é bom e agradável ao Senhor. Obedecendo e levando outros a obedecerem também. Sendo luz para iluminar, sendo imitadores de Cristo para que, outros vejam em nós o referencial de vida divino e nos imitem, não como modelo de perfeição, mas de transformação de vida.

O povo é descendente de Abraão segundo a Aliança. Paulo expõe isto de forma clara e objetiva interpretando a promessa de Deus a Abraão (12.3), nos capítulos 9,10 e11 de Romanos, quando ele descreve quem é a verdadeira família da aliança.

Quando Moisés escreveu Gênesis, tinha esse objetivo comunicar aquele povo, que eles eram os descendentes de Abraão segundo a carne, e também espiritualmente, embora nem todos, muitos foram nitidamente rejeitados e exterminados no deserto por causa de sua rebelião contra Deus, mesmo sendo israelitas.

Uma vez abençoados, sempre propagadores da bênção. Quando Pedro diz que somos “geração eleita, o sacerdócio real, a nação santa” (1Pe 2.9) significa que nos tornamos agentes da bênção do Senhor, agora o mundo é abençoado através do corpo de Cristo no mundo. Nossa comunhão com Deus nos faz abençoados e abençoadores.

Abrão é chamado por Deus para formar um povo, Davi é chamado por Deus para reinar sobre uma nação e a igreja é comissionada por Deus para liderar o povo do pacto no decorrer das gerações. Há uma conexão entre Abrão (Isaque, Jacó e as doze tribos), José (e o conflito com os seus irmãos), Davi (reis e profetas) e a Igreja (discípulos e crentes comissionados) na perspectiva do exercício do Pacto. De maneira introdutória no chamado de Abraão, a seguir, na resistência de José, prosseguindo com a exultação de Davi, e por fim na escolha que Jesus fez aos discípulos comissionando-os como fundamento para a igreja em todas as gerações.

A ação soberana do Senhor chama um homem para dar início a um projeto transformacional na perspectiva da relação com ele, com o próximo e com as gerações. Como implicação desta ideia inicial torna-se plausível perceber o ponto mais elevado deste acordo, do ponto de vista do cumprimento, com a vinda de Jesus e o seu contato com os discípulos. Isso está além de qualquer perspectiva humana. O resultado é o comissionamento da igreja, por outorga, de uma prática contínua da relação subjacente com vistas ao culto como atitude principal e o testemunho público como ação derivada.<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> LIMA, L.A e LIMA, S. L., *A Vida de Jesus*. São Paulo: Ed. Atos, 2014. p. 32



A teologia do pacto com Abraão contém implicações significativas para a prática da igreja, dentre elas, o plano de redenção e o fundamento seguro da Escritura como uma obra unificada que aponta para Cristo.

De um lado, há um grande número de assuntos existentes entre a Teontologia e a Escatologia, porque, bíblicamente e teologicamente falando, a aliança é a ponte entre a antropologia e a soteriologia. Ao estudar sobre a doutrina bíblica do homem qualquer pesquisador honesto descobrirá o homem em estado de queda. E a pergunta sempre é: Por que? E qual é a solução para o seu estado? E a resposta para a pergunta sobre “como Deus tira o homem dessa situação difícil” é encontrada na área da doutrina do pacto. É por um desígnio redentivo de aliança que Deus o salva. Um plano que começa antes da fundação do mundo, E assim o pacto é a ponte entre a doutrina do homem caído e doutrina da salvação.

Por outro lado, o pacto unifica a Escritura. O acordos dão ordem à criação e redenção. Eles delineiam os vários períodos históricos da Bíblia. A palavra do Antigo Testamento para o pacto é Berith. Na língua grega o termo é traduzido de duas formas: "*Diatheke e Syntheque*". O termo Berith significa um relacionamento mútuo e vinculativo com obrigações mútuas, um relacionamento mútuo vinculante com as obrigações do acompanhante.

A aliança entre Jacó e Labão sugere um acordo com responsabilidades mútuas. Enquanto os dois deveriam cumprir as suas obrigações, os dois se mostraram não confiáveis. Em outro caso, os gibeonitas e os filhos de Israel (Josué 9), entraram em acordo. Embora os mesmos ocultaram a verdade num primeiro momento, depois do acordo de preservação da vida, não foram mortos porque o povo de Deus temeu quebrar um acordo. Assim, os gibeonitas sobreviveram a despeito de serem tornados rachadores de lenha e tiradores de água por toda a vida. Por isso, Berith ou Diatheke é frequentemente usado para descrever uma “última vontade” preservada por uma forma de relação pessoal, viva e vinculante.<sup>32</sup>

Observemos a expressão do Dr. Gerald van Groningen, com destaque para o serviço a Deus no desenrolar do plano messiânico:

A família de Abraão foi tirada de Ur da Caldeia por Terá, a caminho de Harã onde se estabeleceu (11.31-32). Esta descrição factual completa a descrição do ambiente para o relato do chamado específico a Abraão para servir a Deus no desenrolar do plano messiânico, por meio do qual todos os diversos povos constituintes da humanidade real decaída poderiam receber a plena libertação do pecado e da culpa, ter a maldição do pacto de

---

<sup>32</sup> Expressão usada pelo Dr. Ligon Duncan em sua exposição sobre o pacto na Primeira Igreja Presbiteriana de Jackson, Missisipi, USA.

Deus deles removida e ser plenamente restaurados ao seu real “Status”, posição e função originais, em que Deus tinha posto a humanidade no tempo da criação.<sup>33</sup>

O Senhor faz a aliança com Abraão, chamando-o, separando-o e prometendo que a sua descendência seria uma grande nação, que herdaria a terra de Canaã, e através dele seriam abençoadas todas as famílias da terra. A iniciativa é de Deus e Abraão é um receptor de promessas e esperanças, que seriam executadas pelo próprio Deus.<sup>34</sup> Então, a responsabilidade de Abraão era corresponder, ou não, à revelação progressiva que Deus proporcionava constantemente.<sup>35</sup> Tais reações definiriam Abraão como um discípulo de Deus.

## 2.1 O chamado de Deus e a submissão de Abrão

Esta dinâmica é percebida na continuidade dos fatos, pois em Gênesis 15.1-18 há o registro da repetição e do desdobramento do chamado que o Senhor fez com Abraão em Gênesis 12.1-3. O aditivo traz a ampliação das promessas e um consistente encorajamento: Promessa de proteção e segurança divina, futuro vitorioso, geração da descendência e domínio da terra.

Esta dinâmica é reforçada nos capítulos a seguir, pois em Gênesis 17.1-22 há o relato sobre o estabelecimento formal do Pacto da Graça com Abraão e sua descendência. O pacto já está firmado, mas o Senhor o repete para fixação: Com a garantia de uma relação pactual inquebrável; Com a promessa que a sua descendência seria poderosa, que muitos povos, nações e reis, sairiam dele, e que seria um povo para o serviço; Que a circuncisão seria adotada como um sinal ou selo do pacto de Deus com Abraão e seus descendentes seriam participantes das promessas na continuidade e implicações da aliança.

Esta dinâmica é provada em Gênesis 22, quando Deus prova o verdadeiro caráter de Abraão. O objetivo deste teste foi revelar a firmeza de sua fé no propósito que o Senhor lhe havia feito. Segundo Van Groningen o objetivo “é demonstrar a plena submissão de Abraão à ordem de Deus”.<sup>36</sup>

---

<sup>33</sup> GRONINGEN, G. Van, *Criação e Consumo: O Reino, A Aliança e o Mediador*. Volume I. Casa Editora Presbiteriana. São Paulo. 2002. p. 124

<sup>34</sup> LIMA, L. A., *Razão da Esperança*. São Paulo: Cultura Cristã, 1ª. Edição, 2006. p 236

<sup>35</sup> GRONINGEN, G. Van, *Criação e Consumo: O Reino, A Aliança e o Mediador*. Volume I. Casa Editora Presbiteriana. São Paulo. 2002. p.123

<sup>36</sup> GRONINGEN, G. Van, *Criação e Consumo: O Reino, A Aliança e o Mediador*. Volume I. Casa Editora Presbiteriana. São Paulo. 2002. p. 127

## 2.2 O chamado de Deus e a adoração de Abrão

Abraão, conhecido com o “pai de uma grande nação”, viveu em Ur dos Caldeus, na Mesopotâmia. O local de Ur, possivelmente seja onde está a cidade de Tell el-Muqayar, ao sul do Iraque.<sup>37</sup> Ur era uma cidade idólatra da Babilônia. A adoração era uma prática natural, e os deuses eram o fogo, o sol, a lua, as estrelas. Em Ur, a principal divindade era “Sin, o deus-lua”, com muitos santuários, alguns para prostituição sagrada, com sacerdotisas, “mas além delas, toda moça, esposa, ou viúva pelo menos uma vez na vida tinha de officiar nesses ritos”. Ur era idólatra, mas Abrão era monoteísta. Existem tradições judaicas que exaltam e narram o seu monoteísmo.<sup>38</sup>

Abraão era um homem de considerável riqueza e prestígio. Eis algumas evidências: Em Gênesis 12.5 está escrito: “... e tomou Abrão consigo... todos os bens que havia adquirido e as almas que lhe acrescentaram em Harã.” Em Gênesis 14.14 lê-se que ele possuía 318 servos para libertar Ló; e em Gênesis 24.10 conhecemos os recursos materiais de Abrão. E ainda mais, “os chefes tribais reconheciam em Abraão um príncipe com quem estabeleceram tratados (Gn 14.13; 21.22-23; 23.6).

Abraão saiu de Ur dos Caldeus e seguiu para Harã a quase mil quilômetros a noroeste de Ur e quase setecentos quilômetros ao nordeste de Canaã. Em Harã fixou moradia por algum tempo, até o Senhor chamá-lo e prometer-lhe uma terra. De Harã seguiu para Siquém, local em que construiu um altar para Deus com a certeza que o SENHOR "estabeleceria a aliança com os israelitas como uma confirmação, codificação e ampliação do Pacto".<sup>39</sup>

## 2.3 O chamado de Deus e a responsabilidade de Abrão

Para Louis Berkhof, Abrão começa a cumprir a sua responsabilidade no pacto com Deus porque fora um acordo firmado entre duas partes. De um lado o Deus criador e provedor de tudo, e de outro um homem dependente de Deus para que o pacto se cumpra, dado à sua incapacidade de manter o compromisso.<sup>40</sup>

<sup>37</sup> SHULTZ. S., *A história de Israel*, São Paulo: Vida nova, 1995, p.32

<sup>38</sup> JOSEFO. F., *Antiguidades judaicas*, São Paulo: CPAD, 1990, Livro I, p. 7

<sup>39</sup> FERREIRA W.C, *Esboço de Teologia Bíblica*, Campinas, Luz Para o Caminho, 1985. p. 59

<sup>40</sup> BERKHOF. J., *Teologia Sistemática*: Grand Rapids, Michigan. 1949. p.250.

Boanerges Ribeiro, no livro *Aliança da Graça*, afirma que:

Abrão e seus descendentes creram nas palavras e nas promessas divinas e foram, patriarcas e povo de Israel, receptores de revelações divinas e elos de ligação histórica com o grande evento redentor da expiação e sua sequência, a Nova aliança. Por isso lemos em hebreus 11.8: “Pela fé Abraão, sendo chamado obedeceu indo para um lugar que havia de receber como herança; e saiu sem saber para onde ia.”<sup>41</sup>

Portanto, quando Deus faz uma aliança com Abrão ele não está apenas providenciando um meio da humanidade caída se voltar para ele, mas também está revelando como é grande o Seu amor por Sua criação (Gn 12.1-3). Deus chamou Abraão, lhe fez promessas pessoais e espirituais, mas deixou o cumprimento de tais promessas condicionado à obediência de Abrão, motivando assim, a responsabilidade pessoal de Abraão.

A expressão "aliança" vem do Ugarítico<sup>42</sup> que já significava cortar, dividir, tanto que muitos dos sacrifícios ordenados por Deus envolviam justamente o corte da vítima para que os “contratantes” passassem por entre as duas partes. Continha a presença de morte, sacrifício, pleno envolvimento com o acontecimento, de que o fato é profundamente marcante e, por isso mesmo, não dever ser esquecido e que deve ser positivamente lembrado para manter o compromisso firmado.

O termo “Aliança” é bastante amplo em seu significado, pois transcende em muito o mero momento do acordo em si. Na verdade, ele pressupõe a mútua aceitação dos termos que são expressos no momento em que ele, o pacto, é selado. E mais do que isso, envolve diretamente a manutenção deste compromisso para que o pacto se sustente.

Alguns autores defendem que para haver Aliança ou Pacto é preciso um juramento, ou cerimônia.<sup>43</sup> Deus fez uma Aliança com Abraão (Gênesis 12) para efetivar o que prometera no momento da queda (Gênesis 3.15). Ele criou o homem para um relacionamento consigo, e se relacionará com o homem, ainda que este tenha dificuldades para cumprir o acordo.

Por conta disso, como afirma Gerard Van Groningen, Deus tomou a iniciativa:

Deus estabeleceu uma relação vital, que assinala uma ligação entre Ele mesmo e a humanidade, quando criou Adão à sua imagem e semelhança. Essa relação é um aspecto essencial do pacto de Deus. E em Abrão, o pacto é efetivado com o estabelecimento de cláusulas pétreas.<sup>44</sup>

<sup>41</sup> RIBEIRO, B. *A Aliança da Graça*, São Paulo, Associação Evangélica Reformada Presbiteriana, 2001 p.13.

<sup>42</sup> LETE, G. D. O., *Mitos y lendas de Canaan*: Segun la tradicion de ugarit. Ediciones Cristandad. Madrid. Institucion San Jeronimo. Valencia. 1981. p 33-34

<sup>43</sup> GRONINGEN, G. V., *Criação e Consumação: o Reino, a Aliança e o Mediador*. Volume I. Casa Editora Presbiteriana. São Paulo. 2002. p. 243.

<sup>44</sup> GRONINGEN, G.V., *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. Luz Para O Caminho. Campinas. 1995. p. 95-96.

Assim, estar em Aliança, ou ter um relacionamento com Deus, pode significar assumir novos conceitos ou também abster-se de antigos. Adão, para que pudesse explicitar a sua obediência, precisava desistir de seus desejos mais fortes, isto é, o comer do fruto. O ato de comer, definiu a quebra do seu estado integral (*status integratis*).<sup>45</sup>

Alvo da redenção de Deus, Abraão foi também o representante de todos aqueles que ainda haveriam de ser incluídos historicamente no Pacto, o paradigma de como se efetiva a Aliança na vida do homem. A Bíblia afirma que é pela fé que o justo viverá (Hc 2.4; Rm 1.17; Hb 10.38), e foi justamente isto o que Abraão fez: "Ele creu no SENHOR, e isso lhe foi imputado para justiça (Gn 15.6).

## 2.4 O chamado de Deus e o pacto como meio ordinário

Por este fato, vê-se que a Aliança também é um meio ordinário para a redenção de um homem, de um povo e de todos quantos Deus quiser chamar ao longo da história, até o fim dos tempos, em todos os lugares, por intermédio de Jesus Cristo, o Salvador.

Uma vez que o homem é deficiente no cumprimento do pacto, Deus expressa algumas garantias como expressão de fidelidade à sua Glória. Para Gerard Van Groningen há cinco garantias:

*Primeiro*, uma grande nação se desenvolveria a partir de Abraão. *Segundo*, Yahweh garantiu a Abraão que uma terra onde ele deveria fazer sua habitação lhe seria mostrada. *Terceiro*, foi dada a garantia do bem-estar e prosperidade. *Quarto*, Abraão recebeu a garantia de que, embora na posição de estranho em um terra ainda não conhecida, ele seria reconhecido como pessoa importante. *Quinto*, Yahweh garantiu a Abraão que ele seria um canal de bênção aos 'povos da terra'.<sup>46</sup>

A aliança de Deus com Abraão contribuiu significativamente para três áreas de estudo: História, Literatura e Teologia. Historicamente, o texto aponta para a origem de toda a criação identificando Deus como autor, e uma descendência natural iniciada em Adão e Eva. Os fatos sequenciais conhecidos como a queda da humanidade, as histórias familiares em continuidade preservando o relato de grandes genealogias, o dilúvio, a confusão das línguas, os doze patriarcas, os quatrocentos anos do povo de Deus no Egito afirmam a implantação do reino teocrático no mundo e do plano de redenção da humanidade. O ideal também é explicar que o cosmos foi criado, e atribui a um único relato "a primeira causa" do universo, a vontade de Deus.

<sup>45</sup> BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*. Grand Rapids, Michigan. 1949. p. 250-259

<sup>46</sup> GRONINGEN, G. Van, *Criação e Consumação: O Reino, A Aliança e o Mediador*. Volume I. Casa Editora Presbiteriana. São Paulo. 2002. p. 241-242

Literariamente, como obra hebraica, descreve o desenvolvimento da nação Israelita, e também de outros povos no mundo. Os escritos seguem um plano compreensível com personagens apresentados como seres humanos reais, descrevendo seus defeitos e pecados cometidos, nunca como figuras mitológicas; a sua importância é ainda maior e mais clara, pelas frequentes referências feitas a ele nos demais livros da Bíblia.

Teologicamente, o texto define a pessoa e o caráter de Deus como o Senhor que governa, providencia e coopera na história do mundo, e a forma de como ele se relacionou com o homem desde o princípio. Apresenta a criação e queda do homem, as alianças e promessas divinas de redimir a humanidade por meio de um redentor. É no primeiro livro das Escrituras que vemos o início da “Lei oral”, quando o povo começa a receber as normas de Deus, as quais ele estabeleceu em seu plano pactual.

Conclui-se, então, que Deus chamou Abraão para ser um homem submisso, empreendedor de esforços para o cumprimento pactual e referência justificada para os seus descendentes. Afirma-se se que Jesus, na plenitude dos tempos chamou os seus discípulos, designou-os e capacitou-os para a missão de fundamentar a igreja cristã. E propõe-se que a igreja, sob a autoridade dada a Cristo e sobre o fundamento divino, propague as implicações pactuals através do discipulamento até os confins da terra.

### 3 DISCIPULADO FAMILIAR NA CASA DE JOSÉ

O assunto é o conflito entre José e a sua família, tendo a possibilidade de resolução como premissa pelo fato de que as partes reconhecem que Deus promove os meios para a paz. O fato é narrado no livro de Gênesis nos capítulos 37 a 46 tendo a discórdia familiar como motivo para atitudes reprováveis e a misericórdia de Deus como fonte de esperança. A narrativa demonstra que a vontade do Senhor é cumprida no decurso dos tempos por conta do pacto que Deus estabeleceu com Abraão e foi estendido à toda sua descendência. José é um tipo de Cristo porque foi amado por seu pai, enviado aos seus irmãos, odiado, vendido, traído e condenado. Contudo, Deus o exaltou transformando um grande mal em benefício para o seu povo por sua instrumentalidade. A vontade do Senhor é cumprida em meio às adversidades porque Deus governa bons e maus com a sua justiça livrando os eleitos por sua graça e transformando malefícios em benefícios por sua misericórdia.

Este é um tempo de discórdia familiar na casa de Jacó quando o patriarca está habitando em Canaã, terra das suas peregrinações. O relacionamento conflituoso entre José e os seus irmãos é o objeto deste estudo. Os primeiros relatos dão conta que José trazia “más notícias” deles a Jacó (Gn 37.2), e percebe-se que Jacó amava mais a José do que a todos os outros filhos (Gn 37.3), o que não era agradável aos demais irmãos. Então, percebe-se dois motivos fundamentais, o ciúme e o ódio (Gn 37.4) na família da aliança, entre os futuros patriarcas de Israel.

O drama aumenta de intensidade quando José anuncia dois sonhos que o colocam como superior a seus irmãos. Quando os outros filhos de Jacó percebem que José, pelo sonhos, demonstra características de realeza, eles intentam matá-lo, contudo não se concretizando a intenção, vendem-no à uma caravana de mercadores que passava no momento.

O conflito entre José e seus irmãos está registrado em dez capítulos das Escrituras (Gn 37 a 46) e tem os dois sonhos de José nas entrelinhas. No primeiro sonho, os “feixes no campo” (Gn 37.7) parecem indicar a sua função futura no Egito, e no segundo sonho os termos “o sol, a lua e onze estrelas” (Gn 37.9) parecem demonstrar um domínio cósmico. Os corpos celestes como símbolos políticos são usados para identificar divindades e, então, da relação entre divindades e reis.

Mark S. Smith mostra como as divindades do segundo escalão do panteão ugarítico são identificadas com corpos celestes, por exemplo, Shapshu (Sol), Yarih (Lua) e Athtar (Estrela-da-manhã).<sup>47</sup>

Os irmãos de José estavam familiarizados aos termos relacionados à realeza e entenderam o significado dos sonhos de José como aspiração do irmão mais novo de “reinar” (*mālak*) sobre eles e “dominá-los” (*māšal*). Estes verbos são usados numa construção sintática que evidencia a intenção do coração de José e do temor dos irmãos:

Duplica-se o verbo, seu primeiro uso no infinitivo absoluto e, então, no imperfeito, transmitindo mais uma pergunta retórica de reprovação do que qualquer outra coisa (“você certamente não dominará sobre nós”). Não há dúvida de que a reprovação deles tem a ver com a visão que tinham sobre culturas monárquicas, o que aparece no modo como descrevem o “governador da terra” (Gn 42.6) do Egito, sem saber que era José. Para eles (Gn 43.18), essa pessoa usa seu poder para “[nos] acusar” (*gālal*), “[nos] dominar” (*nāṭal*), para “[nos] capturar” (*lāqah*) “como escravos” (*la ‘ābādīm*) e “capturar [nossos jumentos]” (*lāqah*).<sup>48</sup>

O pavor dos filhos de Jacó os conduz à uma mentira ao pai pois afirmam que ele está morto. A narração dos fatos demonstra que a família está desestruturada, os irmãos carregam a culpa pelo que fizeram e o pai carrega a dor inconsolável da “perda” do filho. Enquanto José é levado ao Egito, a família de Jacó começa a sofrer escassez, e sem resolver o problema principal a família vive sem esperanças, até o limite da sobrevivência.

A narração bíblica começa com Jacó e os doze filhos e termina com setenta pessoas viajando para o Egito, onde virão a ser uma grande nação (Gn 46.27), e onde serão ministrados pelo testemunho dos grandes feitos de Deus.<sup>49</sup>

Moisés narrou estes fatos controversos enquanto dirigia o povo de Deus que era descendente dos filhos de Jacó e de Manassés e Efraim, que são filhos de José, para a Terra Prometida. Ele, com isso, ensinava aos descendentes peregrinos sobre a vigência das promessas de Deus feitas a Abraão, de multiplicar sua descendência, lhes dar a terra de Canaã e abençoar a terra por meio deles (Gn 12.1–3). Ele ensinava-lhes que o pacto de Deus com Abraão e Sara de gerar descendência incluía torná-los “fecundos” e que deles procederiam reis (17.6).<sup>50</sup>

<sup>47</sup> SMITH, M., *O Memorial de Deus: História, Memória e a Experiência do Divino no Antigo Israel*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 152.

<sup>48</sup> PERES, C., *Conflitos familiares e a restauração do Cosmos: Realeza e servidão na família eleita*. <https://hebraicthought.org/conflitos-familiares-e-a-restauracao-do-cosmo-ii-realeza-e-servidao-na-familia-eleita/> Pesquisado em 10/02/2022.

<sup>49</sup> WALTKE, B. K., & FREDERICKS, C. J. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã. 2010. p. 608.

<sup>50</sup> ALTER, R., *The Hebrew Bible: A Translation with Commentary*. New York: W. W. Norton and Company. 2018. p. 39



Os conflitos envolvendo a família revelam dificuldades de compreensão sobre os desígnios de Deus, distanciamento familiar, esquecimento das promessas de Deus e perda de perspectiva pactual, culminando numa discórdia aguda evidenciada pela crise familiar.

Para Lou Priolo,

A palavra *conflito* vem, em geral, acompanhada de um pensamento de algo que não é bom, algo que é nocivo, pernicioso, impróprio. Ela está intimamente associada a discussões indesejadas, desentendimentos, enfrentamentos, desconfortos e combates. Os conflitos podem ter categorias diferentes ocasionadas por diferenças pessoais, pecado, interpretações e abordagens.<sup>51</sup>

Por ventura, tais conflitos ensinariam os crentes de outras gerações sobre responsabilidade mútua, alteridade, misericórdia e virtudes em meio às adversidades? Se a família foi estabelecida para viver em aliança com o seu criador, o que o relacionamento familiar dos patriarcas pode ensinar? Se a família de Jacó era detentora das promessas pactuais, por que ela teve dificuldades para cumprir com a sua responsabilidade? Se os descendentes de Abraão estavam destinados a serem um povo separado e distinto moralmente da cultura do seu tempo, faltou algum ensinamento para que eles reagissem positivamente aos desígnios de Deus na História?

Como glorificar a Deus em momentos difíceis? Como entender que muitas situações adversas, na verdade, apontam para a provisão de Deus? O que fazer quando a situação expõe os pecados sem que se tenha argumentos para a defesa? Como pessoas más que não merecem a bondade de Deus podem rever seus procedimentos diante de toda a benevolência do Senhor? Estas e outras perguntas conduzem a um estudo acurado da Palavra de Deus e sua implicação para a vida cristã.

### **3.1 Discórdia familiar**

Jacó havia sido o filho preferido de Raquel, sua mãe, e José é o filho mais amado de Jacó. Este é um ciclo vicioso que trará consequências graves porque produzirá um descontentamento dos seus irmãos. O favoritismo evidente do pai promoverá discórdia, inveja e, por fim, o desaparecimento de José.

Robert Jones, no seu livro “Em busca da paz”, pergunta:

Será que a Bíblia traz realmente uma contribuição crucial para o mundo real de brigas conjugais, quebras de relacionamento entre pais e filhos, irmãos e irmãs? (p. 29). A resposta é: Sim, por duas razões. A primeira razão é que paz e conflitos são temas bastante abordados nas Escrituras. A segunda razão é que a Bíblia trata, em todas as suas páginas,

---

<sup>51</sup> PRIOLO, L. *Resolução de Conflitos*. São Paulo: NUTRA Publicações, 2017. p. 9-10

de nosso relacionamento com Deus e com os outros. Deus é a nossa esperança para a resolução de conflitos e que os pacificadores são bem-aventurados (Mateus 5.9).<sup>52</sup>

### 3.1.1 Na provocação e na venda de José

José foi vendido aos midianitas, também conhecidos como ismaelitas, que o revenderam a Potifar, comandante da guarda do Egito. Enquanto isso, Jacó recebe a informação que o mesmo fora morto por um animal selvagem. O motivo é duplo: o ciúme causado pela preferência do pai e o ódio causado pelos dois sonhos de José que o indicavam como um possível dominador sobre os irmãos.<sup>53</sup>

Os filhos de Jacó não suportaram a ideia que a família de José seria serva dele, uma vez que os sonhos apontavam que José reinaria sobre eles<sup>54</sup>. A narrativa de Moisés mostra que os sonhos se cumpririam no futuro (Gn 42.6; 43.26; 44.14), mas, no momento, já não lhe saudavam com paz desde que o pai lhe fizera uma túnica talar de mangas compridas, aparentemente requintada (2 Sm 13.18), uma espécie de roupa real, aparentando algum tipo de governo familiar.

A pergunta é cheia de ciúmes e ódio: “Reinarás, com efeito, sobre nós? E sobre nós dominarás realmente (Gn 37.8)? Quando os irmãos o viram chegando a Dotã com a sua túnica de mangas compridas onde pastoreavam o rebanho, pois José os procurava (Gn 37.16), conspiraram para o matar. Mas Rúben se interpõe e convence os irmãos a não praticarem assassinato. Então Judá sugere a venda (Gn 37.26). José foi vendido como escravo por vinte ciclos de prata, o valor de um homem jovem (Lv 27.4-5) e trouxe dois benefícios: lucro e solução de um problema.

### 3.1.2 Na venda e na mentira dos irmãos

A notícia sobre a morte de José levou Jacó a um triste lamento por muitos dias, com choro continuado, do qual nada o consolava. A paz familiar se fora. Como conviver com tão doloroso pesar? Assim como Jacó ludibriara o seu pai com pele de cabrito para ser reconhecido como Esaú (Gn 27.9,16) agora era enganado com o sangue de um animal sobre a túnica de José. Triste sorte. Enquanto isso, os vendedores do irmão permaneciam calados.

A conclusão é que a família da fé necessita de um líder que assuma o compromisso com a glória de Deus para a manutenção do pacto. O Senhor havia declarado a Abraão, avô de Jacó: “Eu sou o Deus Todo-poderoso; anda na minha presença e sê perfeito. Farei uma aliança entre mim e ti e te multiplicarei extraordinariamente” (Gn 17.1,2).

<sup>52</sup> JONES. R, *Em busca da Paz*. São Paulo: NUTRA Publicações, 2018. p. 29-30

<sup>53</sup> CARTER. J. E. e TRULL. J. E, *Ética Ministerial*. São Paulo: Vida Nova. 2010. p. 66

<sup>54</sup> KASS. L. R, *The Beginning of Wisdom: Reading Genesis*. Chicago: University of Chicago Press, 2006. p. 518.

Segundo O. Palmer Robertson,

O Senhor Deus dita soberanamente os termos de sua aliança com Abraão. A passagem mais significativa da narrativa patriarcal que trata especificamente do conceito da aliança é, de longe, a intrigante descrição do estabelecimento formal da aliança abraâmica, que se encontra em Gênesis 15. Essa narrativa indica claramente a essência da aliança como sendo um “vínculo de sangue soberanamente administrado”. Essa administração particular do comprometimento de Deus de efetuar a redenção pode, apropriadamente, ser designada “o pacto da promessa”. De modo soberano, Deus confirma as promessas da aliança com Abraão.<sup>55</sup>

Neste caso, o início da relativização de tais propósitos nesta família começa pela preferência de um pai por um filho em detrimento dos outros, o que resultou em discórdias. A responsabilidade humana no pacto da graça se evidencia na obediência às instruções de Deus.

### 3.2 Frouidão moral

Nestes tempos um dos filhos de Jacó chamado Judá colocou em risco a identidade da família da aliança. Ele se apartou de Jacó e seus irmãos, se aproximou dos cananeus e formou uma nova família com uma mulher cananeia (Gn 38.1-2). Os termos “viu...tomou...possuiu” denotam algo impensado que em outros momentos foram identificados como pecado (Gn 3.6; 6.12;12.15). Judá como filho da aliança não poderia se casar com uma descendente dos cananeus, pondo em risco a marca distinta de Israel (Gn 34.1-31).

#### 3.2.1 Na desobediência de Judá à aliança

Quando Deus firmou o pacto com Abraão comissionou os descendentes à lealdade na adoração instruindo-os à distância dos deuses dos povos e da iminente idolatria.<sup>56</sup> Disse Deus: "Guardarás a minha aliança, tu e a tua descendência no decurso das gerações (Gn 17.9)".

Judá descumpriu as instruções de Deus através do testemunho dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó tendo três filhos de um casamento misto com a filha de Sua, um cananeu: Er, Onã e Selá (Gn 38.3-5). Em terras de Adulão, cidade real Cananéia a cerca de 5 quilômetros a sudoeste de Belém (Js 12.15), Judá tomou a Tamar para ser esposa do primogênito Er, mas este era perverso diante de Deus e foi morto pelo Senhor. Judá ordenou que Onã assumisse o lugar do irmão falecido e suscitasse descendência com Tamar, mas este usurpou o direito, possuindo-a para prazer sem fecundá-la porque isso traria descendência ao seu irmão falecido, prejudicando-o como herdeiro das terras do

<sup>55</sup> ROBERTSON. O. P, *O Cristo dos Pactos*. São Paulo: Cultura Cristã. 2002. p. 99

<sup>56</sup> GRUENWALD. I, *Rituals and Ritual Theory in Ancient Israel*. Atlanta: Society of Biblical Literature. 2003. p. 202

seu pai. Este era um ato mau perante o Senhor, pelo que também a este fez morrer (Gn 38.8-10). Então Judá prometeu Tamar ao filho mais novo, Selá, no entanto, este ainda era criança.

### 3.2.2 Na omissão da responsabilidade de Judá

Enquanto isso, morreu a esposa de Judá. Quando o filho ficou adulto, Jacó não o entregou a Tamar, certamente porque a considerava fonte de infortúnio, no seu entendimento místico, a possível causa da morte dos seus filhos. Judá não percebeu que a tragédia familiar configurava um castigo de Deus por conta da sua desobediência e ruptura com os ensinamentos do seu pai. Então, Tamar ao perceber a rejeição, e para corrigir o erro de Judá acerca do cumprimento das leis para a manutenção da descendência, enganou-o fazendo-se como uma prostituta e engravidou dele.

### 3.2.3 Nas consequências de uma armadilha

A prostituição cultural era parte integrante das religiões de fertilidade de Canaã e foi mais tarde uma armadilha persistente para os filhos do pacto (Dt 23.17 e 1Rs 14.24). O opróbrio em forma de ônus para Judá tinha dois nomes: Perez e Zera. Contudo, Perez passou a fazer parte da linha messiânica (Rt 4.18-22 e Mt 1.16).

A conclusão é que deve-se viver pela herança pactual. Judá negou os princípios assumidos pelos patriarcas e constituiu família com um povo alheio à Aliança. O resultado das suas más decisões trouxe um ônus moral para Judá, um dos patriarcas.

Segundo Gerard e Harriet van Groningen,

Moisés citou o que Deus fez para Abraão e como isso se perpetuou em seus descendentes. "Não é somente convosco que faço esta aliança e este juramento, porém com aquele que, hoje, aqui está conosco perante o Senhor, nosso Deus, e também com aquele que não está aqui hoje conosco" (Dt 29.14, 15). O juramento fez da Aliança, no seu todo, uma realidade certa para as gerações que viriam. A Aliança, como geralmente aparece nas Escrituras, é a aliança que Deus iniciou unilateral e soberanamente com a criação e especialmente com os que possuem a sua imagem.<sup>57</sup>

Judá havia esquecido desta herança e por conta da sua frouxidão moral desobedeceu os preceitos mais elementares ensinados por seus pais para a manutenção de uma descendência, foi irresponsável e como consequência, caiu numa armadilha. Parece haver arrependimento em Judá pois ao ser revelado o seu pecado afirmou: "Mais justa é ela do que eu... e nunca mais a possuiu"(Gn 38.26).

<sup>57</sup> VAN GRONINGEN. G e H, *A Família da Aliança*. São Paulo: Cultura Cristã. 2019. p.18

### 3.3 Honra sob pressão

Neste tempo, José estava no Egito, comprado por Potifar, mas o senhor era com ele fazendo visível a sua graça (Gn 39.1). Ele foi tornado mordomo, sendo responsável por muitos afazeres, e em todos eles José honrava o Senhor.

#### 3.3.1 Tendo a presença de Deus como marca distintiva

A narrativa da presença de Deus com José fornece o tema teológico para o capítulo. Potifar percebeu que Deus era com ele (Gn 39.3), o carcereiro percebeu que Deus era com ele (vs 21) e por isso lhe confiou todas as coisas (Gn 39.23). A presença de Deus já fora evidenciada na relação com o seu pai, Jacó, quando lhe foi concedida a visão da escada (Gn 28.10-17). José, da mesma forma que os patriarcas, andava com Deus. Quando Lucas escreveria o livro de Atos dos Apóstolos, faria menção a José dizendo que por inveja ele fora vendido, "mas Deus estava com ele..." (Atos 7.9-10). Esta presença bondosa de Deus foi experimentada por José.

#### 3.3.2 Tendo a presença de Deus como proteção para o pecado

Neste momento, a mulher de Potifar o assediava. Como cometeria eu tamanha maldade contra o Senhor? Aqui temos a mesma ideia de pecado entendida por Davi, mais tarde (Salmo 51). O pecado não era apenas contra a pessoa em si, mas contra Deus. O adultério era considerado um grande pecado no antigo Oriente Próximo (Gn 20.9) mas José possuía o entendimento que Deus estava com ele, e que por isso, era um insulto ao Senhor (2Sm 12.13 e Et 51.4).

#### 3.3.3 Tendo o cuidado de Deus diante das injustiça dos homens

A mulher o importunava todos os dias. Um dia, atacou. Ele fugiu mas deixou as vestes com ela. Isso se tornou uma espécie de “prova”. A armadilha estava pronta, José foi acusado de assédio e insulto e foi lançado na prisão onde os presos do rei estavam encarcerados. José foi injustiçado, condenado e abandonado. Destarte, mesmo preso, era um líder na cadeia, homem de confiança do carcereiro, porque o SENHOR era com ele. Tudo o que ele fazia, o SENHOR prosperava. José e seus filhos aparecerão na galeria dos heróis da fé (Hb 11.21) entre os homens dos quais o mundo não era digno (Hb11.38).<sup>58</sup>

---

<sup>58</sup> TRIPP, P, *Instrumentos nas Mãos do Redentor*. São Bernardo do Campo: Nutra Publicações, 2012. p. 111

A conclusão é que os filhos de Deus devem se preparar para perseguições, mentiras e artimanhas elaboradas para desmoralização. No entanto Jesus disse no sermão do monte que se os seus discípulos sofressem com injúrias, perseguição e mentiras deveriam regozijar-se e exultar porque grande seria o galardão nos céus (Mt 5.11-12).

Segundo Steven J. Lawson,

Como podemos nós, que fomos soberanamente escolhidos, especificamente redimidos, sobrenaturalmente regenerados e eternamente guardados e protegidos por este glorioso Deus, deixar de amá-lo com ainda maior dedicação? Quanto mais aprendemos sobre o que ele fez e faz por nós, mais os nossos corações deveriam deixar-se consumir, absorvidos em plena lealdade a ele. Uma salvação a nós concedida de maneira tão maravilhosa exige de nós uma decisiva resposta vinda do coração.<sup>59</sup>

José agiu com lealdade ao seu superior, afirmando: "Tudo o que tem me passou ele às minhas mãos. Ele não é maior do que eu nesta casa e nenhuma coisa me vedou, senão a ti, porque és sua mulher; como, pois, cometeria eu tamanha maldade e pecaria contra Deus? (Gn 39.8-9). Isso não impediu José de ser acusado e condenado à prisão, no entanto, José entenderia o valor da lealdade a Deus nos eventos que ocorreriam em sua vida.

### **3.4 Propósitos glorificativos na humilhação**

O mordomo-chefe e o padeiro-chefe ofenderam o rei e foram presos (Gn 40.1). Eles ficaram no mesmo lugar de José e ambos sonharam na mesma noite. José percebeu algo estranho por conta da tristeza deles. Por ventura, não pertence a Deus o saber de tudo?

#### **3.4.1 Na interpretação do sonho: um livre, outro morto**

Eles contam o sonho a José. De acordo com o sonho, o copeiro será livre em três dias. José faz um pedido: Lembra-te de mim! O padeiro será morto em três dias. Realmente, o rei reabilitou um e condenou outro.

Os sonhos eram tidos nestes tempos como uma forma de entender o futuro. Havia uma crença que alguns homens possuíam tal poder. No entanto, José explica que este não é um poder do homem (Gn 41.16), mas uma ação divina, de quem vem a condição para interpretar.

#### **3.4.2 No resultado do sonho: Copeiro livre, padeiro morto e José preso**

---

<sup>59</sup> LAWSON. S. J, *Fundamentos da Graça*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel. 2012. p. 433

José teve três grupos de sonho. O sonho que teve e contou aos seus irmãos (Gn 37.5-11), a interpretação dos sonhos do copeiro e do padeiro (Gn 40.5-19) e a interpretação do sonho de Faraó (Gn 41). Mas em tudo ele glorificou a Deus, pois a ele “pertencem as interpretações” (Gn 40.8). No entanto até aqui, a esperança de liberdade para José esbarrou no esquecimento do copeiro-chefe, que não se lembrou de José, porém dele se esqueceu (Gn 40.23).

A conclusão é que não há situação que separe um filho de Deus do cuidado do Pai. O rei Davi afirmou não existir um lugar em que o Senhor não esteja (Salmo 139.1-24). No entanto, deve-se lembrar que os atos de Deus servem para a sua Glória e seus propósitos e somente a Ele se deve toda a honra. No caso de José, as portas fechadas da prisão por treze anos abririam as portas do palácio real no futuro.

### **3.5 Propósitos glorificativos na exaltação**

Faraó era o soberano do Egito (Gn 41.1). Neste momento ele teve um sonho e, perturbado, intimou os mágicos do Egito para que os mesmos trouxessem a devida explicação. Deus deu sonhos a Faraó como fez a Abimeleque. Há certa ligação entre Deus e este rei pagão, para que José e Faraó possam falar do mesmo Deus. José enfatiza sua interpretação do sonho de Faraó fazendo menção do favor e autoridade de Deus.<sup>60</sup>

#### **3.5.1 No sonho enigmático e sua revelação**

O sonho apresentava sete vacas saudáveis que pastavam e que foram devoradas por outras sete vacas magras. Outro sonho mostrava sete boas espigas sendo devoradas por outras sete espigas más. Os magos não explicaram o significado do sonho. A lembrança de José, pelo copeiro livre, o retirou da prisão. José teria a resposta? “Respondeu-lhe José: Não está isso em mim; mas Deus dará resposta favorável a Faraó (Gn 41.16)”.

Enquanto Faraó relatava o sonho, José o ouviu e explicou que Deus estava manifestando a sua vontade acerca de tempos futuros na terra. Sete anos de abundância e sete anos de fome, sendo que nos tempos bons deveria-se fazer reserva para se tornar um recurso especial nos tempos maus. E através de uma boa administração poderia-se obter grande vantagem ao Egito, utilizando a tragédia a seu favor, transformando mal em bem. A resposta de José faz consideração à urgência: “... porque a coisa foi estabelecida por Deus, e Deus se apressa a fazê-la (Gn 41.32)”. A sugestão de

---

<sup>60</sup> WALTKE. B. K., & FREDERICKS. C. J, *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã. 2010. p. 659

José é por um bom administrador: “... um homem ajuizado e sábio, e o ponha sobre a terra do Egito (Gn 41.33)”. O conselho de José agradou a Faraó: “... Visto que Deus te fez saber tudo isso, ninguém há tão ajuizado e sábio como tu (Gn 41.39)”.

### 3.5.2 No projeto de autopreservação

Assim, José foi feito autoridade sobre toda a terra do Egito, o segundo na hierarquia, casou-se e foi pai de dois filhos, Manassés e Efraim. Todo o povo se inclinava diante dele. Tudo o que ele havia predito como instrumento de Deus, aconteceu.<sup>61</sup> Veio a abundância e José ajuntou mantimento, veio a fome e o clamor, e José abriu os celeiros e vendia aos egípcios. O Egito possuía mantimentos para todas as terras da região. Deus havia providenciado o recurso através de José.

A conclusão é que Deus governa o mundo segundo a sua vontade e aos seus filhos ele provisão para a sua sobrevivência. No caso de José, a história explica que Deus fez isso para a manutenção da família da aliança.

Segundo Neves,

A história de José é bem detalhada e a Bíblia dedica pelo menos dez capítulos à sua vida por pelo menos duas razões: primeiro, porque José é uma figura honrada, pura, nobre e elevada, um dos vultos mais retos que encontramos nas páginas da Bíblia; segundo, porque se o Espírito Santo dedicou tantas páginas para registrar a história de José, é porque ele é o maior tipo, ou o tipo mais perfeito, da pessoa de Jesus Cristo.<sup>62</sup>

Foi por isso que Deus transformou a má atitude dos irmãos de José em benefício futuro. A exaltação a José seria uma dura lição para os futuros patriarcas, para que eles soubessem que Deus governa absoluto sobre os líderes da terra e seus povos. Eles se inclinariam diante daquele menino que um dia vestira uma túnica talar de mangas compridas feita por Jacó.

## 3.6 Dignidade provada

Jacó soube que havia mantimento no Egito (Gn 42.1) e esta era a única possibilidade de sobreviver porque havia fome em Canaã e em toda terra.

### 3.6.1 Quando a honestidade deve ser comprovada com atos dignos

---

<sup>61</sup> SMITH. M. S, *The Memoirs of God: History, Memory, and the Experience of the Divine in Ancient Israel*. Minneapolis: Fortress. 2004. p. 67

<sup>62</sup> NEVES. I, *Comentário Bíblico de Gênesis: Através da Bíblia*. São Paulo, SP: Rádio Trans-Mundial. 2014



Jacó envia os filhos ao Egito e eles se prostram diante de José, sem saber que se tratava do irmão que eles haviam vendido aos ismaelitas (Gn 42.6). Reconhecidos, os malfeitores receberão a primeira lição, serão detidos e terão de provar que são honestos como afirmam. Terão de trazer o irmão mais novo, Benjamin, o agora mais protegido de Jacó, que reincide no mesmo erro anterior de fazer a opção por um dos filhos (Gn 42.15). Os irmãos estão em situação difícil pois terão de confrontar o pai, levar consigo Benjamim e proporcionar mais dor ao fragilizado pai.<sup>63</sup>

Parece haver algo neles que remonta aos atos maus executados contra José. Eles se lembram que ele com alma angustiada rogava por ajuda mas eles não o acudiram, deixando-o perecer. Agora, em situação crítica, entendem que estão pagando pelo que fizeram. No entendimento deles, o sangue de José está sendo requerido em meio a toda esta ansiedade (Gn 42.22).

### 3.6.2 Quando a justiça responsabiliza o ser humano por seus atos

Com Simeão preso no Egito, os irmãos retornaram ao pai para convencê-lo a entregar Benjamim. No caminho perceberam que o dinheiro estava nos cestos e novamente entenderam que Deus estava provando a eles, possivelmente tendo em mente o mal que fizeram a José.

A conversa com o pai foi um relato dos últimos acontecimentos e dos temores que lhes sobrevieram. Jacó lamentou a privação dos filhos. Para ele, José estava morto, Simeão estava preso e agora queriam lhe tirar Benjamin. Se algo lhe acontecesse, melhor lhe seria morrer.

A conclusão é que todos os atos dos filhos de Deus estão diante de Deus. Realmente, não era José que lhes impunha tais aflições, mas o próprio Deus. A atitude deles foi de certo reconhecimento, mas ressalta-se que o reconhecimento deve levar à uma mudança de atitude, pois a isso dá-se o nome de arrependimento.

## 3.7 Lealdade provada

A fome persistia gravíssima (*bakāl-hā'āreš*) na terra (Gn 43.1) e o Egito é a única possibilidade de sobrevivência, resultado da atividade exercida por José de “juntar” (*qābaš*, Gn 41.48), “armazenar” (*šābar*, Gn 41.49), “comida” (*ōkel*, Gn 41.48) e “grão” (*bār*, Gn 41.49)<sup>64</sup>. Os filhos de Jacó teriam de retornar ao Egito. Havia uma condição: levar o irmão mais novo. Para isso, eles teriam de convencer Jacó a deixar que Benjamim seguisse com eles.

<sup>63</sup> HAZONY, Y, *The Philosophy of Hebrew Scripture*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. p. 102

<sup>64</sup> STRINE, C. A, *The Famine in the Land Was Severe: Environmentally Induced Involuntary Migration and the Joseph Narrative*. *Hebrew Studies* 60. Published By: National Association of Professors of Hebrew (NAPH). 2019. p. 55–69

### 3.7.1 No medo e na preocupação

Quando Jacó os repreendeu por terem dado a conhecer que havia um irmão mais novo (Gn 43.6), eles afirmaram que José havia perguntado sobre haver algum outro irmão. Contudo, o texto bíblico relata que eles o fizeram antes de José perguntar (Gn 42.13).

Convencido pelos filhos, Jacó enviou não somente o filho mais novo mas diversos presentes no intuito de alcançar favor diante do rigoroso líder do Egito. A ação de Jacó foi acompanhada de uma oração: “Deus todo-poderoso vos dê misericórdia perante o homem, para que vos restitua o vosso irmão e deixe vir Benjamim (Gn 43.14)”.

### 3.7.2 Na recepção e na confraternização

Eles foram muito bem recebidos por José, hospedados e convidados para um almoço. Como eles carregavam um sentimento de culpa, logo se explicaram acerca do dinheiro que estava nos sacos de cereais. Entregaram os presentes trazidos, prostraram-se perante José pela segunda vez, mas nada foi mais significativo para José do que reencontrar o seu irmão mais novo, Benjamim. Emocionado ele profere: “Deus te conceda graça, meu filho (Gn 43.29)”. O último ato de graça foi um almoço com porções generosas, mas a porção de Benjamim era cinco vezes maior do que a de qualquer deles (Gn 43.34).

Sobre isso, Louis Berkhof cita João Calvino,

Podemos distinguir vários meios pelos quais a graça comum leva a efeito a sua obra. Calvino sugere alguns deles, quando, ao falar da influência restringente da graça comum, diz: “Daí, por mais que os homens disfarcem a sua impureza, alguns só são impedidos de irromper em muitos tipos de iniquidade pela vergonha, outros pelo temor das leis. Alguns aspiram a uma vida honesta, julgando que favorece mais aos seus interesses, enquanto outros são elevados acima da sorte vulgar para que, pela dignidade da sua posição social, se mantenham inferiores aos seus direitos e deveres. Assim Deus, por Sua providência, refreia a perversidade da natureza, impedindo-a de entrar em ação, mas sem torna-la interiormente pura”.<sup>65</sup>

O temor que acompanhava os filhos de Jacó converteu-se em regozijo pela recepção honrosa, festejo e alegria. A conclusão é que as situações adversas podem ser usadas por Deus para se evidencie o poder da sua graça. Nada foge ao controle absoluto de Deus sobre os fatos da história e a história de vida dos seus filhos.

---

<sup>65</sup> BERKHOF, L, *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã. 2001. p. 406. Berkhof está citando João Calvino (*Inst.* II. 3,3) ao tratar do assunto “Meios pelos quais opera a graça comum”.

### 3.8 Honestidade provada

José submeteu os seus irmãos a um novo teste de fidelidade familiar mandando colocar o seu copo de prata nos sacos bem como todo o dinheiro (Gn 44.1-2). Anteriormente ele fora vendido pelos seus irmãos, e agora o outro irmão seria ameaçado de viver como escravo no Egito. Como eles reagiriam?

#### 3.8.1 Diante de um mistério que prova a probidade

Quando o mordomo de José alcançou a comitiva na estrada e indagou sobre a possibilidade de furto, eles se defenderam afirmando que jamais fariam isso, e que, inclusive, haviam trazido de volta o dinheiro que encontraram nos sacos quando fizeram a primeira viagem. Não seria isso uma prova de probidade? Então a resposta deles é: “Aquele dos teus servos, com quem for achado, morra; e nós ainda seremos escravos do meu senhor (Gn 44.9)”. Tal era a certeza que tinham sobre a inocência de todos, no entanto a busca revelou que o copo estava no saco de mantimentos de Benjamim. Ao rasgar as suas vestes, ato de admissão de pecado, retornaram para a cidade sabendo que, por suas palavras, seriam feitos escravos de alguém que lhes havia praticado tão grande bem.

#### 3.8.2 Diante da acusação e do pedido de clemência

Os filhos de Jacó prostraram-se pela terceira vez diante de José. A ação não aponta, necessariamente, para o exercício de um poder coercivo que humilha, mas na resposta de Jacó ao segundo sonho, ele enfatiza o caráter humilhante da ação ao acrescentar a qualificação “até o chão” (*'aršâ*, Gn 37.10).<sup>66</sup>

Eles foram acusados de furto e estavam em profunda angústia de alma, clamando por misericórdia, exatamente como José enquanto era vendido por eles há algum tempo. A reação deles é de servidão. Há diversas ocorrências da raiz hebraica *'BD* na passagem bíblica (“servir”, “servo”, “escravo”). Em Gênesis 42.10, os irmãos temem por graves consequências: “Não, meu senhor... seus servos (*'ābādēkā*) vieram para comprar comida”. Em Gênesis 42.6, eles temem porque pensam que “o governador” os punirá fazendo-os de “escravos” (*'ābadīm*). Então disse Judá: “Que responderemos a meu senhor? Que falaremos? E como nos justificaremos? Achou Deus a iniquidade dos

<sup>66</sup> Nesse relato existe intertextualidade com a narrativa de Isaque, Esaú e Jacó. Quando Isaque abençoa Jacó, pensando ser Esaú, ele diz o seguinte: “Que as nações o sirvam e os povos se curvem diante de você. Seja senhor dos seus irmãos, e curvem-se diante de você os filhos de sua mãe” (Gn 27.29). No encontro entre Esaú e Jacó em Gênesis 33, Jacó “curvou-se até o chão (*wayyištahû 'aršâ*) sete vezes”. <https://hebraicthought.org/conflitos-familiares-e-a-restauracao-do-cosmo-ii-realeza-e-servidao-na-familia-eleita/> Pesquisado em 10/02/22.

teus servos; eis que somos escravos do meu senhor, tanto nós como aquele em cuja mão se achou o copo (Gn 44.16)”. Mas José os testava, querendo apenas ver como reagiriam à possível separação do irmão mais novo. Por isso afirmou: “Longe de mim que eu faça tal coisa; o homem em cuja mão foi achado o como, tão somente ele será meu servo (Gn 44.17)”.

Judá se fez interlocutor para revisar os fatos, relembrar os acontecimentos até o momento e pedir, por misericórdia, para que isso não fosse levado adiante porque representaria a morte do seu pai.<sup>67</sup> Ele explicou que se fez fiador de Benjamim perante o seu pai, e que agora gostaria de ser o fiador dele diante deste desastre. Ele não poderia subir ao seu pai sem o irmão, não suportaria ver tamanho mal para o seu pai. Era preferível viver como escravo.

A conclusão é que pessoas podem mudar de opinião, de acordo com a sua maturidade. Um dia Judá exortou os seus irmãos a venderem José como escravo e agora ele se dispunha a ser escravo em lugar de seu irmão. Se antes ajudara os irmãos a enganar o pai, agora é a voz mais leal ao patriarca.

### **3.9 Mal transformado em bem**

A argumentação de Judá chegou ao coração de José afetando profundamente o homem que detinha tamanho poder sobre os filhos de Jacó (Gn 45.1-2). Sob forte emoção José quis ficar a sós com eles. A revelação mudará completamente o rumo da história.

#### 3.9.1 Na revelação dos fatos

"Eu sou José; vive ainda meu pai? (Gn 45.3)". E todos ficaram calados, não puderam responder. Eles estavam atemorizados diante dele. Ele pediu que se achegassem a ele, e o fizeram.

“Eu sou José, vosso irmão, a quem vendestes para o Egito (Gn 45.4)”. Deus o havia enviado ao Egito para a conservação da vida, antes deles. Deus havia invalidado a má intenção de se livrarem dele tornando possível que ele assumisse um alto posto para salvá-los agora.<sup>68</sup>

#### 3.9.2 Nos fatos novos e na mudança familiar

A notícia que a família de José viria para o Egito ecoou na casa de Faraó. Carros e provisões foram destinados ao clã. Faraó lhes ofereceu o melhor do Egito (Gn 45.18). A notícia que José esta-

---

<sup>67</sup> FAGER, J. A, *Land Tenure and the Biblical Jubilee: Uncovering Hebrew Ethics through the Sociology of Knowledge*. Sheffield: Sheffield Academic Press. 1993. p. 137-138

<sup>68</sup> EYRICH, H, e HINES, W, *Cura para o Coração*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007. p. 112

va vivo ecoou na casa de Jacó. O coração do velho pai, inicialmente ficou sem palpitar, como se não acreditasse. Mas em seguida, vendo os carros enviados por José, teve o seu espírito revivido dentro de si.<sup>69</sup>

A conclusão é que não há nada encoberto que não seja descoberto; nem oculto que não haja de ser sabido. O que está encoberto deve ser revelado, como Jesus fez, falou abertamente, tornando-se a expressão exata da glória de Deus, a suprema e expressa revelação do altíssimo.

Ao observarmos os fatos envolvendo a família de Jacó podemos aprender que o Senhor estabeleceu planos para a descendência de Abraão. Isso não exclui a possibilidade de pecados como ciúmes ou desobediências por frouxidão moral que resultaram em conflitos de difícil solução. O problema da família de José começou no coração de cada um deles.

Para Jones, três perspectivas podem dar esperança:

Perceber que conflitos são inevitáveis e, portanto, devemos esperar por eles; perceber que alguns conflitos são pecaminosos e, portanto, deve-se resolvê-los; e perceber que conflitos são oportunidades e, portanto, deve-se aproveitá-las. E com o uso de lentes bíblicas pode-se ver os conflitos de maneira diferente.<sup>70</sup>

Mas percebe-se que o Senhor é justo, puro e santo no seu procedimento e sob os seus desígnios a aliança é preservada tendo a integridade como uma marca distintiva dos que o temem. O homem pode fazer planos mas o Senhor estabelece os seus desígnios de acordo com a sua soberania. José foi vítima de um plano terrível que o levou a ser vendido e preso. A sua preservação, apesar dos riscos, ensina como Deus usa o seu poder para “preservar a vida do seu povo” (Gn 50.20).

Segundo O. Palmer Robertson,

Ampla evidência bíblica estabelece o papel vital que as alianças divinas desempenharam nos relacionamentos de Deus com o homem, desde Noé até Jesus Cristo. Nenhum período da história da redenção, de Noé a Jesus Cristo, fica fora do reino dos relacionamentos em aliança de Deus com seu povo. Essas alianças sucessivas feitas com Noé, Abraão, Moisés e Davi estendem-se ao longo de todo o período do Antigo Testamento. A promessa referente à nova aliança, dada durante o tempo em que Israel estava à beira de ser lançado fora da terra, encontra seu cumprimento nos dias de Jesus Cristo e estende-se até à consumação de todas as coisas (Jr 31.31, Ez 37.26, cf. Lc 22.20.; 2Co 3.6; Hb 8.8; 9.15; 10.15-18; 12.24).<sup>71</sup>

Pela providência de Deus e por seus desígnios o temor dos irmãos não se confirmou. Quando Jacó desceu ao Egito e se encontrou com José, depois de se abraçarem e chorarem (Gn 46.29),

<sup>69</sup> MACK. W. A e SWAVELY. D, *A Vida na Casa do Pai*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p. 173

<sup>70</sup> JONES, R, *Em busca da Paz*. São Paulo: NUTRA Publicações, 2018. p. 64

<sup>71</sup> ROBERTSON. O. P, *O Cristo dos Pactos*. São Paulo: Cultura Cristã. 2002. p. 19

José se curvou (*ʿarṣâ*) diante de Jacó (Gn 48.12). E logo após a morte de Jacó (Gn 50.18), mais uma vez o temor dos irmãos não se confirmou porque José não escravizou os irmãos.<sup>72</sup>

Está escrito: "Depois, vieram também seus irmãos, prostraram-se (*wayyipplû*) diante dele e disseram: Eis-nos aqui por teus servos (*ʿabadîm*). Respondeu-lhes José: Não temais; acaso, estou eu em lugar de Deus? (Gn 50.18-19).

Segundo Alfred Poirier,

O caráter de aliança horizontal do perdão bíblico pressupõe sua radical dimensão vertical, ou seja, o fato de que o perdão é algo que diz respeito a nós e Deus. O perdão diz respeito primeiramente e principalmente a Deus e não se trata apenas de ética, como os terapeutas modernos o classificariam. O perdão é teologia — uma teologia construída tendo Deus como centro.<sup>73</sup>

José escolhe não subjugar seus irmãos, mas propõe um relacionamento diferente com eles. Ao invés de um relacionamento entre rei e escravos. José estabelece que ele será provedor de seus irmãos (Gn 50.21). E quando José serve aos seus irmãos, apesar de tudo o que eles fizeram contra ele, demonstra o caminho da justiça por onde a bênção prometida a Abraão alcançaria todas as famílias da terra (Gn 12.1-3), e por onde a bênção divina alcançaria toda a humanidade (Gn 1.28).

José submeteu o seu poder e influência para o bem daqueles que colocaram sua vida em risco, o que implica que a responsabilidade deve ser cumprida apesar do momento adverso porque a desobediência traz consigo um ônus implacável. Quando o homem estiver em dificuldade deve continuar crendo que o Senhor não o abandonará porque aos seus amados sempre haverá uma mão estendida, ainda que, aos olhos humanos, aparente certa demora.<sup>74</sup>

O conflito entre José e seus irmãos foi usado por Deus de forma a demonstrar o seu poder sobre todas as circunstâncias. Da parte de José, ele usou o seu poder para ser um provedor dos irmãos vulneráveis, tanto que a família de Jacó “frutificou” (*wayyiprû*) e “multiplicou” (*wayyirbû*) em Gósen no Egito (Gn 47.27).

Deus deve ser glorificado em todas as situações porque nada lhe escapa ao domínio. A sua soberania ultrapassa a capacidade humana de compreender os fatos. Por isso, deve-se crer somente, e esperar nele, porque ele conhece o fim desde o começo. A glória é para ele, a justiça está nele, o livramento é dele e a provisão vem dele.

<sup>72</sup> POWLISON, D. *Falando a Verdade em Amor - Aconselhamento em Comunidade*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011. p. 161

<sup>73</sup> POIRIER, A. *O Pastor Pacificador – Um Guia Bíblico para a Solução de Conflitos na Igreja*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 146

<sup>74</sup> TIDBALL, D. *Ministério segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012. p. 43

Desta forma conclui-se que o Antigo Testamento testifica sobre o senso de família de Deus através do sangue, de geração em geração, de família em família compondo o povo de Deus, o povo de Israel. É fato que com o advento do Novo Testamento percebe-se que uma descontinuidade sobre as gerações e nota-se um novo elemento, a fé em Jesus. A família de Deus é a mesma, não pela herança do sangue de Abraão, mas pelo sangue de Jesus.

## 4 DISCIPULADO NA FAMÍLIA DA FÉ

Os conceitos “*vocatio e comunium sanctorum*” apontam para o chamado dos discípulos e a comissão dos mesmos para serem apóstolos de Jesus. Em Marcos 3.13-15 está escrito: “Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios”. Deste pequeno grupo liderado por Jesus decorre o ensino nas sinagogas, a pregação do evangelho do reino e a assistência ao ser humano nas suas maiores necessidades”.

João Calvino comentou:

Ele chamou a ele quem ele quis. Marcos transmite para nós a instrução, que era a graça não misturada de Cristo, não para qualquer excelência própria deles, pois eles estavam endividados para receber tão honrado cargo. O significado é que o apostolado não foi dado por causa de qualquer mérito humano; mas, pela clemência livre de Deus pessoas foram chamadas mesmo sendo completamente não merecedoras; e assim foi cumprido o que Cristo diria em outra ocasião, “Não me escolheram, mas eu vos escolhi a vós” (Jo 15.16).<sup>75</sup>

Este texto é uma narrativa histórica. E sendo narrativa é uma história totalmente verídica, crucialmente importante, e certamente, complexa. O propósito da narrativa histórica é o ensino de Deus ao seu povo por meio de fatos ocorridos na vida diária das pessoas que viveram nos tempos bíblicos. É evidenciar Deus operando na sua criação e no meio do seu povo. As narrativas glorificam a Deus, ajudam-nos a entendê-lo e dar a devida honra a Ele, e nos dão um quadro da sua providência.<sup>76</sup>

Porém, as narrativas históricas vistas apenas como um fato, mesmo que verdadeiro, podem não transparecer sua aplicabilidade ou sua utilidade para muitos cristãos, e por isso torna-se necessário interpretar as narrativas para que estas sejam compreensíveis em todos os tempos. Virkler tratando deste assunto se expressa:

---

<sup>75</sup> CALVIN, J. *The Comprehensive John Calvin Collection – comentário de Mc 3:13*. (The Most-Definitive Calvin Collection Ever on CD-ROM!). Versão 1.0, 1998.

<sup>76</sup> FEE, G. D. & STUART, D. *Entendes o que lês?* São Paulo: Vida Nova, 1998. p. 64.



Uma simples repetição da narrativa é um método expositivo insuficiente e ineficaz. Uma mensagem que pode ter tido aplicabilidade para os crentes da época em que foi escrita, pode deixar de ser pertinente aos de hoje. Há necessidade, pois, de um método expositivo que torne as porções narrativas da escritura aplicáveis aos crentes de nossos dias sem fazer o texto dizer algo que o primitivo autor não tinha em mente.<sup>77</sup>

Por isso se faz necessário conhecer a intenção do autor para a época da escrita e sua pertinência para a atualidade. E para interpretarmos o texto usamos do ferramental gramatical-histórico para reconhecer tanto a validade dos termos bíblicos originais como dos detalhes históricos que revelam os princípios a serem conhecidos.<sup>78</sup> Três ideias nortearam o estudo desta passagem: O chamado ao apostolado compreende a escolha de Jesus, a designação para uma missão e a definição da missão.

#### 4.1 Chamados para serem discípulos

Marcos registrou a forma como Jesus chamou os doze para um serviço intenso nas cidades da região, para uma ministração com autoridade e para reconhecimento da importância do serviço dos apóstolos.

O termo “*depois...*”, no texto original é uma conjunção aditiva (e) que é encontrada sete vezes na passagem. A sua função é conectar versículos, frases e palavras para que se tenha uma ideia de sequência na narrativa. Esta conjunção ocorre muitas vezes no livro de Marcos, quase sempre dando um sentido de continuidade, ou às vezes, para indicar o início de uma nova situação.

O termo “*para...*” é uma subordinativa explicativa que aparece duas vezes na passagem. Por que? Segundo o Dr. Francisco Leonardo Schalkwijk a denominação tem peso de explicação final, pois aponta para um fim, um alvo <sup>79</sup>. É uma cláusula de finalidade indicando o propósito da convocação e da missão dos apóstolos. Por isso, nas duas vezes que o termo surge no texto, os mesmos “declaram a intenção do verbo principal, a intenção fundamental do compromisso dos Doze, ou seja, que eles estão com ele e que ele os envia”<sup>80</sup>. Estes são os dois propósitos para os quais Jesus designou os doze<sup>81</sup>.

---

<sup>77</sup> VIRKLER, Henry A. *Hermenêutica Avançada*. São Paulo: Vida, 1998. p. 164.

<sup>78</sup> VIRKLER. *Hermenêutica Avançada*. p. 164.

<sup>79</sup> SCHALKWIJK, F. L. *Coinê: Pequena Gramática do Grego Neotestamentário*. Patrocínio: CEIBEL, 1998. 163.

<sup>80</sup> GUELICH. *World Biblical Commentary*. Vol. 34

<sup>81</sup> BRATCHER, R. *A Translator's Handbook on the Gospel of Mark*. New York: United Bible Societies, 1961.

O termo “*chamou...*” na forma desta passagem aparece somente duas vezes no Novo Testamento, e tem o sentido de convocar, selecionar<sup>82</sup>. A compreensão desta palavra atinge o apogeu quando entendida dentro do contexto: Jesus “chamou para si quem ele quis”. Matthew Henry aponta para a objetividade da convocação: “Ele chamou para separá-los da multidão e segui-lo, ‘e vieram a ele’. Todos os que *quis* chamar, estes *quiseram* vir.”<sup>83</sup>

## 4.2 Chamados e designados

O verbo “*designou*” no texto original indica uma ação simples, uma ação pontilhar, afirmando que o que Jesus designou, está designado. O verbo indica que este ato é uma chancela para alguém assumir um tipo particular de função, para nomear a uma tarefa, designar as pessoas para assumir responsabilidades por uma função.<sup>84</sup>

Os termos “*pregar e ter autoridade*” são coordenados, ou seja, são executados ao mesmo tempo, pois ambos são resultados do ato de designar<sup>85</sup>.

O termo “*montanha ou planície*” aparece vinte e oito vezes no Novo Testamento. Kittel e Friedrich lembram-nos do uso que Jesus faz dos montes: “Jesus frequentemente subiu aos montes (Mt. 15:29). Ele orou (Mc. 6:46; 1:35) e ensinou (Mt. 5:1).”<sup>86</sup> E agora em Marcos 3.13-15 ele chama os doze e os designa apóstolos para pregar e exercer a (sua) autoridade.

Hurtado ressalta:

É uma construção gramatical estranha, porque nenhum monte havia sido mencionado antes, em Marcos. Montes ou colinas são locais bem conhecidos, relacionados a revelações divinas e eventos importantes, na Bíblia. devemos notar a entrega da lei e da aliança a Israel, por Moisés, como um acontecimento da máxima importância (Êxodo 19.1-25; 20.18-20). Este cenário de Marcos talvez objetive significar que a escolha dos doze representa novo evento na história sagrada da redenção, como a constituição original de Israel, a nação escolhida por Deus.<sup>87</sup>

---

<sup>82</sup> GUELICH. *World Biblical Commentary*. Vol. 34 a.

<sup>83</sup> HENRY, M. Comentario exegetico devocional a toda la Bíblia – *Marcos y Lucas*. Barcelona: CLIE, 1990. p. 32.

<sup>84</sup> LOUW, J. P. and NIDA, E. A., *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains*. New York: United Bible Societies 1988, 1989.

<sup>85</sup> BRATCHER. *A Translator’s Handbook on the Gospel of Mark*.

<sup>86</sup> KITTEL, G, and FRIEDRICH, G., Editors, *The Theological Dictionary of the New Testament*, Abridged in One Volume, Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1985.

<sup>87</sup> HURTADO. *O Novo Comentário Bíblico Contemporâneo - Marcos*. 72.

Hendriksen, reconhece o fato do monte não ser nomeado e argumenta que “para as pessoas daqueles dias era provavelmente bem conhecido, de modo que entenderam exatamente o que os escritores dos Evangelhos quiseram dizer por “o monte”.<sup>88</sup>

Brown diz que “as montanhas freqüentemente se associam com a presença de Javé”.<sup>89</sup> E Keener concorda com ele e diz que Montanhas eram freqüentemente lugares para comunhão com Deus (por exemplo, as experiências de Moisés e Elias).<sup>90</sup>

Robert Guelich, porém diz que nem o uso do Antigo Testamento nem o uso de Marcos “*montanha*” oferecem bases suficientes para designar tal peso teológico. Além disso, “montanha” não representa “eventos” secretos constantemente em Marcos (cf. 5.5,11). As outras dez ocorrências de “montanha” em Marcos são tradicionais e recorrem a uma montanha ou o país de colina (5.5, 11; 6.46; 9.2, 9; 11.1, 23; 13:., 14; 14.26). Para Marcos, então, “*a montanha*” oferece um local simplesmente para a chamada dos Doze discípulos.<sup>91</sup>

### 4.3 Chamados para uma missão

O termo “*designou*” (epoiesen) aparece setenta e cinco vezes no Novo Testamento. Segundo Hendriksen: “Com tantos enfermos para curar, tantos endemoninhados a libertar, tanta necessidade de pregar (cf 3.7-12, 14, 15), era natural que Jesus autorizasse a alguns de seus seguidores para compartilhar o trabalho que ele mesmo realizava, operando neles também seu próprio poder e compaixão”.<sup>92</sup>

De um grupo maior Jesus selecionou quem quis e os designou como os seus apóstolos (conforme Lc 6.13). O verbo grego é feito melhor como “designou” (literalmente, fez dele). O propósito era de duplo compromisso: que eles deveriam estar com ele, e que eles deveriam sair para pregar e expulsar demônios.<sup>93</sup>

---

<sup>88</sup> HENDRIKSEN, G. *El Evangelio Segun San Marcos - Comentario Del Nuevo Testamento*. 135.

<sup>89</sup> BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989. vol. I. 613.

<sup>90</sup> KEENER, C S. *Bible Background Commentary: New Testament*. Downer’s Grove, IL: Inter Varsity Press, 1997. 103

<sup>91</sup> GUELICH. *World Biblical Commentary*. Vol. 34. 92

<sup>92</sup> HENDRIKSEN. W. *El Evangelio Segun San Marcos*. 134.

<sup>93</sup> HARRISON, E. F. *The Wycliffe Bible Commentary, New Testament*. Chicago: Moody Press, 1962. 113

Segundo Kittel e Friedrich:

O uso clássico de *dodeka* está em relação ao grupo íntimo de seguidores de Jesus: os doze discípulos em Mateus 10.1, os doze apóstolos em Mt 10.2; Lc 22.14, e os Doze em Mt 26.14. Estas são as mesmas pessoas, mas enquanto todos os apóstolos seriam discípulos, nem todos os discípulos são apóstolos, só esses que foram designados expressamente para ser tal por Jesus. O próprio Jesus escolheu estes doze livremente (Mc 3.13-14; Lc 6.12-13; cf. Jo. 6:70). Questionar o historicidade desta seleção é fazer a existência dos Doze inexplicável. A escolha do número outorga com o plano divino de salvação e a preparação da comunidade como sua meta.<sup>94</sup>

Segundo Cranfield, a questão em perspectiva é o Israel de Deus:

O número doze fora deliberadamente escolhido com as doze tribos de Israel em mente. Se foi este o motivo, então compreende-se porque Jesus chamou doze discípulos (o número 12) quando começou a reunir um povo fiel a Deus (da qual os Doze seriam o núcleo principal).<sup>95</sup>

O termo "*enviar*" ou "*enviado*" (apostelo) aparece em vários lugares nas escrituras. Colin Brown diz que "... Quando se trata de uma delegação para um propósito especial, muitas vezes se ressalta especialmente a causa do envio." <sup>96</sup> Brown ainda diz que "... neste caso, o emissário tem plenos poderes e é representante pessoal de quem o enviou, estabelecendo-se uma conexão estreita entre quem envia e quem recebe a incumbência." <sup>97</sup> Por isso, Louis Berkhof afirma que a incumbência especial que os apóstolos tinham era de lançar os alicerces da igreja para os séculos vindouros.  
98

A palavra "*apóstolo*" é derivada de "*apostelo*" e significa "mensageiro" nome pelo qual Jesus designou os doze que ele escolheu para si. Eis a perspectiva de Berkhof sobre tal ofício:

Estritamente falando, este nome só é aplicável aos doze escolhidos por Jesus e a Paulo; mas também se aplica a certos homens apostólicos que assessoravam a Paulo em seu trabalho e que foram dotados de dons e graças apostólicas (At 14.4, 14; 1 Co 9.5, 6; 2 Co 8.23; Gl 1.19).<sup>99</sup>

E para cumprirem a incumbência de lançar os alicerces da igreja, eles contavam com algumas qualificações especiais:

<sup>94</sup> KITTEL and FRIEDRICH. *The Theological Dictionary of the New Testament*, Abridged in One Volume. 143

<sup>95</sup> CRANFIELD. *The Gospel According To St. Mark Commentary*. 192

<sup>96</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. I. 234.

<sup>97</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. I. 235.

<sup>98</sup> BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. 4.ed. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1996. 589.

<sup>99</sup> BERKHOF. *Teologia Sistemática*. 589.

(a) Foram comissionados diretamente por Deus ou por Jesus Cristo, Mc 3.14; Lc 6.13; Gl 1.1; (b) eram testemunhas da vida de Cristo e, principalmente, de Sua ressurreição, Jo 15.27; At 1.21, 22; 1 Co 9.1; (c) estavam cômnicos de serem inspirados pelo Espírito de Deus em todo o seu ensino, oral e escrito, At 15.28; 1 Co 2.13; 1 Ts 4.8; 1 Jo 5.9-12; (d) tinham o poder de realizar milagres e o usaram em diversas ocasiões para ratificar a sua mensagem, 2 Co 12.12; Hb 2.4; e (e) foram ricamente abençoados em sua obra, como sinal de que Deus aprovava os seus labores, 1 Co 9.1, 2; 2 Co 3.2, 3; Gl 2.8.<sup>100</sup>

A palavra apóstolo pode significar mais do que “mensageiro”: a sua significação literal é a de “enviado”, dando a ideia de representar a pessoa que envia. Diante disso, o apóstolo, é um *enviado*, um *delegado*, um *embaixador*.<sup>101</sup> Para fazermos um estudo da significação de “apóstolo”, com base nos evangelhos devemos ter em mente este três aspectos: *convocação*, *educação* e *comissão*.<sup>102</sup> Wilian Hendriksen concorda que a designação dada aos apóstolos foi tripla: associação e instrução, missão, e expulsão de demônios.<sup>103</sup>

No grego antigo "o termo apóstolo vem da indústria náutica significando um fretador ou uma força naval sem senso de iniciativa ou autorização."<sup>104</sup> Porém, agora Cristo eleva o sentido da palavra, agora “dedicação total e obediente para a tarefa é exigida. O avanço dos apóstolos é o avanço do próprio Jesus e do seu Reino sobre a terra”.<sup>105</sup>

Esta missão preparatória, contudo é uma miniatura da tarefa futura deles no mundo. A primeira especificação de Marcos na escolha dos Doze é para eles “estarem com ele” (Mc. 3.14). A função primária dos apóstolos era testemunhar a existência de Cristo, e a testemunha estava fundamentada em anos de conhecimento diário, experiência afetosamente comprovada e treinamento intensivo.<sup>106</sup> Finalmente, sobre o termo Apóstolo, Wiersbe escreveu:

A palavra significa “um que é enviado com uma comissão.” Jesus teve muitos seguidores, até mesmo verdadeiros discípulos, mas só doze apóstolos. Enquanto a palavra “apóstolo” às vezes é usada dentro o Novo Testamento no senso geral de “um enviado” (Atos 14.14; Romanos 16.7), em seu significado específico, se refere aos Doze e a Paulo. Dez vezes no Evangelho dele, Marcos se refere como “os Doze” (3.14; 4.10; 6.7; 9.35; 10.32; 11.11; 14.10, 17, 20,43). Estes homens viveriam com Jesus, aprenderiam dele, e sairiam e servi-

<sup>100</sup> BERKHOF. *Teologia Sistemática*. p. 589.

<sup>101</sup> BUCKLAND, A. R. *Dicionário Bíblico Universal*. São Paulo: Vida, 1994. 35.

<sup>102</sup> BUCKLAND. *Dicionário Bíblico Universal*. 36.

<sup>103</sup> HENDRIKSEN. *El Evangelio Segun San Marcos*. 135.

<sup>104</sup> KITTEL and FRIEDRICH. *The Theological Dictionary of the NT*. 79

<sup>105</sup> KITTEL and FRIEDRICH. *The Theological Dictionary of the NT*. 81

<sup>106</sup> The New Bible Dictionary. Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, Inc., 1962. 174

riam debaixo da autoridade dele. As qualificações cedidas Atos 1:21–22 indicam isso: não pode haver nenhum apóstolo hoje no significado mais rígido da palavra.<sup>107</sup>

O termo expulsar (*Ekbalein*) aparece 6 vezes no Novo Testamento. Não é por acaso. Colin Brown, diz que “é a expressão do poder derivado da palavra de Jesus”.<sup>108</sup> Ele continua na sua explicação:

A palavra tem significância teológica tão-somente em conexão com a expulsão dos demônios (conforme Mt 7.22; 8.16; 9.34; 12.26-27; 17.19; Lc 13.32). Muita coisa nos conceitos quanto aos demônios (*daemonion*) dos contemporâneos de Jesus foi confirmada por Ele e pela igreja primitiva. Enquanto, porém, os pagãos e os judeus do mundo contemporâneo em derredor procuravam expulsar os demônios por meio da magia, do exorcismo e de outras praxes mágicas, Jesus não precisava de mais nada além de Sua própria palavra de ordem (Mt 8.16). A expulsão dos demônios era um acompanhamento tão importante da Sua proclamação como eram Seus atos de cura divina (Mc 1.39). Jesus, com a autoridade de Deus, mostrou que era mais forte do que o demônio (Mc 1.24 par.), que tinha, portanto, de se render a Ele e curvar-se diante dEle. Jesus, na Sua majestade, também deu aos Seus discípulos autoridade para expulsar demônios (Mt 10.1,8). Seu domínio sobre estes poderes era um sinal de que o reino de Deus viera na Sua pessoa (Mt 12.22-28).<sup>109</sup>

Charles Hodge falando a respeito da possessão demoníaca contribui:

Não devemos negar o que se registra plenamente nas Escrituras como feitos nesta questão; não temos direito de afirmar que Satanás e seus anjos não produzem agora em nenhum caso uns efeitos similares; pelo que devemos abstermos de afirmar o fato da influência ou possessão satânica em qualquer caso em que os fenômenos podem receber outra explicação.<sup>110</sup>

Houve uma grande erupção de atividade demoníaca durante o ministério público de Cristo em terra, certamente, em oposição a sua Messianidade. Os evangelhos registram esta atividade de maneira ampla (Mt 4.24; 8.16, 28,33; 12.22; 15.22; Mc 1.32; 5.15,16,18; Lc 8:36; Jo 10:21).<sup>111</sup>

O termo poder ou autoridade (*Exousian*) aparece cento e oito vezes no Novo Testamento. O seu conceito é levantado sobre três fundamentos. Primeiro, o poder indicado é o poder para decidir. Segundo, esta decisão acontece em relações ordenadas com tudo o que reflete o domínio de Deus. E terceiro, com uma determinada divina autoridade para agir, sugerindo liberdade para a comunidade.

<sup>107</sup> WIERSBE, W. *Wiersbe's Expository Outlines on the New Testament*, Wheaton, Illinois: Victor Books, 1992. 206

<sup>108</sup> BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. I. 597.

<sup>109</sup> BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. I. 597-98.

<sup>110</sup> HODGE, C. *Teologia Sistemática*. Barcelona: CLIE, 1997. vol. 1 452.

<sup>111</sup> ENNS, P. *The Moody Handbook of Theology*. Chicago, III.: Moody Press, 1996. 109

Assim, o termo poder e autoridade denota a possibilidade absoluta de ação que é somente própria a Deus como a fonte de todo o poder e legalidade (Lc 12.5; At 1.7; Jd 25; Rm 9.21).<sup>112</sup>

Parece ser uma característica do Novo Testamento que tanto "exousia" quanto "dunamis" se relacionem com a obra de Cristo, com a conseqüente nova ordenação da estrutura do poder cósmico, e com revestimento de poder entregue aos crentes. O poder e autoridade de Jesus fundamentam-se no fato Ele ser enviado. O poder, autoridade e liberdade de ação pertencem: (1) ao próprio Deus; (2) a uma comissão nos últimos dias; e (3) a um cristão na sua existência escatológica.<sup>113</sup>

Hurtado comentando sobre o conceito de autoridade afirma:

Uma das ênfases deste Evangelho é que Jesus foi dotado de poder divino, a fim de executar a sua obra. Aqui o fato extraordinário notável é que Jesus confere esse poder aos doze, o que significa que são retratados como cooperadores do Senhor em suas obras, ainda que o poder dos discípulos derive de seu mestre.<sup>114</sup>

Alexander referindo-se a este poder assim se expressa:

Este miraculoso poder não é para ser considerado como independente e uma função coordenada do ofício apostólico, mas como subsidiário para a missão de pregar ou proclamar o Reino do Messias, ambos como uma atestação desta mensagem, e como um método de despertar atenção e assegurar a recepção das verdades da Graça.<sup>115</sup>

O que significa a autoridade de Jesus? A obra de Jesus anuncia que o diabo (Satanás) e os demônios foram despojados do seu poder. Aquele a quem Deus enviou tem a autoridade para destruir as obras do diabo, e de arrebatá-los do seu domínio. À autoridade de Jesus, portanto, atribui-se o poder da expulsão (Lc 4.36), autoridade que Ele pode atribuir aos discípulos que envia (Mt 10.1; Mc 3.15; Lc 9.1; Mc 6.7; Lc 10.19).<sup>116</sup>

O que significa, então, a autoridade dos crentes? Pela instrumentalidade do pacto a autoridade do cristão se alicerça no governo de Cristo e no desarmamento de todos os poderes. Subentende não somente a liberdade, como também o serviço. O crente tem plena liberdade de ação, porque a Lei, como barreira de proibições, foi quebrada pelo ato redentor e salvador de Cristo, e

<sup>112</sup> KITTEL and FRIEDRICH. *The Theological Dictionary of the New Testament*, Abridged in One Volume. 86-89

<sup>113</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. III. 581.

<sup>114</sup> HURTADO. *O Novo Comentário Bíblico Contemporâneo - Marcos*. 73.

<sup>115</sup> ALEXANDER. *The Gospel According to Mark*. 65.

<sup>116</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. III. 582.

porque recebeu o dom do Espírito da liberdade. Tem a liberdade e o poder de dispor de todas as coisas segundo a sua vontade, porque agora, com a glorificação de Cristo, já não existe nada sob o domínio do "... império das trevas".<sup>117</sup>

No chamado que Jesus fez ao discípulos percebemos, ainda que de maneira incipiente, o início de uma atividade que se desenvolveria até a formação da igreja. Isso se deu pelo chamado que proporcionou uma separação (eles foram selecionados) para uma unidade visível (um grupo orgânico).

O chamado os distinguiu porque foram separados das atividades anteriores e do convívio com os antigos relacionamentos (Cl 1.13); separados para serem identificados como alguém que teria uma missão da parte de Deus para cumprir (1Pe 2.9-10); separados da religião atual e do envolvimento com o nacionalismo (2 Co 10.34).

O grupo orgânico os evidenciou como precursores da igreja: Para que o mundo cresse (Jo 17.23); para que houvesse um culto reacional (Rm 12.1-3); para receber os nascidos no Espírito; para ter a mente de Cristo (Fp 2.5), para serem pedras vivas (2Pe 2.5), nascidos do Espírito (Jo 33); para testemunho (Jo17.23); para serem o corpo de Cristo (1Co 12).

O contexto religioso no tempo de Jesus era dominado pelo ensino farisaico, um fardo pesado, que a obediência à lei conduziria à salvação (Mt 23.4). Tal distorção dos ensinamentos bíblicos colocavam sobre o homem a responsabilidade da salvação. Isso produzia desespero, ansiedade e um ofuscamento da esperança nos ouvintes do primeiro século. Então o SENHOR chamou os discípulos, e com isso ele rompeu com o sistema vigente. O seu chamado tem fundamentos próprios de discipulado.

O discipulado de Jesus tem um conceito triplo: O chamado para que eles estivessem com ele, o comissionamento e a designação para trabalho. A unidade consistia de um convite triplo: Chamados para permanecerem com ele; chamados para um comissionamento; chamados para uma designação.

O convite consistia de um motivo triplo: Ensinar, pregar e curar. Ele chamou quem quis. André, Pedro, Tiago e João lançavam as redes como pescadores. André e Pedro deixaram as redes. Tiago e João deixaram o barco e o pai. Levi deixou a coletoria, todos deixaram tudo para trás...

Assim, a natureza do chamado dos discípulos para a época da escrita aponta para a sua pertinência na atualidade. O método gramatical-histórico é a ferramenta para reconhecer tanto a validade dos termos bíblicos originais como os detalhes históricos que revelam os princípios a serem

---

<sup>117</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. III. 583.



conhecidos.<sup>118</sup> Três ideias nortearam o estudo do texto: O chamado de Jesus, a designação dos chamados para uma missão e a definição da missão. Marcos registrou a forma como Jesus chamou os doze para um serviço intenso nas cidades da região, para uma ministração com autoridade e para reconhecimento da importância do serviço dos apóstolos.

#### 4.4 "*Vocatio ad Communion Sanctorum*"

Está escrito:

Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele. Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar e a exercer a autoridade de expelir demônios. Eis os doze que designou: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer: filhos do trovão; André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu. (Marcos 3.13-19).

Este acontecimento também está registrado em outros lugares:

Tendo chamado os seus doze discípulos, deu-lhes Jesus autoridade sobre espíritos imundos para os expelir e para curar toda sorte de doenças e enfermidades. Ora, os nomes dos doze apóstolos são estes: primeiro, Simão, por sobrenome Pedro, e André, seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano; Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão, o Zelote, e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu (Mateus 10.1-2).

Naqueles dias, retirou-se para o monte, a fim de orar, e passou a noite orando a Deus. E, quando amanheceu, chamou a si os seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de apóstolos: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João; Filipe e Bartolomeu; Mateus e Tomé; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, chamado Zelote; Judas, filho de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor (Lucas 6.12-16). Tendo Jesus convocado os doze, deu-lhes poder e autoridade sobre todos os demônios, e para efetuarem curas (Lucas 9.1-2)

Em seguida ao batismo Jesus iniciou o ministério que seria pautado pelo ensino nas sinagogas, pregação do evangelho do reino e assistência ao ser humano nas suas maiores necessidades. A sua primeira ação é chamar discípulos para serem apóstolos. Desta forma, qualquer futura ordenação teria de ser fundamentada no chamado de Jesus, na designação dos escolhidos para o trabalho e na definição do que eles deveriam fazer.

João Calvino comentou:

Ele chamou a ele quem ele quis. Marcos transmite para nós a instrução, que era a graça não misturada de Cristo, não para qualquer excelência própria deles, pois eles estavam endividados sobremaneira para receber tão honrado cargo. (...) o significado é que o apostolado não foi dado por causa de qualquer mérito humano; mas, pela clemência livre de Deus pessoas foram chamadas mesmo sendo completamente desmerecedoras; e assim

---

<sup>118</sup> VIRKLER, H. *Hermenêutica Avançada*. Tradução: Luiz Caruso, São Paulo: Editora Vida, 2007. 163-165.

foi cumprido o que o Cristo diria em outra ocasião, “Não me escolheram, mas eu vos escolhi a vós” (Jo 15.16).<sup>119</sup>

Louis Berkhof escreveu:

A doutrina da aplicação dos méritos de Cristo leva naturalmente à doutrina da igreja, pois esta consiste dos que são partícipes de Cristo e das bênçãos da salvação que nele há. A concepção reformada (calvinista) é que Cristo, pela operação do Espírito Santo, reúne homens consigo, dota-os da verdadeira fé e, assim, constitui a igreja como Seu corpo, a *communio fidelium* ou *sanctorum* (comunhão dos fiéis ou dos santos).<sup>120</sup>

Hayes também frisou:

Um dos conceitos imprescindíveis da igreja é o contido na doutrina da comunhão dos santos. O Credo dos Apóstolos incluiu este instituto como plataforma de fé. Anteriormente apresentamos a comunhão à luz das marcas da verdadeira igreja. A realidade de um vínculo comum em Cristo entre cristãos, apesar da raça, gênero ou classe deveria se uma marca óbvia da igreja. Mas a koinonia, essencial para o Corpo de Cristo, é mais do que uma questão de ligação. Importa em responsabilidade e prestação de contas. A comunhão dos santos deveria revelar de modo corporativo nossa unidade em Cristo perante a Palavra e os outros crentes. “Porque nenhum de nós vive para si, escreveu Paulo, “e nenhum de nós morre para si” (Rm. 14:7).<sup>121</sup>

Os textos bíblicos relatam fatos que aconteceram, sendo portanto uma narrativa histórica. E sendo narrativa é uma história totalmente verídica, crucialmente importante, certamente complexa, mas totalmente aplicável. O propósito da narrativa histórica é o ensino de Deus ao seu povo por meio de fatos ocorridos na vida diária das pessoas que viveram nos tempos bíblicos. É evidenciar Deus operando na sua criação e no meio do seu povo. As narrativas glorificam a Deus, ajudam-nos a entendê-lo para que demos a devida gloria a Ele.<sup>122</sup>

Jesus chamou os seus discípulos, sendo que o termo usado por ele aparece muitas vezes Novo Testamento, sempre com o sentido de vocação de Deus, e em alguns momentos, sob o aspecto de

---

<sup>119</sup> CALVIN, John. *The Comprehensive John Calvin Collection* – comentário de Mc 3:13. (The Most-Definitive Calvin Collection Ever on CD-ROM!). 1998.

<sup>120</sup> BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. 509

<sup>121</sup> HAYES, Ed. *The Church*, Swindoll Leadership Library (Nashville: Word, 1999), 124.

<sup>122</sup> FEE, Gordon D. & STUART, Douglas. *Entendes o que lês?* São Paulo: Vida Nova, 1998. 64.

seleção<sup>123</sup>. Jesus “chamou para si quem ele quis”<sup>124</sup>. É um chamado para a salvação e para o serviço do seu reino, uma ordem, uma intimação.<sup>125</sup>

O objetivo da convocação, segundo Henry era a separação para uma missão: “Ele chamou para separá-los da multidão e seguiu-o, ‘e vieram a ele’. Todos os que *quis* chamar, estes *quiseram* vir.”<sup>126</sup> Na compreensão confessional clássica “vocação para o ofício na igreja é a chamada de Deus, pelo Espírito Santo, mediante o testemunho interno de uma boa consciência e a aprovação do povo de Deus por intermédio de um concílio”.<sup>127</sup>

#### Para Xavier Leon-Dufour

a vocação é o chamado que Deus dirige ao homem a quem Ele escolheu para si e que destina a uma obra especial no seu plano de salvação e no destino do seu povo. Na origem da vocação há, portanto, uma eleição divina; no seu termo, uma vontade divina a cumprir. Não obstante, a vocação acrescenta algo à eleição e à missão: um chamado pessoal dirigido à consciência mais profunda do indivíduo, produzindo uma reviravolta na sua existência, não só nas suas condições exteriores, mas até no coração, fazendo dele um outro homem<sup>128</sup>.

Por isso, entende-se que o fundamento principal do ministério pastoral é a glorificação ao Senhor (1Coríntios 10.31-11.1) pela vocação eficaz. Em seguida, quando o chamado é dedicado à fiel pregação das Escrituras a Igreja é edificada e consolidada (Efésios 4.11-16), então os meios de graça são exercitados e os eleitos são constantemente comunicados acerca do ser de Deus e seu plano redentivo (1 Timóteo 2.15-17). O fundamento para a ordenação ministerial repousa na Glória de Deus, no serviço a Igreja e no alcance dos perdidos.

É o chamado eficaz, a operação do espírito, e a resposta no coração do eleito. Um desejo de estar com ele, e como João escreveu depois em 1Jo 1.3 “O que temos visto e ouvido anunciamos

---

<sup>123</sup> GUELICH. *World Biblical Commentary*. Vol. 34.

<sup>124</sup> Na literatura neotestamentária, a palavra tem origens gregas no verbo chamar (*kaleo*) e suas variações (o substantivo *klêsis* e o adjetivo *kletós*). Significa eu chamo, nomeio, convoco. Paulo o usou na carta aos Efésios, na carta aos coríntios e em alguns outros momentos: “Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados (*eklêthete*)” (Ef 4.1). O substantivo *klêsis* significa vocação, chamado, convite: “Irmãos, reparaí, pois, na vossa vocação (*klêsin*)” (1 Co 1.26). O adjetivo *kletós* significa chamado, convocado: “de cujo número sois também vós, chamados (*kletòi*) para serdes de Jesus Cristo” (Rm 1.6).

<sup>125</sup> BROWN. C., *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*, vol. IV, 450.

<sup>126</sup> HENRY, Matthew. *Matthew Henry – comentario exegetico devocional a toda la Biblia – Marcos y Lucas*. Barcelona: CLIE, 1990. 32.

<sup>127</sup> CONSTITUIÇÃO DA IGREJA PESBITERIANA DO BRASIL (CI/IPB, art. 108)

<sup>128</sup> DANNER. S., *Vocabulário de teologia bíblica*, 1099-1102.

também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora a nossa comunhão é com o Pai e seu filho Jesus Cristo".

Ao estudar o texto bíblico vemos que Jesus os chamou para um trabalho. Este termo aparece duas vezes, fornecendo uma explicação final, pois aponta para um fim, um alvo<sup>129</sup>. Por ser uma expressão de instrumentalidade, indica o propósito da convocação e da missão. Por isso, nas duas vezes que o termo surge no texto, os mesmos “declaram a intenção do verbo principal, a intenção fundamental do compromisso dos Doze, ou seja, que eles estão com ele e que ele os envia”<sup>130</sup>. Estes são os dois propósitos para os quais Jesus designou os doze.<sup>131</sup>

O trabalho é entregue sob designação. O verbo no texto original indica uma ação simples, pontilhar, afirmando que o que Jesus fez foi algo definitivo. O verbo indica que este ato é uma chancela para alguém assumir um tipo particular de função, sendo nomeado a uma tarefa, designar as pessoas para assumir responsabilidades por uma função.<sup>132</sup>

De um grupo maior Jesus selecionou quem quis e os designou como os seus apóstolos (Lc 6:13). O verbo grego é entendido de maneira mais adequada ao ser entendido como “fez deles”. O propósito era de duplo compromisso: que eles deveriam estar com ele, e que eles deveriam sair para pregar e expulsar demônios. Estes objetivos são coordenados, ou seja, são executados ao mesmo tempo, pois ambos são resultados da designação.<sup>133</sup>

Sobre isso, Willian Hendriksen escreveu:

Com tantos enfermos para curar, tantos endemoninhados a libertar, tanta necessidade de pregar (veja 3:7-12, 14, 15), era natural que Jesus autorizasse a alguns de seus seguidores para compartilhar o trabalho que ele mesmo realizava, operando neles também seu próprio poder e compaixão.<sup>134</sup>

O grupo de discípulos era amplo, não temos ideia clara de quantos eram. Deste grupo maior Jesus separou quem quis e os designou como os seus apóstolos (Lc 6.13). O verbo grego é melhor

---

<sup>129</sup> SCHALKWIJK, F. L. *Coinê: Pequena Gramática do Grego Neotestamentário*. Patrocínio: CEIBEL, 1998. 163.

<sup>130</sup> GUELICH, R. *World Biblical Commentary*. Vol. 34

<sup>131</sup> BRATCHER, R. *A Translator's Handbook on the Gospel of Mark*. New York: United Bible Societies, 1961.

<sup>132</sup> LOUW, J P. and NIDA, E., A., *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains*. New York: United Bible Societies 1988

<sup>133</sup> BRATCHER. *A Translator's Handbook on the Gospel of Mark*. 65

<sup>134</sup> HENDRIKSEN. W. *El Evangelio Segun San Marcos - Comentario Del NT*. 134.

entendido como “designou” (fez dele). O propósito era de duplo compromisso: que eles permanecessem com ele, e que posteriormente deveriam sair para pregar e expulsar demônios.<sup>135</sup>

Kittel e Friedrich escreveram:

O uso clássico de *dodeka* está em relação ao grupo íntimo de seguidores de Jesus: os doze discípulos em Mt. 10:1 etc., os doze apóstolos em Mt. 10:2; Lc. 22:14, e os Doze em Mt. 26:14 etc. Estas são as mesmas pessoas, mas enquanto todos os apóstolos seriam discípulos, nem todos os discípulos são apóstolos, só esses que foram designados expressamente para ser tal por Jesus. O próprio Jesus escolheu estes doze livremente (Mc. 3:13-14; Lc. 6:12-13; cf. Jo. 6:70). Questionar o historicidade desta seleção é fazer a existência dos Doze inexplicável. A escolha do número outorga com o plano divino de salvação e a preparação da comunidade como sua meta”.<sup>136</sup>

Wiersbe escreveu:

A palavra significa “um que é enviado com uma comissão.” Jesus teve muitos seguidores, até mesmo verdadeiros discípulos, mas só doze apóstolos. Enquanto a palavra “apóstolo” às vezes é usada dentro o Novo Testamento no senso geral de “um enviado” (Atos 14.14; Romanos 16.7), em seu significado específico, se refere aos Doze e a Paulo. Dez vezes no Evangelho dele, Marcos se refere como “os Doze” (3.14; 4.10; 6.7; 9.35; 10.32; 11.11; 14.10, 17, 20,43). Estes homens viveriam com Jesus, aprenderiam dele, e sairiam e serviriam debaixo da autoridade dele. As qualificações cedidas Atos 1:21–22 indicam isso: não pode haver nenhum apóstolo hoje no significado mais rígido da palavra.<sup>137</sup>

Parece provável, segundo Cranfield, “que o número doze fora deliberadamente escolhido com as doze tribos de Israel em mente. Se fosse, então pareceria ser evidência que Jesus pensou nele quando começou a reunir um povo fiel a Deus, do qual os Doze seriam o núcleo”.<sup>138</sup>

O local onde este evento aconteceu, dentro do contexto, pode conter informações significativas. O termo “monte”, embora pareça não ter importância, aparece vinte e oito vezes no Novo Testamento. Kittel e Friedrich registraram: “Jesus frequentemente subiu aos montes (Mt 15.29), orou nestes lugares (Mc 6.46) e ensinou nos montes (Mt 5.1)”.<sup>139</sup> E agora em Marcos 3.13-16 ele chama doze homens e os designa para permanecerem com ele, comissionando-os como apóstolos para pregar e exercer a (sua) autoridade.

Hurtado escreveu:

<sup>135</sup> HARRISON, E. F. *The Wycliffe Bible Commentary, New Testament*. Chicago: Moody Press, 1962.

<sup>136</sup> KITTEL and FRIEDRICH. *The Theological Dictionary of the New Testament, Abridged in One Volume*.

<sup>137</sup> WIERSBE, W. *Wiersbe's Expository Outlines on the New Testament*, Wheaton, Illinois: Victor Books, 1992.

<sup>138</sup> CRANFIELD. *The Gospel According To St. Mark Commentary*. 192

<sup>139</sup> KITTEL, G., and FRIEDRICH, G., Editors, *The Theological Dictionary of the New Testament, Abridged in One Volume*, Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Company, 1985.

É uma construção gramatical estranha, porque nenhum monte havia sido mencionado antes, em Marcos. Montes ou colinas são locais bem conhecidos, relacionados a revelações divinas e eventos importantes, na Bíblia. devemos notar a entrega da lei e da aliança a Israel, por Moisés, como um acontecimento da máxima importância (Êxodo 19:1-25; 20:18-20). Este cenário de Marcos talvez objetive significar que a escolha dos doze representa novo evento na história sagrada da redenção, como a constituição original de Israel, a nação escolhida por Deus.<sup>140</sup>

Hendriksen, reconhece o fato do monte não ser nomeado e argumenta que “para as pessoas daqueles dias era provavelmente bem conhecido, de modo que entenderam exatamente o que os escritores dos Evangelhos quiseram dizer por “o monte”<sup>141</sup>

Brown escreveu: "As montanhas frequentemente se associam com a presença de Javé".<sup>142</sup> Keener concorda com ele e diz que "montanhas eram frequentemente lugares para comunhão com Deus, tendo como exemplo, as experiências de Moisés e Elias".<sup>143</sup>

Robert Guelich, porém diz que nem o uso do Antigo Testamento nem o uso de Marcos “montanha” oferecem bases suficientes para designar tal peso teológico aqui. Marcos 3:13-19 quase não é uma revelação divina. Além disso, “montanha” não representa “eventos” secretos constantemente em Marcos (cf. 5:5, 11). As outras dez ocorrências de “montanha” em Marcos são tradicionais e recorrem a uma montanha ou o país de colina (5:5, 11; 6:46; 9:2, 9; 11:1, 23; 13:3, 14; 14:26). Para Marcos, então, “a montanha” oferece um local simplesmente para a chamada dos Doze.<sup>144</sup>

A Confissão de Fé de Westminster dedica um capítulo para o assunto:

I. Todos aqueles que Deus predestinou para a vida, e só esses, é ele servido, no tempo por ele determinado e aceito, chamar eficazmente pela sua palavra e pelo seu Espírito, tirando-os por Jesus Cristo daquele estado de pecado e morte em que estão por natureza, e transpondo-os para a graça e salvação. Isto ele o faz, iluminando os seus entendimentos espiritualmente a fim de compreenderem as coisas de Deus para a salvação, tirando-lhes os seus corações de pedra e dando lhes corações de carne, renovando as suas vontades e determinando-as pela sua onipotência para aquilo que é bom e atraindo-os eficazmente a Jesus Cristo, mas de maneira que eles vêm mui livremente, sendo para isso dispostos pela sua graça. *Ref.* João 15:16; At. 13:48; Rom. 8:28-30 e 11:7; Ef. 1:5,10; I Tess. 5:9; 11 Tess. 2:13-14; II Cor.3:3,6; Tiago 1:18; I Cor. 2:12; Rom. 5:2; II Tim. 1:9-10; At. 26:18; I Cor. 2:10, 12; Ef. 1:17-18; II Cor. 4:6; Eze. 36:26, e 11:19; Deut. 30:6; João 3:5; Gal. 6:15; Tito 3:5; I Ped. 1:23; João 6:44-45; Sal. 90:3; João 9:3; João6:37; Mat. 11:28; Apoc. 22:17.

<sup>140</sup> HURTADO. *O Novo Comentário Bíblico Contemporâneo - Marcos*. 72.

<sup>141</sup> HENDRIKSEN, G. *El Evangelio Segun San Marcos - Comentario Del Nuevo Testamento*. 135.

<sup>142</sup> BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989. vol. I 613.

<sup>143</sup> KEENER, C S. *IVP Bible Background Commentary: New Testament*. Downer's Grove, IL: Inter Varsity Press, 1997.

<sup>144</sup> GUELICH. R. *World Biblical Commentary*. Vol. 34

II. Esta vocação eficaz é só da livre e especial graça de Deus e não provem de qualquer coisa prevista no homem; na vocação o homem é inteiramente passivo, até que, vivificado e renovado pelo Espírito Santo, fica habilitado a corresponder a ela e a receber a graça nela oferecida e comunicada. *Ref.* II Tim. 1:9; Tito 3:4-5; Rom. 9:11; I Cor. 2:14; Rom. 8:7-9; Ef. 2:5; João 6:37; Eze. 36:27; João5:25.

III. As crianças que morrem na infância, sendo eleitas, são regeneradas e por Cristo salvas, por meio do Espírito, que opera quando, onde e como quer, Do mesmo modo são salvas todas as outras pessoas incapazes de serem exteriormente chamadas pelo ministério da palavra. *Ref.* Gen. 17:7; Sal. 105:8-10; Eze. 16-20-21; Luc. 18:1516; At. 2:39; Gal. 3:29; João 3:8 e 16:7- 8; I João 5: 12; At. 4:12.

IV. Os não eleitos, posto que sejam chamados pelo ministério da palavra e tenham algumas das operações comuns do Espírito, contudo não se chegam nunca a Cristo e portanto não podem ser salvos; muito menos poderão ser salvos por qualquer outro meio os que não professam a religião cristã, por mais diligentes que sejam em conformar as suas vidas com a luz da natureza e com a lei da religião que professam; o asseverar e manter que podem é muito pernicioso e detestável. *Ref.* Mat. 13:14-15; At. 28:24; Mat. 22:14; Mat. 13:20-21, e 7:22; Heb. 6:4-5; João 6:64-66, e 8:24; At. 4:12; João 14:6 e 17:3; Ef. 2:12-13; II João 10: 1 1; Gal. 1:8; I Cor. 16:22. (Capítulo X, Da Vocação Eficaz)

Então, segundo este ensino, o que é a vocação eficaz? Como Deus chama as pessoas? São forçadas a virem? Deus ama a todas as pessoas da mesma maneira? Como funciona a operação da graça e onipotência de Deus? Qual é o motivo do chamado? no amor pelos eleitos, sem a participação deles, em absolutamente nada. No entanto eles são unidos a Cristo no tempo de Deus (2Co 5.20 e 2Co 6.1-2): Chamados e trazidos (João 6.44); Unidos pela Palavra e pelo Espírito (2Ts 2.14); Iluminados (Atos 26.18, 1Co 2.10-12); Vontade renovada (Ex 11.19; Jo 6.45); Capacitados a entender (Ef 2.5; Fp 2.13;Dt 30.6).

Deus chama de duas formas: Chamado exterior (a oferta livre do Evangelho) e chamado interior (aos eleitos, sempre aceito). Deus não força os eleitos a virem a Cristo, pois os renova de tal maneira que eles passam a querer vir a Cristo. Quando alguém vem, vem por seu entendimento, no entanto, é uma demonstração de coração modificado pelo Espírito de Deus. Sem esta modificação ninguém viria a Cristo (Rm 3.23). Deus ama com amor geral, mas com amor estrito é para salvação (Rm 9.13; Jo 17.9; Jr 31.3).

Poderia isso ser considerado uma injustiça? Se Deus lidasse com o ser humano segundo a justiça, todos seriam condenados. O seu amor não é baseado em justiça, mas em misericórdia. Deus não deve amor e salvação, é livre para escolher e preterir (Rm 9.14-18). Por isso conclui-se que a vocação exterior é uma oferta e a vocação interior é uma operação (Jo 1.11-12)

O chamado de Deus é “das trevas para a sua maravilhosa luz” (1Pe 2.9); todos foram chamados “à comunhão com seu Filho Jesus Cristo, nosso Senhor” (1Co 1.9; At 2.39) e para o seu Reino e glória” (1Ts 2.12; cf. 1Pe 5.10; 2Pe 1.3).

## 4.5 “*Educatio ad Commissum*”

Está escrito que

Percorria Jesus toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou. E da Galiléia, Decápolis, Jerusalém, Judéia e além do Jordão numerosas multidões o seguiam (Mateus 4.23-25).

Este se mostraria um tempo de aprendizado, o início da tarefa futura deles no mundo. Ele foram chamados para conviverem com Jesus. Ao conviver dariam início a uma das melhores formas de propagação, o testemunho. A função primária dos apóstolos era testemunhar a existência de Cristo, e o testemunho estaria fundamentado no conhecimento diário, experiência afetuosamente comprovada e treinamento intensivo.<sup>145</sup>

O termo enviar ou enviado (Apostelo) aparece em vários lugares nas escrituras, não por acaso. Colin Brown diz que

Quando se trata de uma delegação para um propósito especial, muitas vezes se ressalta especialmente a causa do envio.”<sup>146</sup> E “... neste caso, o emissário tem plenos poderes e é representante pessoal de quem o enviou, estabelecendo-se uma conexão estreita entre quem envia e quem recebe a incumbência.”<sup>147</sup>

Louis Berkhof afirma que a incumbência especial que os apóstolos tinham era de lançar os alicerces da igreja para os séculos vindouros.<sup>148</sup> A palavra "apóstolo" é um substantivo. O verbo é "apostelo" e significa “mensageiro” nome pelo qual Jesus designou os doze que ele escolheu para si. Eis a perspectiva de Berkhof sobre tal ofício:

Estritamente falando, este nome só é aplicável aos doze escolhidos por Jesus e a Paulo; mas também se aplica a certos homens apostólicos que assessoravam a Paulo em seu trabalho e que foram dotados de dons e graças apostólicas (At 14.4, 14; 1 Co 9.5, 6; 2 Co 8.23; Gl 1.19).<sup>149</sup>

E para lançar os alicerces da igreja, foram separados da multidão e unidos visivelmente:

---

<sup>145</sup> The New Bible Dictionary. Wheaton, Illinois: Tyndale House Publishers, Inc., 1962.

<sup>146</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. I. 234.

<sup>147</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. I. 235.

<sup>148</sup> BERKHOF, L. *Teologia Sistemática*. 4.ed. Campinas: Luz Para o Caminho Publicações, 1996. 589.

<sup>149</sup> BERKHOF. *Teologia Sistemática*. 589.



(a) Foram comissionados diretamente por Deus ou por Jesus Cristo, Mc 3.14; Lc 6.13; Gl 1.1; (b) eram testemunhas da vida de Cristo e, principalmente, de Sua ressurreição, Jo 15.27; At 1.21, 22; 1 Co 9.1; (c) estavam cômicos de serem inspirados pelo Espírito de Deus em todo o seu ensino, oral e escrito, At 15.28; 1 Co 2.13; 1 Ts 4.8; 1 Jo 5.9-12; (d) tinham o poder de realizar milagres e o usaram em diversas ocasiões para ratificar a sua mensagem, 2 Co 12.12; Hb 2.4; e (e) foram ricamente abençoados em sua obra, como sinal de que Deus aprovava os seus labores, 1 Co 9.1, 2; 2 Co 3.2, 3; Gl 2.8.<sup>150</sup>

O “enviado” representa a pessoa que o envia, como um “delegado ou embaixador”.<sup>151</sup> Para fazermos um estudo da significação de “apóstolo”, com base nos evangelhos, devemos ter em mente este três aspectos: *convocação*, *educação* e *comissão*.<sup>152</sup> Willian Hendriksen concorda que a designação dada aos apóstolos foi tripla: Associação, instrução e missão.<sup>153</sup>

No grego antigo "o termo apóstolo vem da indústria náutica significando um fretador ou uma força naval sem senso de iniciativa ou autorização".<sup>154</sup> Porém, agora Cristo eleva o sentido da palavra para “dedicação total e obediente na tarefa a que é exigido. O chamado e a consolidação do colegiado apostólico torna-se o avanço do Reino de Jesus Cristo sobre a terra”.<sup>155</sup>

Quanto ao comissionamento para expulsar, ao que tudo indica, “é a expressão do poder derivado da palavra de Jesus”.<sup>156</sup>

A palavra tem significância teológica tão somente em conexão com a expulsão dos demônios (conforme Mt 7.22; 8.16; 9.34; 12.26-27; 17.19; Lc 13.32). Muita coisa nos conceitos quanto aos demônios (*daemonion*) dos contemporâneos de Jesus foi confirmada por Ele e pela igreja primitiva. Enquanto, porém, os pagãos e os judeus do mundo contemporâneo em derredor procuravam expulsar os demônios por meio da magia, do exorcismo e de outras praxes mágicas, Jesus não precisava de mais nada além de Sua própria palavra de ordem (Mt 8.16). A expulsão dos demônios era um acompanhamento tão importante da Sua proclamação como eram Seus atos de cura divina (Mc 1.39). Jesus, com a autoridade de Deus, mostrou que era mais forte do que o demônio (Mc 1.24 par.), que tinha, portanto, de se render a Ele e curvar-se diante dEle. Jesus, na Sua majestade, também deu aos Seus discípulos autoridade para expulsar demônios (Mt 10.1,8). Seu domínio sobre estes poderes era um sinal de que o reino de Deus viera na Sua pessoa (Mt 12.22-28).<sup>157</sup>

Charles Hodge também escreveu:

---

<sup>150</sup> BERKHOF. *Teologia Sistemática*. 589.

<sup>151</sup> BUCKLAND, A. R. *Dicionário Bíblico Universal*. São Paulo: Vida, 1994. 35.

<sup>152</sup> BUCKLAND. *Dicionário Bíblico Universal*. 35.

<sup>153</sup> HENDRIKSEN. *El Evangelio Segun San Marcos - Comentario Del NT*. 135.

<sup>154</sup> KITTEL and FRIEDRICH. *The Theological Dictionary of the NT*. 172

<sup>155</sup> KITTEL and FRIEDRICH. *The Theological Dictionary of the NT*.

<sup>156</sup> BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. I. 597.

<sup>157</sup> BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. I. 597-98.

Não devemos negar o que se registra plenamente nas Escrituras como feitos nesta questão; não temos direito de afirmar que Satanás e seus anjos não produzem agora em nenhum caso uns efeitos similares; pelo que devemos abstermos de afirmar o fato da influência ou possessão satânica em qualquer caso em que os fenômenos podem receber outra explicação.<sup>158</sup>

Houve uma grande erupção de atividade demoníaca durante o ministério público de Cristo em terra, certamente, em oposição a sua Messianidade. Os evangelhos registram esta atividade de maneira ampla (Mt 4.24; 8.16, 28,33; 12.22; 15.22; Mc 1.32; 5.15,16,18; Lc 8:36; Jo 10:21).<sup>159</sup>

O conceito de "poder ou autoridade" é sustentado sobre três fundamentos. Primeiro, o poder indicado é o poder para decidir. Segundo, esta decisão acontece em relações ordenadas com tudo o que reflete o domínio de Deus. E terceiro, com uma determinada divina autoridade para agir, sugerindo liberdade para a comunidade. Assim, o termo poder e autoridade denota a possibilidade absoluta de ação que é somente própria a Deus como a fonte de todo o poder e legalidade (conforme Lc 12.5; At 1.7; Jd 25; Rm 9.21).<sup>160</sup>

Perece ser uma característica do Novo Testamento que tanto *exousia* quanto *dunamis* se relacionem com a obra de Cristo, com a conseqüente nova ordenação da estrutura do poder cósmico, e com revestimento de poder entregue aos crentes. O poder e autoridade de Jesus fundamentam-se no fato Ele ser enviado. O poder, autoridade e liberdade de ação pertencem: ao próprio Deus; a uma comissão nos últimos dias; e a um cristão na sua existência escatológica.<sup>161</sup>

Em João 20.19-31 lemos que “milagres foram registrados para produzir fé”. Em Mateus 22.34-40 “somos ensinados a amar com entendimento”. Em João 9.1-41 “uma doença pode ter um objetivo especial nos planos de Deus”. Em Mateus 14.13-21 lemos que “Jesus curava por compaixão”. Em João 10.22-42 descobrimos que “as obras de Jesus atestavam sua missão”. da mesma forma, em Atos 2.14-36 “os sinais eram aprovação divina”, e por fim, em Hebreus 2.1-9 “a pregação era confirmada por milagres”.

O significado da autoridade de Jesus está relacionado ao impedimento do diabo em suas ações. Sob a autoridade de Jesus, eles recuam e não conseguem operar porque foram despojados do seu poder. Os discípulos agora têm autoridade para destruir as obras do diabo. Eles expulsam sob a

<sup>158</sup> HODGE, C. *Teologia Sistemática*. Barcelona: CLIE, 1997. vol. 1 452.

<sup>159</sup> ENNS, P. *The Moody Handbook of Theology*. Chicago, III.: Moody Press, 1996. 109

<sup>160</sup> KITTEL and FRIEDRICH. *The Theological Dictionary of the New Testament, Abridged in One Volume*.

<sup>161</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. III. 581.

autoridade de Jesus, ele tem o poder da expulsão (Lc 4.36), uma autoridade que ele pode outorgou aos discípulos (Mt 10.1; Mc 3.15; Lc 9.1; Mc 6.7; Lc 10.19).<sup>162</sup>

Hurtado escreveu:

Uma das ênfases deste Evangelho é que Jesus foi dotado de poder divino, a fim de executar a sua obra. Aqui o fato extraordinário notável é que Jesus confere esse poder aos doze, o que significa que são retratados como cooperadores do Senhor em suas obras, ainda que o poder dos discípulos derive de seu mestre.<sup>163</sup>

O que significa, então, a autoridade dos crentes? A autoridade do crente cristão se alicerça no governo de Cristo e no desarmamento de todos os poderes. Subentende não somente a liberdade, como também o serviço. O crente tem plena liberdade de ação, porque a Lei, como barreira de proibições, foi quebrada pelo ato redentor e salvador de Cristo, e porque recebeu o dom do Espírito da liberdade. Tem a liberdade e o poder de dispor de todas as coisas segundo a sua vontade, porque agora, com a glorificação de Cristo, já não existe nada sob o domínio do "... império das trevas".<sup>164</sup>

Alexander escreveu:

Este miraculoso poder não é para ser considerado como independente e uma função coordenada do ofício apostólico, mas como subsidiário para a missão de pregar ou proclamar o Reino do Messias, ambos como uma atestação desta mensagem, e como um método de despertar atenção e assegurar a recepção das verdades da Graça.<sup>165</sup>

Jesus Cristo sendo o Filho de Deus exerceu Sua autoridade divina. Ele os chamou, e eles ouviram e foram a ele (Fp 2.12-13). Ele decidiu (Mt 11.28), por que já estava decidido (João 14.6)), por que a ordem é proposta por ele (Rm 8.28).

Deus soberano e o homem é responsável. Um paradoxo excludente ou duas verdades que se complementam? A ordem de Deus segue, com o homem participando ativamente. Deus faz tudo, é o autor. Homem faz tudo, é o agente. Deus é o oleiro, o homem é o vaso (Jr 18.1-11).

Deus é quem chama, quem vocaciona, quem capacita. É o chamado eficaz, que produz a resposta no coração do eleito.<sup>166</sup> Um desejo de estar com ele, e como João escreveu depois em 1Jo 1.3

<sup>162</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. III. 582.

<sup>163</sup> HURTADO. *O Novo Comentário Bíblico Contemporâneo - Marcos*. 73.

<sup>164</sup> BROWN. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do NT*. vol. III. 583.

<sup>165</sup> ALEXANDER. *The Gospel According to Mark*. 65.

<sup>166</sup> LIMA, L. A e LIMA, S. L., *A Vida de Jesus*. São Paulo: Ed. Atos, 2014. 82-84

“O que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros, para que vós, igualmente, mantenhais comunhão conosco. Ora a nossa comunhão é com o Pai e seu filho Jesus Cristo”.

Conclui-se que Jesus chamou para si e ele mesmo capacitou os apóstolos, tanto dando-lhes autoridade como treinando-os pessoalmente. Outro aspecto relevante para a dinâmica do núcleo principal da igreja primitiva, então, é que Jesus além de chamar e designar pessoas para com ele estar, comissionou-os para dele pregar.

Calvino comenta que Jesus subiu ao monte e, primeiramente, elegeu os apóstolos. E que “por esta eleição ele não os ordena ainda ser apóstolos. O contexto mostra que eles só são destinados à uma comissão no futuro, e que não haveria comissionamento sem a escolha sob a livre soberania de Deus.

Contudo, há de se notar que a ordenação aqui é legítima para os doze. Os apóstolos não deixaram sucessores, mas não podemos esquecer que o propósito de pregar, de servir, de exercer a autoridade de Cristo, compete ainda hoje a cada cristão e principalmente aos ministros ordenados e separados para este mister. Um ministro que não prega tem pouca utilidade na igreja cristã. Um farol deve iluminar, um instrumento serve para emitir um som, um vigia serve para vigiar, o fogo serve para aquecer. Assim, o ministro serve para proclamar o reino de Deus sobre tudo e todos.

Mateus registaria mais tarde:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda a autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século (Mateus 28.18-20).

Toda autoridade foi dada a Cristo no céu e na terra, e Cristo exerceu esta autoridade pessoalmente em seu ministério terreno, esta autoridade Cristo passou para os seus discípulos, os apóstolos e assim eles representavam Cristo em suas ações. O sucesso deles era o sucesso de Cristo, a vitória deles era a vitória de Cristo, e toda glória era de Cristo. Esta autoridade após o Pentecostes é passada para a Igreja, e ainda Cristo autoriza a sua igreja a exercer a autoridade em Seu nome. A Igreja é o corpo de Cristo, o representante legal da autoridade de Cristo, seu sucesso continua sendo o sucesso de Cristo, sua vitória continua sendo a vitória de Cristo, e ainda toda glória, todo louvor deve ser de Cristo.

## 4.6 “*Commissum ad Opus*”

Está escrito:

Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos. Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro; que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas. E recomendou-lhes: Quando entrardes nalguma casa, permanecerei aí até vos retirardes do lugar. Se nalgum lugar não vos receberem nem vos ouvirem, ao sairdes dali, sacudi o pó dos pés, em testemunho contra eles. Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse; expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, unguindo-os com óleo (Marcos 6.7-12).

Esta é uma demonstração da soberania divina em ação. Os fatos marcantes da vida de Jesus não foram obras do acaso, mas o cumprimento dos planos de Deus nas Escrituras. Notemos a estreita relação entre Mateus 1.23 e Isaías 7.14; Entre Mateus 2.6 e Miqueias 5.2; Entre Mateus 2.18 e Jeremias 31.15; Entre Mateus 21.4 e Zacarias 9.9. Além disso, Mateus apresenta mais de sessenta citações do Antigo Testamento em seu evangelho.

Tratando deste assunto numa publicação sobre a Vida de Jesus, consideramos:

Uma das formas que Jesus demonstrou seu caráter divino e sua missão como Messias foi através do ensino, da pregação e dos milagres que foram uma espécie de credenciais da sua messianidade. Realmente, o propósito dos evangelhos foi demonstrar que Jesus era muito mais do que um homem, era a divindade do Mestre da Galileia que estava na base dos evangelhos. João inclusive termina seu evangelho falando que Jesus havia feito muitos outros sinais, os quais não eram relatados até por questão de espaço, pois segundo ele, nem todos os livros do mundo bastariam para relatar todos os milagres do mestre. No entanto ele enfatiza: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.21).<sup>167</sup>

Os milagres que haviam sido registrados em seu Evangelho tinham o propósito de levar as pessoas a crerem que Jesus era o Cristo. Mas, não foram apenas os milagres que serviram como credenciais messiânicos de Jesus. Igualmente o foram seu ensino e sua pregação. João diz que logo no início de seu ministério, Jesus: “Percorria toda a Galileia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4.23).

Ao pesquisar sobre os termos relacionados ao chamado, educação e comissionamento, argumentamos a profundidade de cada expressão:

“Ensinando” (διδασκω/didasko) é uma forma prolongada (causativo) do verbo primário (aprender) e pode significar conversar com outros a fim de instruir, pronunciar discursos didáticos, ser um professor, desempenhar o ofício de professor, conduzir-se como um professor, dar instrução, instilar doutrina em alguém, explicar ou expor algo. A palavra portuguesa para isso é didática (διδάχη/didache) que significa doutrina, ensino a respeito de algo, ato de ensinar, instrução nas assembléias religiosas dos cristãos, fazer uso do discurso como meio de ensinar, em distinção de outros modos de falar em público. Um dos lugares que Jesus mais usou para ensinar foi a Sinagoga.<sup>168</sup>

A sinagoga era algo parecido com o que hoje conhecemos como templo eclesiástico, que se desenvolveu durante o período do exílio da Babilônia. Pelo fato de que os judeus acabaram se espa-

<sup>167</sup> LIMA, L., e LIMA, S., *A vida de Jesus*, Vol 01. São Paulo: Agathos, 2014. 110

<sup>168</sup> LIMA, L., e LIMA, S., *A vida de Jesus*, Vol 01. São Paulo: Agathos, 2014. 111

lhando por vários lugares do mundo, e pela dificuldade de comparecer às cerimônias no templo em Jerusalém, a Sinagoga acabou sendo uma maneira do povo continuar vivendo a religião apesar da distância da cidade santa. A Sinagoga era o local de adoração, estudo, comunhão e atividades legais. Elas foram construídas nas cidades provinciais, sendo que aos sábados eram usadas para orar e louvar e nos outros dias da semana eram usadas para instrução e administração na justiça. Seu uso começou nos dias de Esdras e Neemias.

Entre as atividades desenvolvidas na Sinagoga, especialmente no Sábado, extensas seções da Lei e dos Profetas eram lidas. Também o costume de que um texto da Escritura fosse explicado era bem comum. Jesus foi freqüentemente convidado para explicar a Escritura nas sinagogas.

Mateus destaca que Jesus ensinava nas sinagogas. Ele era um Rabi, um Mestre, essa era sua maior função. A preocupação de Jesus em que as pessoas realmente entendessem sua mensagem sempre foi evidente. Ele sabia que o homem precisava amar a Deus não só de todo coração, mas também de todo entendimento (Mt 22.37).

Além de se preocupar com o ensino, o mestre também se preocupava com a pregação.

“Pregando” (κηρυσσω/kerusso) significa ser um arauto, oficial um anúncio especial, proclamar como um arauto, sempre com sugestão de formalismo, gravidade, e uma autoridade que deve ser escutada e obedecida, publicar, proclamar abertamente, ou proclamação pública do Evangelho. Proclamar contém a ideia de clamar alto alguma mensagem importante. Se ensinar contém a ideia de explicar uma mensagem, proclamar relata o ato de anunciar uma mensagem com objetividade e assertividade. Segundo Mateus, Jesus proclamava o evangelho do reino, ou seja, que o Messias a tanto tempo prometido, finalmente havia chegado para estabelecer seu reino. A palavra “evangelho” significa “boas novas”. E eram as boas novas do “reino”. Jesus não focalizou sua atenção em coisas como política, economia ou assuntos pessoais, sua intenção principal era anunciar a boa nova de que o Reino de Deus estava sendo estabelecido.<sup>169</sup>

E além do ensino e da pregação, havia a incidência de males:

"Curando" (θεραπεια/therapeia) significa serviço prestado por alguém a outra pessoa, atender, servir, realizar o serviço, sarar, curar, restaurar a saúde. Jesus não selecionava doentes para serem curados. Também não havia doença que fosse difícil para ele curar. Doenças físicas ou espirituais, de nascença ou adquiridas, todas cediam diante do seu poder. Aquele que veio para desfazer as obras das trevas, não tinha qualquer dificuldade em eliminar as seqüelas deixadas no corpo humano pela entrada do pecado no mundo. Essa também é uma indicação de seu poder de regeneração para nossas vidas. No futuro, podemos ter certeza que receberemos um corpo totalmente livre de fraquezas. Se ele tem poder de curar, também poderá fazer um corpo livre de doenças.<sup>170</sup>

Efetivamente, são citados três tipos de males que Jesus curou: demoníacos, lunáticos e paralíticos. O primeiro tipo, causado por espíritos malignos era bastante comum naqueles tempos. O Novo Testamento relata muitos casos de doenças causadas por espíritos malignos (Mt 9,12,17; Mc 9; Lc 13). Como parasitas num corpo, os demônios intencionavam destruir os corpos que habitavam. O segundo grupo de doentes são chamados de lunáticos. Na antiguidade, acreditava-se que aquele tipo de doença era causada por alguma influência da Lua. Essa doença deve ser entendida como a moderna epilepsia que é um distúrbio no sistema nervoso central. O terceiro grupo de doen-

<sup>169</sup> LIMA, L., e LIMA, S., *A vida de Jesus*, Vol 01. São Paulo: Agathos, 2014. 111

<sup>170</sup> LIMA, L., e LIMA, S., *A vida de Jesus*, Vol 01. São Paulo: Agathos, 2014. 112

tes são chamados de paralíticos, um termo geral para qualquer tipo de paralisia, parcial ou total, de membros inferiores ou superiores. O interessante é que os três termos usados sugestionam doenças nas três áreas humanas: espiritual, mental e física. Jesus foi capaz de curar doentes de todas essas áreas.

Em Mateus 4.23-25 então temos o momento que Jesus percorreu as cidades ensinando, pregando e curando. O texto diz que muitos vinham dos mais diferentes lugares, todos os doentes, de várias enfermidades e tormentos, endemoninhados, lunáticos e paralíticos, e ele os curou.

Colin Brown escreveu

A palavra tem significância teológica tão-somente em conexão com a expulsão dos demônios (cf. Mt 7:22; 8:16 par.; 9:34; 12:26-27; 17:19 par.; Lc 13:32). Muita coisa nos conceitos quanto aos demônios dos contemporâneos de Jesus foi confirmada por Ele e pela igreja primitiva. Enquanto, porém, os pagãos e os judeus do mundo contemporâneo em derredor procuravam expulsar os demônios por meio da magia, do exorcismo e de outras praxes mágicas, Jesus não precisava de mais nada além de Sua própria palavra de ordem (Mt 8:16). A expulsão dos demônios era um acompanhamento tão importante da Sua proclamação como eram Seus atos de cura divina (Mc 1:39). Jesus, com a autoridade de Deus, mostrou que era mais forte do que o demônio (Mc 1:24 par.), que tinha, portanto, de se render a Ele e curvar-se diante dEle. Jesus, na Sua majestade, também deu aos Seus discípulos autoridade para expulsar demônios (Mt 10.1,8). Seu domínio sobre estes poderes era um sinal de que o reino de Deus viera na Sua pessoa (Mt 12.22-28).<sup>171</sup>

A Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil, no capítulo IV, seção 1, artigos 25 a 49 aborda o oficialato pastoral. Da mesma, destacamos alguns artigos (30 a 32) para apreciação inicial:

Art.30 - O Ministro do Evangelho é o oficial consagrado pela Igreja, representada no Presbitério, para dedicar-se especialmente à pregação da Palavra de Deus, administrar os sacramentos, edificar os crentes e participar, com os presbíteros regentes, do governo e disciplina da comunidade.

Parágrafo Único - Os títulos que a Sagrada Escritura dá ao ministro, de Bispo, Pastor, Ministro, Presbítero ou Ancião, Anjo da Igreja, Embaixador, Evangelista, Pregador, Doutor e Despenseiro dos Mistérios de Deus, indicam funções diversas e não graus diferentes de dignidade no ofício.

Art.31 - São funções privativas do ministro:

- a) administrar os sacramentos;
- b) invocar a bênção apostólica sobre o povo de Deus;
- c) celebrar o casamento religioso com efeito civil;
- d) orientar e supervisionar a liturgia na Igreja de que é pastor.

Art.32 - O ministro, cujo cargo e exercício são os primeiros na Igreja, deve conhecer a Bíblia e sua teologia: ter cultura geral; ser apto para ensinar e são na fé; irrepreensível na vida; eficiente e zeloso no cumprimento dos seus deveres; ter vida piedosa e gozar de bom conceito, dentro e fora da Igreja.

---

<sup>171</sup> BROWN, C. *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989. vol. I. 615.

Em seguida, no capítulo VII, seção 1, artigos 108 e 109 a Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil aborda o chamado pastoral. Vejamos:

Art.108 - Vocação para ofício na Igreja é a chamada de Deus, pelo Espírito Santo, mediante o testemunho interno de uma boa consciência e a aprovação do povo de Deus, por intermédio de um Concílio.

Art.109 - Ninguém poderá exercer ofício na Igreja sem que seja regularmente eleito, ordenado e instalado no cargo por um concílio competente.

§ 1o - Ordenar é admitir uma pessoa vocacionada ao desempenho do ofício na Igreja de Deus, por imposição das mãos, segundo o exemplo apostólico e oração pelo concílio competente.

§ 2o - Instalar é investir a pessoa no cargo para que foi eleita e ordenada.

§ 3o- Sendo vários os ofícios eclesiásticos, ninguém poderá ser ordenado e instalado se não para o desempenho de um cargo definido.

E em consideração a um tema tão sublime, outros artigos são reservados para entender o chamado e os passos iniciais da caminhada pastoral na Igreja Presbiteriana do Brasil:

Art.115 - Quem se sentir chamado para o ministério da Palavra de Deus, deverá apresentar ao Presbitério os seguintes atestados:

- a) de ser membro da Igreja em plena comunhão;
- b) do Conselho, declarando que, no trabalho da Igreja, já demonstrou vocação para o Ministério Sagrado;
- c) de sanidade física e mental, fornecido por profissional indicado pelo Concílio.

Art.116 - Aceitos os documentos de que trata o artigo anterior, o Concílio examinará o aspirante quanto aos motivos que o levaram a desejar o ministério; e, sendo satisfatórias as respostas, passará a ser considerado candidato.<sup>172</sup>

Estes artigos apontam para uma prática cuidadosa no tratamento do assunto. O ministro é um oficial com funções privativas que derivam de sua formação. Antes de ser ministro, alguns passos foram obedecidos para a identificação do chamado com evidência interna e externa para que fosse considerado candidato.

Todo o trabalho pastoral numa igreja história é exercido de maneira conciliar, tendo a prestação mútua de contas como um fator regulador estabelecido pela constituição a igreja. O que fazemos revela a crença que temos acerca do ministério. O ofício pastoral contém inúmeras atividades, mas algumas são tão fundamentais que determinam futuras práticas diárias.

Algumas ações de Jesus na formação do colegiado apostólico nos auxiliam na procura por tais fundamentos. Estamos em busca dos pressupostos para o chamado para que entendamos a contribuição de um chamado nos planos de Deus. A ação de Jesus é útil para entender o *modus operandi* da igreja.

O fundamento é a vocação de cristo para a salvação pessoal e a designação para o serviço pastoral. Embora esta seja uma concepção de larga aceitação não a temos desta maneira, como que respondendo à pergunta: Qual é o fundamento do ministério pastoral? Então a melhor maneira é

---

<sup>172</sup> MANUAL PRESBITERIANO, *A Constituição da Igreja Presbiteriana do Brasil*, São Paulo: Cultura Cristã, Edição 15, 1999.



pesquisar nas Escrituras para entender o conceito "vocação de Cristo". A seguir, procurar tal conceito nos símbolos de fé e então propor a aplicação de tal privilégio no desenvolvimento das práticas eclesiais da atualidade.

O evento estudado consistiu de um chamado eficaz a doze apóstolos e sua aceitação, sua designação para estarem com ele em comunhão, serem comissionados para a pregação, e serem delegados na autoridade de Jesus, a ter autoridade sobre espíritos imundos. Cristo exerceu sua soberania de forma simples e irrestrita, ele chamou os apóstolos de maneira soberana. Pastoreou o colegiado e lhes outorgou a missão futura de plantar a igreja. Cristo chamou os apóstolos e os capacitou-os para desenvolverem sua tarefa. Jesus nunca pediu algo impossível de ser feito porque ele é o autor e consumidor da fé, é ele quem dá a obra e os meios para o cumprimento.

## 5 DISCIPULADO NO TREINAMENTO DOS APÓSTOLOS

### 5.1 Como Jesus formou os seus líderes

Em Mateus 3, no batismo de Jesus, João Batista pergunta: Tu vens a mim? Jesus responde que é necessário cumprir toda a justiça. Era, de fato, estranho que Jesus viesse se submeter a um ato representativo de arrependimento sendo que ele nunca havia cometido nenhum pecado. O batismo é um símbolo da morte e da ressurreição de Cristo. Da mesma forma como era estranho o fato de Cristo ser batizado, seria também estranha sua morte numa cruz, considerando-se que a crucificação era destinada a pecadores. No entanto, a resposta de Jesus é suficiente para explicar tudo isso: "É necessário para que se cumpra toda a justiça". A justiça exige que para todo pecado seja imposta a punição correspondente. Impunidade seria injustiça. Assim, se fôssemos salvos sem que ninguém morresse em nosso lugar, a justiça não seria cumprida.

Jesus era o cumprimento para o povo judeu. Mateus procurou apresentar os vínculos de Jesus com a nação judaica e com o Antigo Testamento, demonstrando que ele era o Rei Messias esperado por Israel.<sup>173</sup> Por isso, o livro começa com a genealogia de Cristo, ligando-o a Abraão e a Davi.

Há uma expressão frequente em Mateus: "Para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta..." Esta é uma demonstração da soberania divina em ação. Os fatos marcantes da vida de Jesus não foram obras do acaso, mas o cumprimento dos planos de Deus nas Escrituras. Notemos a estreita relação entre Mateus 1.23 e Isaías 7.14; Entre Mateus 2.6 e Miqueias 5.2; Entre Mateus 2.18 e Jeremias 31.15; Entre Mateus 21.4 e Zacarias 9.9. Além disso, Mateus apresenta mais de sessenta citações do Antigo Testamento em seu evangelho.

Uma das formas que Jesus demonstrou seu caráter divino e sua missão como Messias foi através do ensino, da pregação e dos milagres que foram uma espécie de credenciais da sua messianidade. Realmente, o propósito dos evangelhos foi demonstrar que Jesus era muito mais do que um homem, era a divindade do Mestre da Galileia que estava na base dos evangelhos. João inclusive termina seu evangelho falando que Jesus havia feito muitos outros sinais, os quais não eram relatados até por questão de espaço, pois segundo ele, nem todos os livros do mundo bastariam para rela-

---

<sup>173</sup> LIMA, L. A e LIMA, S. L., *A Vida de Jesus*. São Paulo: Ed. Atos, 2014. p. 95-97

tar todos os milagres do mestre. No entanto ele enfatiza: “Estes, porém, foram registrados para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em seu nome” (Jo 20.21).

Os milagres que haviam sido registrados em seu Evangelho tinham o propósito de levar as pessoas a crerem que Jesus era o Cristo. Mas, não foram apenas os milagres que serviram como credenciais messiânicos de Jesus. Igualmente o foram seu ensino e sua pregação. João diz que logo no início de seu ministério, Jesus: “Percorria toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas, pregando o evangelho do reino e curando toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo” (Mt 4.23).

## **5.2 O ensino de Jesus nas sinagogas**

No evangelho de Mateus vemos como preparação do Rei que começa em 1.1 e vai até 4.11, com a descendência do Rei 1.1-17, o advento do Rei 1.18 a 2.13, o embaixador do Rei 3.1-17, a prova do Rei 4.1-11.

Também vemos o programa do Rei, que vai de 4.12 até 16.12, com o começo do reino 4.12-25, o manifesto do reino 5-7, os sinais do Reino 8-9, os mensageiros do Reino 10-11, os princípios do reino 12, os mistérios do reino 13.1-52, e a ofensa do reino 13.53 a 16.12.

Por fim, vemos a paixão do Rei, que vai de 16.13 até 28.20, com a revelação do rei 16.21 - 17.27, a doutrina do rei 18-20, a rejeição do rei 21-22, as censuras do rei 23, as predições do rei 24-25, os sofrimentos do rei 26-27, e o triunfo do rei 28.

A nossa passagem contempla o começo do reino (Mt 4.12-25). Jesus começou a pregar dizendo: arrependei-vos. O arrependimento é o começo do reino de Deus na vida do homem. A seguir Jesus escolhe seus discípulos. Depois do arrependimento deve vir o compromisso de seguir o Mestre. No capítulo 4 vemos os discípulos (4.22) e as multidões (4.25), e a diferença de compromisso que existe entre eles. No fim do dia as multidões vão para suas casas, mas os discípulos continuam com Jesus. As multidões só querem receber os benefícios de Jesus. Os discípulos abandonam tudo para segui-lo em sua missão de ensinar, pregar e curar (4.22).

A expressão “ensinando” (διδασκω/didasko) é uma forma prolongada (causativo) do verbo primário (aprender) e pode significar conversar com outros a fim de instruir, pronunciar discursos didáticos, ser um professor, desempenhar o ofício de professor, conduzir-se como um professor, dar instrução, instilar doutrina em alguém, explicar ou expor algo. A palavra portuguesa para isso é didática (διδάχη/didache) que significa doutrina, ensino a respeito de algo, ato de ensinar, instrução

nas assembléias religiosas dos cristãos, fazer uso do discurso como meio de ensinar, em distinção de outros modos de falar em público.

A sinagoga era algo parecido com o que hoje conhecemos como templo eclesiástico, que se desenvolveu durante o período do exílio da Babilônia. Pelo fato de que os judeus acabaram se espalhando por vários lugares do mundo, e pela dificuldade de comparecer às cerimônias no templo em Jerusalém, a Sinagoga acabou sendo uma maneira do povo continuar vivendo a religião apesar da distância da cidade santa. A Sinagoga era o local de adoração, estudo, comunhão e atividades legais. Elas foram construídas nas cidades provinciais, sendo que aos sábados eram usadas para orar e louvar e nos outros dias da semana eram usadas para instrução e administração na justiça. Seu uso começou nos dias de Esdras e Neemias.

Entre as atividades desenvolvidas na Sinagoga, especialmente no Sábado, extensas seções da Lei e dos Profetas eram lidas. Também o costume de que um texto da Escritura fosse explicado era bem comum. Jesus foi freqüentemente convidado para explicar a Escritura nas sinagogas.<sup>174</sup>

Mateus destaca que Jesus ensinava nas sinagogas. Ele era um Rabi, um Mestre, essa era sua maior função. A preocupação de Jesus em que as pessoas realmente entendessem sua mensagem sempre foi evidente. Ele sabia que o homem precisava amar a Deus não só de todo coração, mas também de todo entendimento (Mt 22.37).

### **5.3 A pregação do evangelho do reino**

Além de se preocupar com o ensino, o mestre também se preocupava com a pregação. “Pregando” (κηρυσσω/kerusso) significa ser um arauto, officiar um anúncio especial, proclamar como um arauto, sempre com sugestão de formalismo, gravidade, e uma autoridade que deve ser escutada e obedecida, publicar, proclamar abertamente, ou proclamação pública do Evangelho.

Proclamar contém a ideia de clamar alto alguma mensagem importante. Se ensinar contém a ideia de explicar uma mensagem, proclamar relata o ato de anunciar uma mensagem com objetividade e assertividade. Segundo Mateus, Jesus proclamava o evangelho do reino, ou seja, que o Messias a tanto tempo prometido, finalmente havia chegado para estabelecer seu reino. A palavra “evangelho” significa “boas novas”. E eram as boas novas do “reino”. Jesus não focalizou sua atenção em coisas como política, economia ou assuntos pessoais, sua intenção principal era anunciar a boa nova de que o Reino de Deus estava sendo estabelecido.

---

<sup>174</sup> LIMA, L. A., *Razão da Esperança*. São Paulo: Cultura Cristã. 2006. 262

De certa forma, Jesus continuou a obra de João, o qual foi o preparador de seu caminho. João anunciou que o Reino de Deus estava próximo, mas não falou em “evangelho”, em “boas novas”. Ele enfatizou o pecado e o julgamento. De certa forma, estava dando “más novas” ao povo, pois sua função foi fazer com que o povo tivesse conhecimento de seus pecados.

Jesus anunciou mais do que simplesmente a necessidade de arrependimento. Ele anunciou o perdão que o Evangelho proporcionava. Assim, mais do que julgamento, Jesus estava anunciando a graça. Evidentemente que quem resistisse à graça teria que sofrer o julgamento. Também é verdade que, a longo prazo, as palavras de Jesus foram se tornando mais duras. O motivo é simples: sua mensagem não foi muito bem recebida. Apesar do povo ser muito animado em ver e desfrutar os milagres que ele proporcionava, não estava tão disposto a viver o tipo de vida que ele anunciava.

Naquele momento, Jesus proclamava as boas novas. O Evangelho é a boa nova da salvação através de Jesus Cristo, a boa nova de que o Reino de Deus está aberto para todo que coloca sua confiança no Rei. Jesus era o Rei. O povo sempre esperou por um rei.

Em tempos passados, pediu a Samuel que constituísse um rei conforme as outras nações (1Sm 12.12). Mas, esses reis conseguiram trazer pouca paz, prosperidade e felicidade. Ao contrário, muita tristeza, tragédia e corrupção. Naquele momento, o povo era escravo de um império (Romano) exatamente por desobediência, a qual, em grande medida, os próprios reis foram culpados. É verdade que naquele instante havia um rei assentado no trono que se dizia o rei de Israel, porém, não passava de um serviçal de Roma. De repente, o verdadeiro rei se apresentou e ofereceu-lhes a graça da salvação.

## **5.4 O cuidado aos necessitados**

Muitas são as causas das doenças. Algumas pessoas são doentes como resultado direto de seu pecado, como alguns cristãos de Corinto tinham enfermidades físicas por seu comportamento impróprio na ceia do Senhor (1Co 11.30). Deus, as vezes, usa aflições físicas para disciplinar seu povo. Ananias e Safira perderam suas vidas por mentir ao Espírito Santo (At 5.1-10). Porém, nem toda doença é causada por pecado. Jó sofreu grandemente, porque Deus permitiu que sua fé fosse provada (Jó 1.1-12). Quando Jesus curou um homem cego de nascença, fez questão de explicar a seus discípulos que o homem não havia nascido cego por causa de algum pecado seu ou de seus pais, mas porque Deus tinha um plano com aquela cegueira (Jo 9.1-3).

Jesus efetuou curas por duas razões. Primeiro porque se compadecia das pessoas (Mt 14.14). Em segundo lugar, porque os milagres eram uma atestação de sua missão como o Messias prometi-

do. Em certa ocasião, quando os judeus o acusavam e se recusavam em crer nele, ele disse “crede nas obras; para que possais saber e compreender que o Pai está em mim, e eu estou no Pai” (Jo 10.38). As obras, ou seja, os milagres era provas evidentes de sua messianidade.<sup>175</sup>

O imenso poder demonstrado por Jesus foi inigualável em todos os sentidos. Mateus diz que Jesus curava: “toda sorte de doenças e enfermidades entre o povo. E a sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe, então, todos os doentes, acometidos de várias enfermidades e tormentos: endemoninhados, lunáticos e paralíticos. E ele os curou” (Mt 4.23-24).

A palavra usada para curar é terapia (θεραπεία/therapeia) que significa serviço prestado por alguém a outra pessoa, atender, servir, realizar o serviço, sarar, curar, restaurar a saúde. Jesus não selecionava doentes para serem curados. Também não havia doença que fosse difícil para ele curar. Doenças físicas ou espirituais, de nascença ou adquiridas, todas cediam diante do seu poder. Aquele que veio para desfazer as obras das trevas, não tinha qualquer dificuldade em eliminar as seqüelas deixadas no corpo humano pela entrada do pecado no mundo. Essa também é uma indicação de seu poder de regeneração para nossas vidas. No futuro, podemos ter certeza que receberemos um corpo totalmente livre de fraquezas. Se ele tem poder de curar, também poderá fazer um corpo livre de doenças.

Efetivamente, são citados três tipos de males que Jesus curou: demoníacos, lunáticos e paralíticos. O primeiro tipo, causado por espíritos malignos era bastante comum naqueles tempos. O Novo Testamento relata muitos casos de doenças causadas por espíritos malignos (Mt 9,12,17; Mc 9; Lc 13). Como parasitas num corpo, os demônios intencionavam destruir os corpos que habitavam. O segundo grupo de doentes são chamados de lunáticos. Na antiguidade, acreditava-se que aquele tipo de doença era causada por alguma influência da Lua. Essa doença deve ser entendida como a moderna epilepsia que é um distúrbio no sistema nervoso central. O terceiro grupo de doentes são chamados de paralíticos, um termo geral para qualquer tipo de paralisia, parcial ou total, de membros inferiores ou superiores. O interessante é que os três termos usados sugestionam doenças nas três áreas humanas: espiritual, mental e física. Jesus foi capaz de curar doentes de todas essas áreas.

Ninguém jamais realizou curas como Jesus. Nem poderia, pois suas curas foram atestados de sua messianidade. As principais características delas foram: Jesus curava a todos indistintamente; curava todo tipo de doença ilimitadamente; Jesus podia curar diretamente, sem uma palavra ou toque, sem oração, e até mesmo sem estar próximo da pessoa curada; Jesus curava instantaneamente,

---

<sup>175</sup> LIMA, L. A., *Razão da Esperança*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. 333

pois não havia necessidade nenhuma de recuperação e suas curas eram completas e não parciais; Jesus curava problemas orgânicos e congênitos; Jesus até mesmo trouxe pessoas da morte para a vida.

## 5.5 O resumo do treinamento de Jesus

Em João 20.19-31 lemos que “milagres foram registrados para produzir fé”. Em Mateus 22.34-40 “somos ensinados a amar com entendimento”. Em João 9.1-41 “uma doença pode ter um objetivo especial nos planos de Deus”. Em Mateus 14.13-21 lemos que “Jesus curava por compaixão”. Em João 10.22-42 descobrimos que “as obras de Jesus atestavam sua missão”. da mesma forma, em Atos 2.14-36 “os sinais eram aprovação divina”, e por fim, em Hebreus 2.1-9 “a pregação era confirmada por milagres”.

Assim, através de seu ensino, de sua pregação e de seus milagres, Jesus demonstrou claramente as suas credenciais de Messias. Neste texto temos um resumo do que foi a obra de Jesus nos três anos de ministério público. Por todo o tempo ele fez isso, ensinar, pregar e curar, de forma que se perguntássemos acerca do que Jesus fez repetidamente e com maior ênfase, veríamos que ele ensinava com didática, pregava com convicção e curava com misericórdia.

Outra característica desta passagem é o movimento. Jesus percorria longas distâncias. O texto diz “Toda a Galileia”, e isso implica muitos quilômetros de caminhada. Na época, o país foi dividido em Judeia, Samaria e Galileia, que compreendia toda a seção norte do país, e era a maior das três regiões. Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande, governou como tetrarca da Galileia. A região da Galileia era o lar de Jesus durante pelo menos 30 anos de sua vida.

Os três primeiros evangelhos do Novo Testamento são principalmente um relato do ministério público de Jesus na província, particularmente nas cidades de Nazaré e Cafarnaum. Diante de toda aquela demonstração, o povo não teria qualquer razão para recusá-lo, porém, ainda assim recusou.

Que cumprimento das Escrituras a vinda de Jesus significava? Depois de tudo o que o povo viu e recebeu, haveria motivos para recusá-lo? E nós, como reagimos às inúmeras ações de Jesus? Jesus conversou com os seus discípulos acerca dos tempos que viriam, e da necessidade de estarem capacitados para os desafios que surgiriam. O grupo era pequeno, mas teologicamente orientado, poderia cumprir a sua missão. Podemos elencar quatro bons princípios presentes no grupo pequeno, ou grupo de discipulado, ensinados por Jesus. São eles: servir, fortalecer, produzir e proteger.

A base bíblica vem do exemplo de Jesus Cristo, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (Marcos 10.45). Toda atuação em equipe, tem como base, abrir mão de privilégios pessoais e ocupar-se em servir as necessidades do outro. Na cerimônia de lava-pés vemos que ninguém pensou em lavar os pés de outros, e nem os seus próprios. Quando Jesus toma uma toalha e uma bacia e se posiciona para lavar os pés dos discípulos, eles se assustam. Talvez ainda não soubessem que servir é uma virtude. A medida que dois cristãos servem um ao outro, ou seja, lavam-se os pés, seu relacionamento alcança um novo nível. De conhecidos passam a ser parceiros. Este é o sentido da expressão “parte comigo” que Jesus usou diante de um grupo admirado. Esta é a virtude a ser praticada no grupo de discipulado. É possível ajudar? (João 13).

Toda atuação em equipe pressupõe que nem todos estejam no mesmo nível espiritual, emocional ou psicológico. Quando Jesus percebeu a tristeza de seus amigos ante a notícia da sua partida, o tom de seu discurso mudou. Era preciso conceder-lhes esperança para suportar aquele momento. As causas de um coração entristecido podem ser muitas. O conselho de Jesus é um exemplo de consolo, levando os seus discípulos a uma mudança de perspectiva. Ele lhes apresentava a morada celestial, a intimidade com o Senhor e a vinda do Espírito Santo. Este é o sentido do aconselhamento no grupo de discipulado. Pode-se superar juntos? (João 14)

Toda atuação em equipe visa algum resultado. Trabalha-se para alguma coisa, sendo isso algo a ser entendido de maneira clara pelo grupo. No texto bíblico, o Senhor fala sobre dar fruto. E qual é o fruto de um grupo de discipulado? Trabalho em equipe gera multiplicação. É força em conjunto. O crescimento em equipe sempre será exponencial. Chamamos isso de sinergia, que é quando a soma do todo é maior que a soma das partes. Onde pode-se chegar? (João 15)

Toda atuação em equipe pressupõe atenção com possíveis armadilhas. No texto bíblico, Jesus diz que tem preocupação com uma possível escandalização, alguma armadilha espiritual, pois a palavra grega sugere o termo ‘arapuca’. Todos nós temos áreas da nossa vida que não vemos com precisão, a menos que alguém nos ajude, por isso, a prestação de contas do grupo de discipulado é proteção para tentações, e auxílio para viver sem segredos. A comunhão espiritual traz proteção na troca de experiências, no amor compartilhado e vivido sem falsidade. Pode-se pensar preventivamente? (João 16)

## **5.6 A característica da liderança cristocêntrica**

Um líder é alguém que conduz outros a um caminho que acredita ser o melhor. Para John Stott “... um líder é alguém que comanda um grupo de seguidores. Liderar é ir adiante, mostrar o



caminho e inspirar outras pessoas para que o sigam”. O povo de Deus sempre foi conduzido por líderes como Abraão, Isaque, Jacó, Moisés, Davi, Salomão e outros.

Há muitos estilos de líderes. Oswald Sanders (1847-1917) enumera algumas definições de lideranças: Liderança é a influência de uma pessoa de influenciar a outros num propósito comum; Liderança é capacidade num homem que inspira confiança a seus subordinados de modo a aceitarem suas ideias e obedecerem a seu comando; Líder é a pessoa que tem a habilidade de fazer com que os outros façam o que fazem e gostem de fazê-lo; Há apenas três tipos de pessoas no mundo: aquelas que não se mexem; as que são movíveis e as que movem os outros; Líder é o homem que conhece o caminho e sabe manter-se à frente, trazendo outros após si.<sup>176</sup> Logo, o que vemos é uma função altamente útil para que planos e missões sejam desempenhadas em força máxima, conduzidos por alguém e praticado por muitos.

As características dos líderes são aqueles traços marcantes que inspiram e que demonstram a possibilidade de ocupar uma função servicial para conduzir outros. Kilinski e Wofford pontuam:

O fato de todo cristão ser possuidor de um dom espiritual e ser chamado para servir fornece à igreja local recursos no que se refere a obreiros. O clamor ouvido das igrejas em geral “não temos ninguém que faça o trabalho”, é tanto verdadeiro quanto falso. É verdadeiro no sentido de que as igrejas estão desesperadamente necessitadas de pessoas dispostas e treinadas para o ministrar, mas a declaração é falsa no sentido de que cada indivíduo é um obreiro em potencial, precisando ser escolhido e treinado para o cargo certo.<sup>177</sup>

Há tipos de líderes que se evidenciam com facilidade, no entanto, muitos deles alcançam posições exatamente para permanecerem em evidência. O motivo que conduz o líder logo fica explícito quando ele quer ocupar o lugar mais alto por conta da visibilidade. Lencioni previne contra os riscos que tais lideram representam:

As organizações não conseguem concretizar o trabalho em equipe porque, desavisadamente, sucumbem a cinco armadilhas naturais, porém perigosas, que ele chama de as “cinco disfunções de uma equipe”. Essas disfunções podem, erroneamente, ser interpretadas como cinco problemas distintos, que podem ser administrados isoladamente uns dos outros. Na realidade, porém, elas formam um modelo inter-relacionado – o que torna a suscetibilidade a qualquer uma destas potencialmente fatal para o sucesso de uma equipe. Uma rápida visão geral de cada uma das disfunções, e do modelo do qual fazem parte, deve esclarecer isso melhor. E assim, da mesma forma que uma corrente na qual haja um único elo quebrado, o trabalho em equipe se deteriora se permitimos que uma única dessas disfunções se desenvolva.<sup>178</sup>

Há tipos de líderes mais eficientes, e normalmente são os que compreendem o sentido da

<sup>176</sup> SANDERS, J. O., *Liderança Espiritual*, São Paulo: Mundo Cristão, 1991. 20

<sup>177</sup> KILINSKI, K.K. e WOFFORD, J. C. *Organização e Liderança na Igreja Local*. São Paulo: Ed. Vida Nova. 1987. 50

<sup>178</sup> LENCIONI, P. *Os 5 Desafios das Equipes*. São Paulo: Editora São Paulo, SP. 2002. 42

missão e valor da equipe. Ninguém consegue fazer tudo sozinho. Burroughs relembra a necessidade de convicção:

Esteja certo de seu chamado para todo empreendimento que você tiver à frente. Mesmo que seja o menor empreendimento, esteja certo de seu chamado para o mesmo. Então, com o que for que se encontrar, você pode aquietar seu coração com isto: eu sei que estou onde Deus gostaria que eu estivesse. Nada no mundo aquietará o coração tanto quanto isto: quando me encontro com alguma cruz, eu sei que estou onde Deus gostaria que eu estivesse, em meu lugar e em meu chamado: estou no trabalho que Deus estabeleceu para mim.<sup>179</sup>

A liderança é uma iniciativa divina desde o chamado até a execução. Todos nascem com algumas habilidades, no entanto, o aperfeiçoamento vem com o treinamento. Os líderes mais experientes devem ajudar a desenvolver e aperfeiçoar os crentes a cumprirem a vontade de Deus. Toda liderança deve ser cristocêntrica emergindo da Sagrada Escritura. Logo, toda liderança cristã é espiritual.

## 5.7 O caráter da liderança cristocêntrica

O caráter de qualquer líder deve ser exemplar. Envolve mobilização, capacitação, delegação e supervisão. Tenho aprendido com alguns líderes e igrejas na Escritura:

Em Gênesis 20.1-3 Deus pede para Abraão não pecar contra ele. Na peregrinação de Abraão ele caminha sem saber detalhes do caminho, apenas o destino. Ele é o primeiro a ser chamado hebreu. Na confirmação do casamento de Abraão ele teve medo, subtraiu a verdade, foi um mau marido. Na operação do pacto vivenciou a revitalização do ofício porque Deus interferiu, livrou-o do mal, pelo casamento. Em pecado caminhou, por algum tempo sem arrependimento. Quase levou Abimeleque à destruição. Mas ao fim, foi honrado quando foi chamado de sacerdote.

Em Hebreus 11.8-19 vê-se cinco episódios da vida de Abraão. Depois de tantos caminhos tortuosos ele submeteu-se a Deus mesmo sem resposta e detalhes, eles viriam depois, então aprendo com Abraão que fé é obedecer. Ficou sem casa por longo tempo, vários anos, em tendas, sem lugar, sabendo que era o dono de tudo porque lhe foi prometido por Deus. Morreu assim. Morava em tenda feita por ele mas esperava a cidade com fundamento, então aprendo com Abraão que esperar é crer. Aguardou por uma morada em Deus porque creu na promessa de descendência, herança, então aprender com Abraão que fé é crer no impossível. Testemunhou a esperança de Deus ao lado de Sara, morreram crendo, sem ver o cumprimento, mas confiantes, viram a promessa de longe, confessando aos pagãos, então aprendo com Abraão e Sara que o caminho sempre está à frente! Consa-

---

<sup>179</sup> BURROUGHTS, J., *The Rare Jewek of Christian Contentment*, Edinburgh, banner of Truth, 1964. 217.

grou tudo o que tinha para Deus. O seu bem visível mais precioso era o seu filho Isaque, não o negou, ainda que a promessa de descendência passasse por Isaque. Ofereceria porque cria que Deus ressuscitaria o menino, então aprender com Abraão que a fé nunca falha porque fé é crer que Deus não falha.

Paulo o orientou a um comprometimento com a sã doutrina (ortodoxia), apego à palavra fiel, saúde doutrinária, sem contaminação de erro. Paulo ensinou a Tito que a sã doutrina é a ação para descartar as fábulas. Sã doutrina produz edificação na piedade. Paulo o orientou a um comprometimento com a conduta (ortopraxia). teria de ser padrão de boas obras, padrão de prática com integridade, reverência e testemunho. Paulo já havia feito isso com Timóteo. Paulo o orientou a um comprometimento com a apologia. Tito teria de exortar, corrigir, agir com autoridade, e não se permitir ao desprezo.

Os homens idosos deveriam evitar vícios, manter seriedade continente, decência, fé, amor e paciência, pois pela fé cultua-se ao Senhor, o amor é o resumo da lei e a paciência é um aperfeiçoamento dos dois. As mulheres idosas deveriam prezar por decoro à religião, não sendo maledicentes, cultivando a sobriedade, sendo exemplares. As mulheres jovens foram instruídas a valorizar o amor conjugal e afeto aos filhos, serem comedidas, não libertinas, ordeiras,

Os homens jovens deveriam ser temperantes Os servos deveriam ser gradáveis, obedientes, submissos, ainda que isso seja contrário à natureza humana. Não petulantes, não ladrões, ainda que nos tempos antigos escravo e ladrão eram sinônimos. Lealdade, sinceridade, íntegra fidelidade.

Por que os líderes bíblicos foram instruídos com exaustão? Por conta dos adversários, dos promotores de desordem, e para ser um ornamento, em todas as coisas, da doutrina de Deus, nosso Salvador. Mas, principalmente porque Deus manifestou a sua Graça sem medida.

Calvino contribui para uma percepção aprofundada sobre a liderança quando comenta sobre algumas das qualificações dos líderes:

Havendo acabado de excluir as mulheres do ofício docente, ele agora aproveita a oportunidade para falar desse ofício propriamente dito. Sua intenção é primeiramente por em evidência que tinha boas razões para excluir as mulheres do exercício de um dever que exigia tanto; e, em segundo lugar, para evitar-se a insinuação de que, excluindo somente as mulheres, todos os homens, indiscriminadamente, podiam prontamente ser admitidos; e, em terceiro lugar, porque era indispensável que Timóteo e os demais fossem advertidos a se precaverem no ato da eleição dos bispos.<sup>180</sup>

Esse é o fundamento teológico para uma vida digna. Jesus Cristo é a luz que brilhou, a auro-ra que chegou. O motivo para uma vida cristã digna é a livre graça de Deus. A graça veio fazer florescer as virtudes da nova vida em Cristo. A graça nos libertou do pecado e continua a obra de puri-

<sup>180</sup> CALVINO, *As Pastorais*. 81

ficação em nós. A graça nos fez o próprio povo de Cristo. A liderança deve evidenciar um comprometimento com a sã doutrina, com o testemunho e com apologia. deve ter conduta digna, exemplar, como luz nas trevas.

A liderança bíblica é voltada para o serviço que agrada a Deus. Tudo o que ela faz passa pela aprovação ou não do Senhor conforme a sua Palavra. Todo serviço excelente de liderança torna-se modelo para outros. Para liderar de maneira bíblica é necessário um tipo de poder como instrumento para a glória de Deus, uma autoridade para glorificar a Deus. Jesus serve como exemplo de uso de poder e autoridade.

Calvino pontua:

Certamente que não se encontrará nenhum homem que seja eximido de toda e qualquer mancha; mas, uma coisa é ser culpado de faltas comuns que não ferem a reputação de um homem, visto que os homens mais excelentes participam delas; e outra, completamente distinta, é ter um nome carregado de infâmia e manchado por alguma nódoa escandalosa.<sup>181</sup>

E ao falar de hospitalidade Calvino considera tal característica como um diferencial evangelístico:

Esta hospitalidade era praticada em referência aos estranhos, e era uma prática muito comum na Igreja Primitiva, porquanto era vexatório para as pessoas honestas, especialmente para os que eram bem conhecidos, hospedar-se em estalagens. Em nossos dias as coisas são diferentes, e no entanto, por diversas razões, tal atitude será sempre uma virtude muitíssimo necessária num bispo. Além disso, naquele tempo de cruel perseguição aos crentes, para muitos era inevitável ter que mudar de residência subitamente, e os lares dos bispos tinham que ser refúgio para os exilados. Nesses tempos, a necessidade compelia os membros da igreja a darem uns aos outros socorro mútuo, o que envolvia a hospitalidade.<sup>182</sup>

Conclui-se que os conceitos aprendidos devem levar à conduta santa. Assim, o cristianismo leva luz a este mundo obscuro e duvidoso, estranho e confuso. A igreja é o lugar para crer e aprender a viver do jeito que Deus quer. A doutrina saudável deve ser sinônimo de integridade da pregação, tanto na maneira como no conteúdo. A conduta saudável é o resultado da pregação íntegra, tanto na maneira como no conteúdo. Por tudo isso, a igreja contemporânea deve aceitar o padrão especificamente cristão de comportamento. Deus interveio na história mediante a encarnação para elevar os homens a uma qualidade mais alta de vida.

---

<sup>181</sup> CALVINO, *As Pastorais*, 84

<sup>182</sup> CALVINO. *As Pastorais*. 86

## 6 DISTORÇÕES NO MOVIMENTO DE CRESCIMENTO DE IGREJAS

A igreja é uma instituição divina formada por um povo que caminha para a eternidade. A redenção fundamenta os procedimentos para o povo de Deus ao longo dos séculos. A pregação bíblica, o ensino bíblico e o serviço cristão na história definem a igreja como instituição divina. Reconhece-se a teologia redentiva no nascimento e no avanço da igreja cristã nos tempos primitivos tanto com Jesus, que percorria todas as cidades ensinando, pregando e servindo as pessoas, como visto em Paulo e nos apóstolos que escolhiam cidades estratégicas para plantar as igrejas.

Bock, Mcgrath, Mouw e Noll asseveram:

Igrejas saudáveis rejeitam a mentalidade mercadológica em sua busca pela eficácia. Enfatizam o funcionamento em graça e poder do Deus em um nível de excelência de acordo com os recursos que Ele proveu. Porém, as pessoas de cultura dos dias de hoje que afirmam possuírem e viverem pela verdade absoluta são as se colocam diretamente no trilho do desprezo e da infâmia. Uma cultura induzida pela paixão em relação à economia dificilmente respeitará a excelência no ministério. Uma igreja saudável mantém um modelo bíblico de eficácia com vistas a executar a sua missão em lugar de um modelo de sucesso mundano medido pelos colegas de campo evangélico. Os evangélicos foram chamados por Deus para serem um movimento de protesto no mundo, não um grupo de negativos resmungões e vítimas, mas um grupo servos batalhadores com um alto compromisso perante o Senhor. “Nossa tarefa é crescer com uma consciência de nossa unidade e vitalidade em Cristo, e mostrar esta força a um mundo que desesperadamente precisa conhecer algo sobre a pessoa que é tanto o Nosso Salvador quanto Nosso Senhor.”<sup>183</sup>

Contudo, o movimento de crescimento de igrejas desconectou-se destes fundamentos que as igrejas históricas sempre professaram, enveredando-se para propostas modernas que aparentam fórmulas geométricas e geográficas, técnicas de marketing e acompanhamento avaliativo da viabilidade acerca da plantação e crescimento de igrejas.

### 6.1 Fundamento pactual ou eficácia mercadológica?

O fundamento pactual negado pelo movimento de crescimento de igrejas (MCI) para a plantação de igrejas fez surgir uma resistência da parte das estruturas missionárias históricas que pro-

---

<sup>183</sup> BOCK, Da, MCGRATH A, MOUW R, e NOLL, M., “*Scandal? A Forum on the Evangelical Mind*” Christianity Today, August 14, 1995, 75.

porcionou uma ação crescente dos setores missionários evangélicos conservadores, grande parte dos quais têm sido acusados de reacionários e separatistas.

Neste sentido, defendendo Thomas Ascol se expressa assim:

O que fez de Éfeso uma tão maravilhosa oportunidade para o apóstolo Paulo servir não foi a facilidade do trabalho, ou o clima, ou o nível educacional do povo, ou o salário e os benefícios. Não! Não haviam propostas modernas de crescimento e nem metas a serem alcançadas. O que a tornou imprescindível para Paulo foi o fato de que Deus fez a igreja de Éfeso nascer para ser luz aos gentios e o colocou tão providencialmente ali, em meio a tantas pessoas necessitadas. E, como um ministro de Cristo, estava convencido de que o "evangelho da graça de Deus" (At 20.24) atenderia às necessidades dos homens.<sup>184</sup>

Peter Wagner e Donald McGavran desenvolveram fórmulas de crescimento para igrejas em diversos contextos, mas estas ações são bíblicas? O que a Bíblia ensina sobre plantação e crescimento de igrejas? Quem é responsável pela plantação da igrejas? Como acontece o crescimento da igreja? A agenda moderna do Movimento de Crescimento de Igrejas (MCI) provocou uma reação dos setores evangélicos históricos conservadores que defendem o culto reformado, o ensino bíblico e o serviço a Deus como fundamentos para a plantação e o crescimento da igreja.

## 6.2 Fidelidade ou resultados?

Quando o assunto é crescimento de igrejas surge um aparente paradoxo: fidelidade ou resultado.<sup>185</sup> Fidelidade e resultado são conceitos bíblicos, no entanto pode haver um equívoco quanto à compreensão de ação e expectativa. Onde há um dever também há um direito? Fidelidade e resultado são assuntos excludentes? O que a Bíblia propões acerca deste assunto?

Stuart Murray aponta um padrão bíblico que se diferencia do evangelicalismo praticado pelo Movimento de Crescimento de Igrejas:

Indistintamente, Paulo, Pedro, Tiago e João, concluíram face as suas experiências de vida e ministério pela advertência quanto a deterioração da sociedade. A cultura ocidental tem produzido uma educação de filhos permissiva, igrejas teologicamente rasas e padrões morais determinados por vantagens e lucros. A maturidade espiritual por parte de muitos líderes de igreja e por parte muito maior de congregados não pode ser presumida. Na legítima intenção de vincular a saúde com a qualidade antes que com a quantidade, há líderes da igreja que não deixam de prestar atenção para aquilo que é essencial ao exercício do ministério; inclusive declaração de missão, visão e definição de papéis; realização de metas; planejamento estratégico e concessão de poderes a outros. Mas eles se medem por um padrão diferente. Às vezes a realização pode ser quantificável, como o número de visitas que um pastor poderia fazer em um determinado mês, ou a expansão dos dias dedicados ao aconselhamento de dois para cinco. Frequentemente, porém, olhamos a mudança de vida como a avaliação do alcance das metas ministeriais. Uma congregação que pareça egocêntrica e preocupada com seus próprios programas e obras pode, pode ser vista como

<sup>184</sup> ASCOL, T. K., *Desafio à Reforma*. Editora Fiel. São José dos Campos. 1996. 4

<sup>185</sup> SMITH, W., e PORTELA, S. *Fazendo a Igreja crescer: O Movimento de Crescimento de Igrejas*, São Paulo: Os Puritanos. 1997. 13

uma meta de longo prazo alcançada por um pastor depois que essas mesmas pessoas aprenderem trabalhar como uma comunidade interdependente que mostre a preocupação com outras pessoas. Um diretor de campo de missionário que leva pessoas altamente qualificadas em suas especialidades, mas ineficazes como uma equipe de ministério poderia louvar Deus por ajudarem-nas a desenvolverem unidade e um espírito genuinamente cooperativo que produz resultados para a equipe.<sup>186</sup>

O Novo Testamento apresenta a igreja de muitas formas para evidenciá-la como um plano redentivo de Deus ao longo da história: Santuário de Deus (1 Co 3.16), corpo e membros (1 Co 12.27), concidadãos dos santos (Ef 2.19), edificação de Deus no Espírito (Ef 2.20-22), coluna e baluarte da verdade (1 Tm 3.15), gloriosa e imaculada, lar de amor e respeito (Ef 5.25-32) e por fim, esposa de Cristo (Ap 19.7-9).

Tomando a igreja em Éfeso como exemplo de igreja saudável, Armstrong assegura:

A maioria dos estudiosos do Novo Testamento concorda que a carta ao Efésios identifica metas bíblicas para a igreja e descreve como essas podem ser alcançadas. Naquela carta Paulo não lidou com erro ou heresia mas buscou expandir os horizontes espirituais dos crentes. Onde em Efésios Paulo discutiu programas e estatísticas? Onde naquela carta ele abordou crescimento ou estagnação? O que disse a respeito de edifícios e gestão de fundos, ambas supostas marcas de uma “igreja saudável” em décadas recentes? É claro que o apóstolo nunca discutiu estes assuntos. Ao invés ele descreveu pessoas humildes fazendo progresso espiritual com Deus e um com o outro. Ele ofereceu uma fórmula que pôde mudar uma igreja de qualquer tamanho da doença espiritual para a saúde em termos de semanas, dizendo para eles viverem a vida cristã “com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, procurando diligentemente guardar a unidade do Espírito no vínculo da paz. Há um só corpo e um só Espírito, como também fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação; um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, e por todos e em todos.” (Efésios 4:2-6). Alguém pode responder, “que esse ideal pode ter marcado as igrejas do Novo Testamento. Mas depois de dois mil anos de guerra espiritual, os inimigos da alma parecem ter de forma mais sombria se armado contra o povo de Deus.” Pode até parecer isso, mas o secularismo moderno dispõe de ameaça à verdade bíblica equiparável ao paganismo romano; de fato as semelhanças são impressionantes. Em relação à guerra espiritual, os líderes da igreja devem prestar redobrada atenção para o que a Bíblia diz a fim de que nenhuma moda religiosa desvie o seu sentido para longe da centralidade na verdade de Deus.<sup>187</sup>

No plano Deus um povo caminha por uma longa estrada desde a queda do homem no jardim do Eden até a eternidade. A redenção estava presente no anúncio do descendente da mulher (Gn 3.15), no remanescente do dilúvio (Gn 6), no pacto e sua administração (Gn 12), na libertação dos patriarcas, na construção do tabernáculo, na chegada à terra prometida, na construção do templo, nos exílios, no retorno à terra da promessa e no nascimento da igreja cristã.

---

<sup>186</sup> MURRAY, Stuart. *Church planting*. Scottsdale: Herald Press, 2001, 37

<sup>187</sup> ARMSTRONG, John H. “*How Shall We Wage Our Warfare?*” in *The Coming Evangelical Crisis*, 236.

Em todos os tempos a igreja é um povo que caminha para a eternidade, conduzido por Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo pelas instruções da sua Palavra, vivendo em tempos cronológicos e aguardando os tempos da glória eterna.

### 6.3 Provisão de Deus ou planejamento do homem?

Uma vez entendido este ato provisional e soberano de Deus, o mesmo deveria ser o motivo principal para a manutenção de igrejas estabelecidas e plantação de novas igrejas reformadas. Mas, por que então o movimento de crescimento de igrejas afastou-se tanto dos seus princípios fundamentais nas últimas décadas? Por que a teologia bíblica deixou de ser o motivo para a plantação de igrejas? Por que a igreja deixou de crer que ela é a noiva num casamento eterno com o seu resgata-dor e que deve se preparar para as núpcias, uma vez que o noivo se deu a si mesmo por sua noiva para torná-la santa e pura "por meio da lavagem de água pela palavra, para a apresentar a si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito (Ef 5.25-27)?"

Contudo, a igreja atual parece estar influenciada por números, por construções, por lutas de poder, por frieza espiritual, por testemunhos falsos, por pregações falsas, e por ministérios pragmáticos. E por isso muitas igrejas não evidenciam a obra santificadora e purificadora de Cristo.

Para Iain Murray, ações mercadológicas representam um afastamento dos princípios bíblicos:

O crescimento numérico da Igreja nunca foi abordado no N.T. como um interesse primário. A vida espiritual da Igreja sim tinha a prioridade. O mais poderoso testemunho da Igreja ao mundo é resultado da vida que ela desfruta; e quanto mais profundamente desfruta essa vida, tanto mais a Igreja causará impressão ao mundo. (At 4:13; Mt 5:16).<sup>188</sup>

O que aconteceu com a igreja que conhecemos? Poderia-se atribuir o conceito de igreja de Cristo a tais organizações eclesiais com seus cultos antropológicos e tóxicos? Poderia-se atribuir a tais "movimentos" o sentido de Casa de Deus (1 Co 3.16), corpo de Cristo (1 Co 12.27), família de Deus (Ef 2.19), habitação de Deus (Ef 2.22), coluna e baluarte da verdade (1 Tm 3.15) e, por fim, noiva e esposa ataviada de Cristo (Ap 19.7-9)?

Para Klasser e Koessler, o crescimento não é garantia de saúde espiritual:

Igrejas saudáveis são medidas mais em termos espirituais do que numéricos. O que pode a saúde espiritual de uma igreja? As igrejas devem tomar cuidado para não se prenderem ao pensamento que são saudáveis simplesmente porque estão crescendo numericamente. Os líderes de igreja não devem virar as costas para igrejas pequenas ou estabilizadas. Os crentes de algumas igrejas pequenas podem demonstrar mais maturidade espiritual do que

<sup>188</sup> MURRAY, I., *A Igreja: Crescimento e Sucesso*. Revista A fé para hoje. São Paulo: Ed. Fiel. (2000). p.22-28



os crentes de algumas igrejas grandes. Klassen e Koessler, no livro deles, *No Little Places*, (Nada é Pequeno), enfatizam que Deus julga o ministério pela qualidade e não pelo tamanho. Hoje o termo crescimento da igreja é usado quase exclusivamente para significar crescimento numérico. Se os números sobem, a igreja está crescendo. Se os números permanecem o mesmo, a igreja está experimentando um “planalto” uma palavra que soa estagnação. Se os números estão afundando, a igreja deve estar doente e em situação de declínio. Tal pensamento é ultra-simplista. O crescimento numérico pode ocorrer por razões erradas. Por exemplo, durante o ministério do Jesus, muitos da multidão que o seguiam estavam mais interessados nos seus milagres do que em sua mensagem (João 6:26). Todos temos visto igrejas que estão ficando maiores por razões erradas. Tais igrejas estão realmente crescendo.<sup>189</sup>

Certamente deve-se plantar novas igrejas, mas surge a pergunta: As igrejas históricas têm sido plantadas para a glória de Deus ou para a satisfação dos homens? A partir da missiologia bíblica que serve como espelho da eclesiologia reformada, haveria a possibilidade de pesquisar os fundamentos para uma prática bíblica na plantação de igrejas históricas?

#### 6.4 Aproximação ou distanciamento bíblico?

Se a eclesiologia reformada é o vetor para uma missiologia bíblica, uma vez que a teologia fundamenta as práticas missiológicas, por que fica evidente o distanciamento entre a teoria fundamental e a prática aplicada no processo de plantação de tais igrejas?

O Movimento de Crescimento de Igrejas (MCI) afirma que milhares de novas igrejas são estabelecidas depois de grandes e catastróficos eventos como guerras e epidemias. No entanto, com o passar do tempo e por falta de estratégias evidencia-se um estagnamento e declínio. Hoje, das aproximadamente trezentos e cinquenta mil igrejas nos Estados Unidos, quatro de cada cinco estão estagnadas ou declinando em crescimento. Segundo o movimento muitas igrejas começam a estagnar ou diminuir lentamente em torno dos seus quinze a dezoito anos.<sup>190</sup>

A diminuição acerca do envolvimento de membros no trabalho com igrejas pode ser de um percentual em torno de dez por cento ou quase cinco milhões de pessoas, enquanto o aumento da população apresenta um crescimento de aproximadamente dez por cento, o que corresponde a vinte e quatro milhões de pessoas. Estatísticas mais recentes apresentadas por Thom Rainer, da *LifeWay Christian Resources*, revelam que nos últimos anos "entre oito e dez mil igrejas fecharam suas portas nos Estados Unidos".<sup>191</sup>

---

<sup>189</sup> KLASSER, R. e KOESSLER, J., *No Little Place*. (Grand Rapids: Baker, 1996). 24

<sup>190</sup> SCHALLER, L. *Making 'outsider' into 'insider' church growth: América*: 1989. 4

<sup>191</sup> Assunto pesquisado em 26 de novembro de 2020 em <https://revitalizedchurches.com>

Por isso se faz necessário estudar as principais linhas teóricas que foram formuladas por Donald McGavran e seus seguidores acerca do conceito bíblico, teológico e cultural para a qual a igreja foi enviada como agente do reino de Deus.

Para Smith e Portela "a história do movimento de crescimento de igrejas é sobretudo a história de um homem e de uma instituição. O homem é Donald McGavran e a instituição é a Escola de Missões Mundiais ligada ao Instituto de Crescimento de Igrejas do Seminário Teológico Fuller. O Instituto sempre enfatizou que o alvo da Igreja é ganhar homens e mulheres para Cristo e aumentar o número de congregações por toda parte. Assim, aos 68 anos de idade, McGavran levou avante, como Deão, o projeto da Escola de Missões Mundiais do Seminário Fuller".<sup>192</sup> Para o pastor evangelista Billy Graham "a proposta do Dr. McGavran revolucionou a educação teológica e poderia trazer uma nova visão para as igrejas da América".<sup>193</sup>

Para Willian Smith e Solano Portela

Ao selecionar o seu corpo docente, McGavran obedeceu ao princípio de que cada pessoa escolhida deveria: 1) Ser um missionário experiente. 2) Ser capaz de ensinar de forma competente algum aspecto de teoria de missões ou prática de missões e 3) Deveria estar firmemente comprometido com a crença de que o sucesso do trabalho deve ser medido em termos do número de ovelhas conquistadas, como resultado do trabalho missionário.<sup>194</sup>

Para Stuart Murray, a eclesiologia estática e a marginalização da missiologia nos termos das discussões teológicas são pontos que prejudicam o fenômeno missiológico e por isso necessitam de mudanças, a fim de que a plantação de igrejas receba novos estímulos e possa ter seus desafios corretamente orientados.<sup>195</sup>

Para James Packer, os fundamentos bíblico-teológicos produzem uma fé bíblica como testemunho com uma lúcida visão do mundo baseada na herança histórica reformada, logo, torna-se imprescindível que a teologia da nova igreja seja bíblica e aplicável.<sup>196</sup>

No entanto, o que seria esta base sólida da nova igreja? Como seria o culto desta igreja? Qual seria a ênfase do ensino? Como a igreja serviria à sua geração? Como uma eclesiologia missi-

---

<sup>192</sup> SMITH, W., e PORTELA, S. *Fazendo a igreja crescer: O Movimento de Crescimento de Igrejas*, São Paulo: Os Puritanos. 1997 19-22

<sup>193</sup> MCGAVRAN, D. *Effective Evangelism - A Theological Mandate*. New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing CO, 1988

<sup>194</sup> SMITH, W, e PORTELA, S. *Fazendo a igreja crescer: O Movimento de Crescimento de Igrejas*, São Paulo: Os Puritanos. 1997. 24

<sup>195</sup> MURRAY, S. *Church Planting*. Scottsdale: Herald Press, 2001, 35-38

<sup>196</sup> PACKER, J.I. *A Evangelização e a Soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 1991. 22-24

ológica encontraria nos exemplos de Jesus como mestre, de Paulo como discípulo, dos reformadores como colunas contemporâneas, o objetivo traçado por Jesus para a Grande Comissão Quando Jesus disse aos seus discípulos que deveria-se rogar ao Pai para que Ele mandasse trabalhadores porque a seara é grande, qual seria a o fundamento teológico e a prática bíblica destes trabalhadores?

Certamente o campo é grande e está tomado de inúmeras teologias, algumas desenvolvidas outras em desenvolvimento, e que, como resultado de ações questionáveis, geram apreensão entre as igrejas históricas. Daí, a necessidade de igrejas teorreferentes que ensinem, preguem e sirvam sob o exemplo de Cristo.

João Calvino insistia que os cristãos deveriam demonstrar seu cristianismo através de uma vida de santidade. O objetivo da vida cristã, segundo Calvino, era obedecer a vontade de Deus. Portanto, qualquer ensino que não tenha referência cristã deve ser reexaminado. A vida cristã é, por um lado justificação pela graça através da fé e, por outro lado, santificação. A plantação da igreja é uma atitude santa que conduz o povo de Deus ao culto, ao ensino e ao serviço.

Uma vez restabelecida a conexão entre o fundamento bíblico-teológico e a prática bíblica decorrente de tais ensinamentos pode-se esperar um reordenamento do fenômeno missiológico de plantação de igrejas históricas.

A proposta para a plantação de novas igrejas reformadas aponta o culto reformado, o ensino bíblico e o serviço cristão como características imprescindíveis para uma igreja histórica. O culto reformado com sua liturgia temática e sinagoga, o ensino bíblico com a sua didática objetiva e o serviço ao próximo decorrente do amor de Cristo como parte fundamental do processo pactual e testemunhal da fé cristã ao longo dos séculos.<sup>197</sup>

## 6.5 A Escritura evidencia a dinâmica pactual

Em Gênesis 12.1-3 há o chamado de Abraão e em Gênesis 15.1-18 há o registro da repetição. As promessas são explicadas ao nível da cognição de Abraão: a) Proteção total e segurança garantida; b) Um futuro preordenado; c) Abraão seria o pai de muitas nações; d) A terra prometida seria um patrimônio familiar.

A dinâmica pactual é enfatizada em Gênesis 17.1-22 quando trata do estabelecimento do Pacto da Graça com Abraão e seus descendentes. O pacto firmado é repetido para total compreen-

---

<sup>197</sup> LIMA, S. L., *A Fé Reformada: Fundamentos para a missão hoje*. São Paulo: Agathos. 2017. 37

são: a) Garantia pactual; b) Promessa de poder aos descendentes; c) Selo pactual demonstrado pela circuncisão.

A dinâmica pactual é avaliada em Gênesis 22. Qual seria o verdadeiro caráter de Abraão? Ele havia entendido que poderia confiar totalmente em Deus? E se algo de valor lhe fosse tirado, por ventura permaneceria confiante que as palavras de Deus se cumpririam? Segundo Van Groningen o objetivo era “demonstrar a plena submissão de Abraão à ordem de Deus”.<sup>198</sup>

Para Packer, no livro *A Evangelização e a Soberania de Deus*

é necessário e imprescindível que a teologia da igreja seja bíblica, reformada e aplicável, porque os fundamentos bíblico-teológicos e reformados produzem uma fé bíblica como pressuposto, com uma lúcida visão do mundo, baseada na herança histórica.<sup>199</sup>

A herança advém de um chamado e uma ordem de Deus a Abraão. O pacto é o ponto de partida para estabelecer a qualidade do relacionamento de Deus com o seu povo e vice-versa. O pacto continuou sendo administrado para que o povo prosseguisse em conhecimento da vontade soberana de Deus no tempo e no espaço.

Para Louis Berkhof,

Abraão começa a cumprir a sua responsabilidade no pacto com Deus porque fora um acordo firmado entre duas partes. De um lado o Deus criador e provedor de tudo e de outro lado um homem dependente de Deus para que o pacto se cumpra, dado à sua incapacidade de manter o compromisso.<sup>200</sup>

Para Boanerges Ribeiro,

Abraão e seus descendentes creram nas palavras e nas promessas divinas e foram, patriarcas e povo de Israel, receptores de revelações divinas e elos de ligação histórica com o grande evento redentor da expiação e sua sequência, a Nova aliança. Por isso lemos em Hebreus 11.8: “Pela fé Abraão, sendo chamado obedeceu indo para um lugar que havia de receber como herança; e saiu sem saber para onde ia.”<sup>201</sup>

O pacto trouxe a compreensão acerca da vontade de Deus para o seu povo. Ele foi estabelecido para que houvesse uma relação com responsabilidade mútuas. Para Ligon Duncan, "Berith ou

---

<sup>198</sup> GRONINGEN, G. Van, *Criação e Consumação: O Reino, A Aliança e o Mediador*. Volume I. São Paulo: Cultura Cristã, 2002. 127

<sup>199</sup> PACKER, J.I. *A Evangelização e a Soberania de Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 1991. 22-26

<sup>200</sup> BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001. 253

<sup>201</sup> RIBEIRO, B. *A Aliança da Graça*, São Paulo, Associação Evangélica Reformada Presbiteriana, 2001. 13.

Diatheke é frequentemente usado para descrever uma última vontade ou um testamento preservado por uma forma de relação pessoal, viva e vinculante".<sup>202</sup>

A forma de serviço a Deus no desenrolar do plano messiânico também foi abordada por Gerard Van Groningen:

Esta descrição factual completa a descrição do ambiente para o relato do chamado específico a Abraão para servir a Deus no desenrolar do plano messiânico, por meio do qual todos os diversos povos constituintes da humanidade real decaída poderiam receber a plena libertação do pecado e da culpa, ter a maldição do pacto de Deus deles removida e ser plenamente restaurados à sua real posição e função originais, em que Deus tinha posto a humanidade no tempo da criação.<sup>203</sup>

A Confissão de Fé de Westminster também traz uma forma de compreensão acerca da administração das alianças:

O pacto no tempo da Lei não foi administrado como no tempo do Evangelho. Sob a Lei foi administrado por promessas, profecias, sacrifícios, pela circuncisão, pelo cordeiro pascoal e outros tipos e ordenanças dadas ao povo judeu, prefigurando, em tudo, o Cristo que havia de vir; por aquele tempo essas coisas, pela operação do Espírito Santo, foram suficientes e eficazes para instruir e edificar os eleitos na fé do Messias prometido, por quem tinham plena remissão dos pecados e a vida eterna.<sup>204</sup>

O período abraâmico é abundante em exemplos acerca de práticas factuais. Pelo pacto o povo soube dos desígnios de Deus, do comissionamento dos patriarcas, das promessas e de seus cumprimentos em honra à sua própria Glória. O pacto serviu como referência para que o povo soubesse acerca da santidade de Deus, da responsabilidade dos patriarcas e sobre os riscos da desobediência.

## 6.6 As evidências factuais acompanham o avanço para a terra prometida

O tempo decorrido entre Abraão e Davi é longo mas as evidências factuais permanecem completamente inalteradas. O período davídico também é sobejo em exemplos de práticas factuais no estabelecimento do reino, na sua manutenção, nas disciplinas pelos descumprimentos às instruções e na promessa de um rei eterno para a casa davídica como promessa a Abraão.

<sup>202</sup> DUNCAN, L. Exposição sobre o pacto na Primeira Igreja Presbiteriana de Jackson, Missisipi, USA. 2018.

<sup>203</sup> GRONINGEN, G. Van, *Criação e Consumação: O Reino, A Aliança e o Mediador*. Volume I. Casa Editora Presbiteriana. São Paulo. 2002. 124

<sup>204</sup> ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *A Confissão de Fé de Westminster*. São Paulo: Cultura Cristã. Cap. 8, § 5.

Os tempos mudaram, as gerações mudaram, o local de moradia mudou, mas Deus permaneceu dirigindo o seu povo pela administração do Pacto. Davi compreendia que estava em aliança com Deus.

Peter Craigie, comentando o Salmo 28, afirma que Davi exultou a Deus por conta da aliança com Abraão:

Após a declaração de julgamento, que é ao mesmo tempo uma declaração da integridade do salmista em suas relações, é possível que ele prossiga imediatamente para ações de graças e louvor. A ação de graças está ligada diretamente às palavras anteriores de súplica. Ao passo que frequentemente nos Salmos a transição da oração para a ação de graças é marcada pela fé, ou seja, que o Senhor ouviu e responderia, neste contexto é provável que a ação de graças seja baseada em uma resposta já dada no pronunciamento. O pronunciamento afirmava a inocência do salmista das falsas acusações colocadas contra ele (e, portanto, sua libertação da maldição que seus inimigos lhe desejavam). Assim, o salmista pode dizer: "fui resgatado"; a libertação que já havia sido alcançada fluía naturalmente em louvor a Deus, descrito na terminologia militar como fonte de força e defesa. A interrelação entre os convênios surge na palavra "confiança" pois descreve a atitude apropriada do membro da aliança em relação ao Deus da aliança. Porque o salmista confiou no Deus da aliança, esse mesmo Deus o libertou da crise precipitada por uma aliança humana na qual não havia confiança.<sup>205</sup>

Segundo Agostinho (354-430 d.C), Davi foi atendido "Porque Deus é força e escudo, defesa que cobre e cerca, como relatado Gênesis 15.1 na proteção de Deus a Abraão. A mesma proteção que Deus se recusou a dar para o povo de Israel em outra situação, por conta de sua desobediência às suas instruções pactuais (2Sm 22.3).

Agostinho de Hipona entendeu a passagem seguindo a Vulgata:

"O Senhor meu ajudador e meu protetor". O Senhor me ajudando em tão grandes sofrimentos, e me protegendo com a imortalidade em minha ressurreição. "Nele confia o meu coração, e eu fui ajudado." "E minha carne floresceu novamente", isto é, "e minha carne ressuscitou". "E da minha vontade, eu vou confessar a ele." Portanto, o medo da morte sendo agora destruído, não pela necessidade de medo sob a lei, mas com a liberdade da lei, os que crêem em mim, confessarão a Ele; e porque eu estou neles, vou confessá-los. "O Senhor é a força do seu povo". Não que as pessoas "ignorem a justiça de Deus e estejam dispostas a estabelecer as suas próprias", pois elas não se consideravam fortes em si mesmas, pois o Senhor é a força de Seu povo, lutando nas dificuldades desta vida com o diabo. "E o protetor da salvação de seu Cristo". Que, tendo-os salvo por Seu Cristo, depois da força da guerra, Ele pode protegê-los no final com a imortalidade da paz. "Salva o teu povo e abençoa a tua herança". Eu intercedo, depois que minha carne florescer novamente, porque Tu disseste: "Peça a mim, e eu darei a ti as nações por tua herança"; "Salve Teu povo e abençoe Tua herança". E ainda: "E governa-os e fixa-os para sempre". E governa-os nesta vida temporal, e eleva-os para a vida eterna.<sup>206</sup>

Para J. M. Neale o pacto está presente na literatura vétero-testamentária em cada detalhe da vida cotidiana, principalmente nas orações. Ao estudar o pensamento de Eusébio de Cesareia

<sup>205</sup> CRAIGIE, P. C. *Salmos 1-50*, vol. 19, Word Biblical Commentary. Dallas: Word, Incorporated, 1983. 240-241.

<sup>206</sup> HIPONA, A., Expositions on the Book of Psalms, in *Saint Augustin: Expositions on the Book of Psalms*, org. Philip Schaff, New York: Christian Literature Company, 1888. 65-69.

(265-339 d.C) e Ambrósio (340-397 d.C) vê-se o sentido providencial da dinâmica pactual: "Eusébio observa que é próprio da providência de Deus considerar o peticionário e respondê-lo para que ele entenda que foi ouvido, para que não permaneça com a impressão que orou em vão. E neste sentido muitos e muitos santos disseram: Meu coração confiou nele, e eu sou ajudado, muito antes daquilo pelo qual orei veio a acontecer"... Como afirmou Isaías: 'Do tronco de Jessé sairá um rebento, e das suas raízes, um renovo'. Este renovo floresceu novamente quando a flor foi cortada pelos judeus, e brotada do sepulcro com a glória revivente de Sua ressurreição".<sup>207</sup>

O sentido do louvor pactual é presente em vários estudos. Para Mitchel Dahood ao comentar o Salmo 28, a passagem lembra um cântico jovial: Algumas das versões mais antigas discerniram que o tema do rejuvenescimento estava sendo expresso pelo salmista, uma vez que o motivo do rejuvenescimento é descrito na poesia bíblica (Sl 103: 5; Is 40:31; Jó 19:26, 33:2. Então a expressão "Canta-nos a canção de Sião" pode defender a divisão consonantal massorética e processual como no salmo 137.3b: "Cantai para nós com uma canção de Sião".<sup>208</sup>

Para Robert Brachter a melhor interpretação vem do texto massorético: "Ele registra 'com minha música'; a Septuaginta registra 'com a minha vontade'. E assim altera as vogais do texto hebraico para 'com todo o meu corpo'".<sup>209</sup>

Para Matthew Henry

o povo de Deus é a sua herança e Davi pede que o Senhor o salve e o continue abençoando como fez desde Abraão com abundância das suas instruções, verdadeiro alimento para a alma. Que o senhor dirija as suas ações e seja soberano sobre os seus assuntos para sempre. Ele ora para que Deus sustente não somente os viventes daquela geração mas o povo de Deus de todos os tempos. Que os levante tão alto como o céu, por que ali os santos serão elevados para sempre, e não voltaram jamais ao abatimento. Esta é a salvação de Deus na pessoa e obra de Jesus Cristo, a salvação dos pecados. Ele abençoa os seus filhos com a benção do pacto como alimento do Bom Pastor, com a elevação de alguém que era do pó mas que agora recebeu a ressurreição e a vida.<sup>210</sup>

Davi expressou o mesmo sentimento no Salmo 16 e no Salmo 21:

Bendigo o SENHOR, que me aconselha; pois até durante a noite o meu coração me ensina. O SENHOR, tenho-o sempre à minha presença; estando ele à minha direita, não serei abalado. Alegra-se, pois, o meu coração, e o meu espírito exulta; até o meu corpo repousará seguro. Pois não deixarás a minha alma na morte, nem permitirás que o teu Santo

<sup>207</sup> NEALE, J. M. A Commentary on the Psalms from Primitive and Mediæval Writers: *Psalm 1 to Psalm 38*, vol. 1. Londres: Joseph Masters; Pott and Amery, 1869. 384–385.

<sup>208</sup> DAHOOD, S. J. M., *Salmos 1:1-50*. vol. 16, Anchor Yale Bible. New Haven; Londres: Yale University Press, 2008. 173.

<sup>209</sup> BRACHTER R. G. e REYBURN W. D., *A translator's handbook on the book of Psalms*, UBS Handbook Series (New York: United Bible Societies, 1991), 273.

<sup>210</sup> HENRY, M., Matthew Henry's Commentary, *Psalm 28*, Grand rapids, 2002. 419

veja corrupção. Tu me farás ver os caminhos da vida; na tua presença há plenitude de alegria, na tua destra, delícias perpetuamente (Salmo 16.7-11).

Na tua força, SENHOR, o rei se alegra! E como exulta com a tua salvação! Satisfizeste-lhe o desejo do coração e não lhe negaste as súplicas dos seus lábios. Pois o supres das bênçãos de bondade; pôes-lhe na cabeça uma coroa de ouro puro. Ele te pediu vida, e tu lha deste; sim, longevidade para todo o sempre. Grande lhe é a glória da tua salvação; de esplendor e majestade o sobrevestiste. Pois o puseste por bênção para sempre e o enches-te de gozo com a tua presença. O rei confia no SENHOR e pela misericórdia do Altíssimo jamais vacilará (Salmo 21.1-7).

Isaías também recorreu à alegria pactual para expressar a santidade de Deus: "Exulta e jubila, ó habitante de Sião, porque grande é o Santo de Israel no meio de ti (Is 12.6). Zacarias pede que haja canto e exultação pela presença do Senhor: "Canta e exulta, ó filha de Sião, porque eis que venho e habitarei no meio de ti, diz o SENHOR (Zc 2.10)".

No entanto, a melhor instrução sobre exultação pactual está nas palavras de Jesus:

Vendo Jesus as multidões, subiu ao monte, e, como se assentasse, aproximaram-se os seus discípulos; e ele passou a ensiná-los, dizendo: Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão fartos. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados sois quando, por minha causa, vos injuriarem, e vos perseguirem, e, mentindo, disserem todo mal contra vós. Regozijai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus; pois assim perseguiram aos profetas que viveram antes de vós. (Mateus 5.1-12).

Há um caráter distintivo no cristão descrito por Jesus nas Bem-Aventuranças. Jesus explica a visão de Deus para o povo do Pacto. Por isso ser cristão é ter consciência de sua responsabilidade na Aliança.

## 6.7 O cumprimento pactual no período apostólico

O apostolado não foi dado por causa de qualquer mérito humano; mas, pela clemência livre de Deus pessoas foram chamadas mesmo sendo completamente não merecedoras; e assim foi cumprido o que o Cristo diria em outra ocasião, 'Não me escolheram, mas eu vos escolhi a vós' (Jo 15.16)".<sup>211</sup>

No Evangelho de Mateus, quando Jesus comissionou os seus discípulos está escrito:

Jesus, aproximando-se, falou-lhes, dizendo: Toda autoridade me foi dada no céu e na terra. Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordena-

<sup>211</sup> CALVIN, J. *The Comprehensive John Calvin Collection - Marcos 3.13*. (The Most-Definitive Calvin Collection), versão 1.0.



do. E eis que estou convosco todos os dias até a consumação do século (Mateus 28.18-20).

Sobre a Grande Comissão Calvino mencionou: O Senhor ordena aos ministros do evangelho que preguem em lugares distantes, com o propósito de espalhar a salvação em cada parte do mundo". Mais de uma vez ele afirmou esta convicção acerca dos limites para a missão. Quando comentou 1 Timóteo 2.4 ele declara: "Nenhuma nação da terra e nenhum segmento da sociedade está excluído da salvação, porque Deus deseja oferecer o evangelho a todos e sem nenhuma exceção."<sup>212</sup>

Quanto a dinâmica de plantação de igrejas, Ronaldo Lidório aponta o pensamento de David Hesselgrave que foi executado por Paulo, o ciclo paulino: 1) missionários enviados, 2) audiência contactada, 3) evangelho comunicado, 4) ouvintes convertidos, 5) crentes congregados, 6) fé confirmada, 7) liderança consagrada, 8) crentes fortalecidos, 9) relacionamentos continuados, 10) a igreja enviando.<sup>213</sup>

Para Elias Medeiros, no livro *Evangelização e Ministério Pastoral*, tudo o que há no mundo pertence a Cristo. Ele é autoridade e poder sobre tudo e sobre todos. Por isso podemos crer que há *poder e autoridade* infalíveis na pessoa e obra de Jesus Cristo para a edificação da sua igreja.<sup>214</sup>

---

<sup>212</sup> CALVIN, J. *Commentary on a Harmony of the Evangelists Matthew, Mark, and Luke*, Vol. III. Grand Rapids: Baker, 1979, 383-386.

<sup>213</sup> LIDÓRIO, R. *Plantando igrejas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2018, 55-59.

<sup>214</sup> MEDEIROS, E. *Evangelização e Ministério Pastoral*. São Paulo: Cultura Cristã. 1ª. Edição, 2009. 96.

## 7 FUNDAMENTOS PACTUAIS PARA AS IGREJAS REFORMADAS

A prática eclesiástica é uma ação comum nos dias atuais, no entanto, anseia-se pelos fundamentos, motivações e compromissos confessionais. Diante de um tempo altamente pluralizado, procuramos dialogar sobre alguns pressupostos fundamentais.

A subjetividade acerca das práticas eclesiásticas evidencia-se quando há a perda do referencial teológico. Win Am, discípulo de Donald McGavran, disse “os que saem de igrejas vitoriosas e têm sido treinados são eles próprios multiplicadores de igrejas, são geralmente eficazes”.<sup>215</sup>

A subjetividade acerca das práticas pastorais fragiliza o ministério quando permite a migração do serviço pastoral para a direção empresarial. George Barna, que especializou-se em estratégias para fazer a igreja crescer, afirma: "muitas pessoas julgam o pastor não por sua capacidade de pregar, ensinar ou aconselhar, mas por sua capacidade de fazer a igreja funcionar tranquila e eficientemente como uma empresa".<sup>216</sup>

A despeito de tais considerações, a referência teológica da igreja subsiste no Pacto de Deus com Abraão, sob a afirmação que ele seria Deus para o seu povo e o seu povo seria a sua propriedade. Toda a teologia protestante, exposta a partir do século XVI aponta para o Deus triúno, sua soberania, graça e glória e seu pacto com os seus eleitos. A Teologia Reformada não coaduna com práticas mercadológicas e estratégias que transformam igrejas em negócios e pastores em empreendedores.

O conhecimento de Deus leva a um correto conhecimento do homem, conhecer a Deus faz parte da natureza do homem porque há nele o *sensus divinitatis*, no entanto, a depravação corrompeu este entendimento. Assim, Deus não é visto na obra da criação do mundo e seu contínuo governo, Deus não é adorado mas é demandado para anseios humanos, fato que faz da Escritura algo necessário para que o homem retorne ao seu criador e o adore como Senhor.<sup>217</sup>

---

<sup>215</sup> MCGAVRAN D. A., *How to Grow a Church*, (Glendale, Calif.: Regal Books Division, GIL Publications, 1973). 79

<sup>216</sup> BARNA G., *Marketing The Church*, (Colorado Springs, Colo.: Navpress, 1998) 14.

<sup>217</sup> CALVINO, J., *As Institutas da Religião Cristã*. São Paulo - SP, Editora Cultura Cristã, 1a edição, 1985. 1.1-6.53-88

O conhecimento de Deus e o conhecimento de nós mesmos consistem na verdadeira sabedoria. A revelação é o ponto de partida para isso, assim, tanto quanto ele se revelou, é a medida do nosso conhecimento dele. Como criador ou redentor, Deus é reconhecido pois há no homem a "*semen religionis*", que o faz reagir de alguma forma. Idolatria e piedade são as reações mais comuns. Quanto conhecemos de Deus? Tanto quanto ele quis se revelar e tanto quanto pudemos apreender disso. Todo o restante sempre será um mistério para nós.

Argumentando sobre isso, Bavinck escreveu:

Mistério é o elemento vital da Teologia... A verdade que Deus revelou concernente a Ele mesmo na natureza e nas Escrituras vai muito além do que o homem pode conceber e da compreensão humana. Nesse sentido a Teologia se ocupa especificamente com mistério, pois não trata de criaturas finitas, mas do início ao fim se eleva acima de qualquer criatura ao próprio Ser Eterno e Infinito.<sup>218</sup>

Algumas ações de Jesus na formação do colegiado apostólico trazem auxílio na procura por tais fundamentos. Se estivermos em busca dos pressupostos bíblicos para o cumprimento dos planos de Deus, a ação de Jesus é útil para entender o modo de operação da igreja. O fundamento é a vocação de Cristo para a salvação pessoal, a designação para o serviço pastoral e o compromisso confessional.

## 7.1 Culto: O culto deve refletir a teologia da igreja

O culto reformado é teocêntrico. Adorar significa honrar e glorificar ao Senhor com gratidão, da forma como ele prescreveu, pela filiação, por seus atributos e atos.<sup>219</sup> Quando esta adoração é pública fica estabelecido o culto. Entende-se que esta adoração deve ser acompanhada de reverência, e ao mesmo tempo, de alegria, porque os adoradores são recebidos pelo Todo-Poderoso. Neste caso, isso deve ser feito com humildade e verdadeira confissão pelos pecados, com súplicas pelo que é necessário.

No culto reformado, Deus é o centro, logo o culto é para ele. A adoração é regulamentada pela Palavra de Deus, e a mesma diz que deve ser em Espírito e em Verdade. O Pai, o Filho e o Espírito Santo são o único objeto apropriado para receber culto, e todo culto deve ser oferecido através de Cristo. Por isso, no culto reformado, é esperado dos fiéis o sublime louvor, ações de graças, confiança, pureza e serviço.

---

<sup>218</sup> BAVINCK, H., *A Doutrina de Deus*. Banner of Truth Trust. 1977. 13

<sup>219</sup> CALVINO, J., *As Institutas* 4.17.1117

Cultua-se ao Senhor lendo e pregando as Escrituras, com temor; ouvindo a Palavra, com entendimento, fé e reverência; cantando louvores, com alegria; orando, com adoração, confissão, súplica, intercessão e ações de graças; ministrando os sacramentos, com zelo e piedade.

A doutrina de Cristo e dos Apóstolos estabelece as normas afirmando verdades cúlticas que poderão manifestar-se em diferentes situações particulares em diferentes eventos. À glorificação de Jesus seguir-se-ia a dádiva do Espírito Santo aos que nele cressem; e que o sacrifício de Jesus resultaria na reunião “em um” dos filhos de Deus<sup>220</sup>. Este presente prometida, que é o Espírito Santo, somente possível com a morte e glorificação de Cristo, reuniu os filhos de Deus em um corpo ao vir para eles.

O culto cristão é a dedicação de nós mesmos a Deus. Este culto é prestado com o auxílio do Espírito Santo, tendo Jesus como mediador, baseando-se no conhecimento do verdadeiro Deus. O culto, a partir do Novo testamento, não usa as formas do Antigo Testamento. Adoramos o mesmo Deus do Antigo Testamento, mas nosso culto se reveste de forma compatível com a encarnação do Filho de Deus, sendo que a nova adoração desvincula-se de lugares determinados e cerimoniais fixos pois ele pode ser adorado em espírito e em qualquer lugar.<sup>221</sup>

Embora a emoção esteja presente no culto, ele é racional. O culto é um serviço de obediência com uma liturgia de acordo como seu pressuposto, com elementos indispensáveis, como a Palavra de Deus, batismos, orações, cânticos, e celebração da ceia do Senhor.

Contudo, há uma distinção entre culto praticado no período inicial do cristianismo e o culto atual, ressaltando a importância dos dois em suas respectivas épocas com as suas implicações teológicas. Se aquela era uma época de fundamento e de afirmações de conceitos, a nossa é uma época de adoração por tudo o que Deus já fez, requerendo de nós, reverência e piedade em meio a um culto racional. De tudo, fica a certeza que as circunstâncias variam mas há uma constante: os crentes em Cristo recebem o Espírito Santo, tanto no tempo dos apóstolos, como no tempo atual.

Nós adoramos porque Deus nos criou para adorá-lo.<sup>222</sup> A adoração é o centro da nossa existência; o coração da nossa razão de ser. Deus nos criou para ser sua imagem - uma imagem que refletiria sua glória. De fato a criação toda foi trazida à existência para refletir a glória divina. O salmista nos diz "os céus proclamam a glória de Deus; e o firmamento anuncia as obras da suas mãos" (Salmos 19:1). As orações feitas por Paulo, principalmente na carta aos Efésios diz muito

<sup>220</sup> RIBEIRO, B, *O Culto em Corinto e o Nosso Culto*, Editora O Semeador, São Paulo, 1992. 79

<sup>221</sup> BOSMA, C. J. *Missions and Greek Syntaxes, in For God so Loved to World*. Ontário, Canadá: Essence Publishing, 2006. 92

<sup>222</sup> OLD, H. O., *Adoração, Guia Para a Tradição Reformada*, John Knox Press, Atlanta, 1984. Editores John H. Leith & John W. Kuykendall. p. 93

sobre a adoração dos primeiros cristãos. Eles tinham uma percepção profunda do significado definitivo de sua adoração. Eles entendiam a si mesmos como tendo sido destinados e apontados para viver para o louvor da glória de Deus (Efésios 1:12). Quando o *Catecismo Maior de Westminster* ensina que "o fim principal do homem é glorificar a Deus e gozá-lo para sempre," ele dá testemunho desse mesmo princípio básico; Deus nos criou para adorá-lo. Por isso, adorar é, acima de tudo, servir à Glória de Deus.

No processo missiológico, a pregação precisa ser balizada pelos limites outorgados. Em nossos dias, há igrejas que adoram para sentirem-se felizes e auto-realizadas. Na verdade, a adoração completa o propósito da nossa existência mas nós não adoramos porque isto nos traz um senso de auto-realização e felicidade. A adoração é diferente de tudo isto, na medida em que ela serve, acima de todas as coisas, ao louvor da glória de Deus.<sup>223</sup>

Deus não somente nos criou para adorá-lo, mas ele também nos mandou adorá-lo, em nome de Cristo, pelo Espírito Santo. O primeiro mandamento nos diz: "Não terás outros deuses diante de mim". Jesus nos diz que o primeiro e maior mandamento é que nós amemos Deus com todo o nosso coração, toda nossa mente, e toda a nossa alma. O ponto é que nossa adoração, nossa mais profunda devoção, nosso mais ardente amor é dirigido a Deus antes do que para nós. João Calvino (1509-1564), um dos líderes da Reforma Protestante, em seu comentário sobre os Dez Mandamentos diz que o primeiro mandamento significa que nós devemos "com verdade e zelo piedoso.... contemplar, sentir, adorar, sua majestade; participar em suas bênçãos; procurar a sua ajuda em todos os tempos; reconhecer, e por louvores, celebrar a grandeza de sua obras - como o único fim das atividades desta vida"<sup>224</sup>. O segundo mandamento diz que nós não devemos usar imagens ou ídolos em nossa adoração, pois como o apóstolo Paulo nos diz, Deus não é representado pela arte e imaginação do homem; Deus *nos* criou para ser o reflexo de sua imagem (Atos 17.22-31). Tomar este mandamento seriamente tem sido fundamental para o entendimento reformado da adoração.

Adoração não pode ser confundida com arte ou entretenimento, porque isso seria usar o nome do Senhor em vão, como recomendado no terceiro mandamento. O mandamento nos ensina a adorarmos a Deus honesta e sinceramente, adorarmos a Deus "em espírito e em verdade". O quarto mandamento nos diz para lembrar, ou observar, a adoração do Dia de Sábado. Este mandamento faz os três mandamentos precedentes muito concreto. Sem este mandamento poderia parecer que a lei havia sido dada muito mais subjetiva em mente do que real culto de adoração. Jesus também in-

<sup>223</sup> BAXTER, R. *Manual Pastoral de Discipulado*. São Paulo: Cultura Cristã. 1ª. Edição. 2008. p. 115

<sup>224</sup> CALVINO, J. *Institución de la Religión Cristiana*. Fundación Editorial de Literatura Reformada (FELiRé), Cuarta Edición Inalterada, Barcelona, 1994. 2.8.16

terpretou este mandamento em um sentido bem concreto quando ele disse aos discípulos para celebrar a Ceia do Senhor em *memória* dele. Através de toda a Escritura, nós achamos mandamentos para adorar a Deus e mandamentos com respeito à adoração. Todos estes, são de fato um desdobrar-se e uma interpretação destes quatro mandamentos.

Por isso, apesar das ciências sociais geralmente não concordarem, por conta do seu comprometimento como o homem em si, a verdadeira adoração é um ato de obediência a lei de Deus, em nome de Cristo<sup>225</sup>. Esta é a principal característica da adoração reformada: é adoração quando feita “de acordo com a Escritura”. O Reformadores não tencionaram com isto, um tipo de medida literária bíblica, embora tenham sido acusados disto. Muito mais que isso, eles tinham em mente que a adoração cristã deveria ser em obediência à Palavra de Deus como é revelada na Sagrada Escritura.

A relevância de estudar os reformadores acerca de missões está no fato que eles estudaram os pais da Igreja. Eles são testemunhas da autoridade da Igreja. Os Reformadores estudaram os comentários patrísticos sobre a Escritura porque eles enriqueceram os seu próprios entendimento da Escritura. Eles estavam preocupados em adorar a Deus verdadeiramente e buscaram a Escritura para aprender como fazer. Nós estudamos os Reformadores porque seu entendimento da Escritura é profundamente cristológico<sup>226</sup>. Adoração cristã é no nome de Cristo porque adoração é uma função do corpo de Cristo e como cristãos, nós somos um corpo. Um importante conceito do Novo Testamento é que a igreja é o corpo de Cristo, e os primeiros cristãos entenderam que eles eram todos juntos um corpo, o corpo de Cristo.

Se a teologia reformada afirma que a adoração deve ser de acordo com a Palavra de Deus e em obediência à Palavra de Deus, e se a teologia reformada afirma que a adoração deve ser em nome de de Cristo e no corpo de Cristo, é certamente porque ela tem concebido a importância da adoração, sendo muito mais que meramente um trabalho humano. Adoração é o trabalho do Santo Espírito.

A exposição bíblica reformada é uma pregação cristocêntrica.<sup>227</sup> porque a teologia calvinista é profundamente cristocêntrica e o tema que domina a sua cristologia não é o conhecimento de Cristo em sua essência, mas em seu papel salvífico como mediador entre Deus e os homens. A revelação de Deus em Cristo é o supremo exemplo da sua acomodação à capacidade humana. Precisa-

<sup>225</sup> HENDRIKSEN, W. *Comentário do Novo Testamento – Exposição do Evangelho de Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã. 2001, Volume 2. 236

<sup>226</sup> PACKER, J. I. *Teologia Concisa*. São Paulo: Cultura Cristã. 1999, 1ª. Edição, p. 165

<sup>227</sup> ANGLADA, P. R. B., *Introdução à Pregação Reformada: uma investigação histórica sobre o modelo Bíblico-Reformado de Pregação*. Ananindeua: Knox Publicações, 2005. 11

mos de um mediador tanto por sermos pecadores quanto por sermos criaturas. Cristo como Mediador é verdadeiro Deus e verdadeiro homem (1Tm 3.16). Ele é o Verbo eterno de Deus gerado do Pai antes de todas as eras, que, em sua encarnação, ocultou a sua divindade sob o “véu” da sua carne. Uma formulação peculiar da cristologia de Calvino é o chamado *extra Calvinisticum*: a noção de que o Filho de Deus tinha uma existência “também fora da carne”.<sup>228</sup>

A teologia reformada é evidenciada no culto, que deve ser bíblico, pactual, histórico, evangélico, reverente, jubiloso e litúrgico não podendo ficar sob preferências pastorais de acordo com a diversidade de conhecimento de cada um. Clowney defende que pregar a Cristo, principalmente no contexto do Antigo Testamento, “não é pregar um sermão voltado às sinagogas, mas um sermão que leva em conta todo o drama da redenção e sua realização em Cristo”.<sup>229</sup> O zelo para com a boa liturgia inibe o desenvolvimento de práticas heréticas e a protege contra influências externas.

A Bíblia é a Palavra de Deus inspirada, revelada em linguagem humana e confirmada ao crente pelo testemunho interno do Espírito Santo. Calvino tratava o texto bíblico com reverência: “A Bíblia é autoritativa: e muito mais do que isso, ela é absolutamente, e em última instância, autoritativa. Ela não erra e não pode errar, e nunca jamais nos desviará. Podemos repousar no seu ensino, confiar nela completamente, depender dela para tudo que precisamos saber para viver e morrer de maneira feliz”.<sup>230</sup> A capacidade de reconhecer a Bíblia como a Palavra de Deus não depende de provas, mas é um dom gratuito do próprio Deus. Pois para nós a Bíblia não é simplesmente um livro, mas trata-se do livro de Deus: não é apenas uma coletânea de proposições, mas tratam-se das palavras do Senhor Vivente. “Credibilidade de Doutrina”, disse Calvino, “não é estabelecida até que sejamos persuadidos, acima de qualquer dúvida, de que Deus é Seu Autor. Assim, a maior prova das Escrituras é derivada em geral do fato que Deus em pessoa é quem nela fala”.<sup>231</sup>

A teologia de João Calvino foi construída dentro destes limites: a objetiva revelação divina nas Escrituras e o testemunho do Espírito Santo iluminando o crente. A verdadeira teologia deve manter-se dentro dos limites da revelação. Assim, a função principal das Escrituras sempre foi a nossa edificação, capacitando-nos a ver o que de outro modo seria impossível. Seu propósito é revelar o que precisamos saber sobre Deus, sobre nós e sobre a existência. A Reforma comprometeu-se com a Escritura enfatizando a inspiração, autoridade e suficiência da Bíblia, chamando a doutrina

---

<sup>228</sup> CALVINO, *As Institutas* 2.13.4

<sup>229</sup> CLOWNEY, E. *Pregando Cristo em toda a Escritura*. São Paulo: Vida Nova, 2021. p. 9.

<sup>230</sup> CALVINO, J., *As Institutas* 1.7-9

<sup>231</sup> CALVINO, J., *As Institutas* 1.7.4

da Escritura “toda e por inteiro” de “*sola e tota Scriptura*”.<sup>232</sup> Uma autoridade superior aos governos humanos e a todas as hierarquias eclesíásticas. Com este entendimento, os reformados foram fortalecidos em suas lutas contra tiranos dos seus tempos, tornando-se uma força revolucionária e ameaçadora aos reinos de então.

Na Confissão de Fé de Westminster está escrito:

Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens.<sup>233</sup>

A Escritura é regra de fé e prática para um povo que descobriu os cuidados do Deus do Pacto. Da mesma forma, a conduta pastoral deve ser condizente com o histórico reformado:

Um bom pastor deve ser criterioso acerca de duas coisas: ser diligente em sua doutrinação e conservar sua integridade pessoal. Não basta que ele amolde sua vida de acordo com o que é recomendável e tome cuidado para não dar mau exemplo, se não acrescentar à vida santa uma diligência contínua na doutrinação. E a doutrinação será de pouco valor se não houver uma correspondente retidão e santidade de vida.<sup>234</sup>

A igreja atual deve reconhecer a importância de estabelecer princípios e formas bíblicas para o culto. No culto a Deus, a alma se eleva na alegria de estar obedecendo à uma instrução do Senhor. As regras cúllicas são os limites coerentes para uma adoração espiritual.

## 7.2 Ensino: A igreja deve testemunhar a Aliança às gerações

O ensino reformado deve ser bíblico. Os termos “*ensinar*” (Dt 4.1) e “*aprender*” (Dt5.1) são a grande instrução para a igreja cristã. Na língua Hebraica tirando o sufixo e o prefixo das duas palavras percebe-se a mesma raiz. Isto mostra que trata-se de dois vocábulos que são interdependentes. Não existe ensino sem aprendizagem e também não existe aprendizagem sem ensino. O que o professor faz e o que aluno faz estão ligados entre si.<sup>235</sup>

Ensino é o processo de viver e transmitir conceitos bíblicos sólidos para que outras pessoas aprendam e cresçam na fé. Ensinar é todo o nosso esforço de levar alguém a aprender. É mais do que repassar informações. Na igreja, um professor ensina com a aula e com a vida.

<sup>232</sup> KLOOSTER, F. H., *A Singularidade da Teologia Reformada: Uma Tentativa Preliminar de Descrição*. Grand Rapids: O Sinodo Reformado Ecumênico, 1979..

<sup>233</sup> ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. *A Confissão de Fé de Westminster*, 1.6

<sup>234</sup> CALVINO, João. *As Pastorais*. São Paulo, SP: Editora Paracletos. 1998. 125

<sup>235</sup> BRUCE, W. *As sete Leis do Aprendizado*. São Paulo: Editora Betânia, 1998, 1ª. Edição, p. 21



Ensinar, por isso, não é somente transmitir, não é somente transferir conhecimentos de uma cabeça a outra, não é somente comunicar. Ensinar é fazer pensar, é estimular para a identificação e resolução de problemas; é ajudar a criar novos hábitos de pensamento e ação.<sup>236</sup>

O aprendizado é o processo de absorver o conteúdo e vivenciá-lo. Aprender não é apenas saber algo sobre um tema em si, mas interiorizá-lo e vivê-lo. A aprendizagem acontece dentro do indivíduo, mas seus efeitos são comprovados exteriormente em comportamentos externos. Somente há aprendizado quando isso se reflete na vida do discípulo.

O homem, ainda no Éden, desacreditou das palavras de Deus; não quis mais ser servidor, e em sua revolta, quis tornar-se igual a Deus; transgrediu a aliança, quebrou sua ligação com Deus. No entanto, Deus estabeleceu a aliança e assim “providenciou a expiação para a culpa da revolta e restauração da Ordem Divina com restabelecimento do convívio do homem com o Criador.”<sup>237</sup> Isso aconteceu ao longo da história, na qual, Deus separou uma família, se revelou a ela, sustentou-a na sua aliança, conviveu com ela e lhe prometeu inúmeras bênçãos. Dessa família, surgiria uma nação, e o seu patriarca (Abraão), seria denominado “amigo de Deus”.

Boanerges Ribeiro, no livro *Aliança da Graça*, afirma que:

Eles creram nas palavras e nas promessas divinas e foram, patriarcas e povo de Israel, receptores de revelações divinas e elos de ligação histórica com o grande evento redentor da expiação e sua seqüência, a Nova aliança. Por isso lemos em hebreus 11.8: “Pela fé Abraão, sendo chamado obedeceu indo para um lugar que havia de receber como herança; e saiu sem saber para onde ia.”<sup>238</sup>

Portanto, quando Deus faz uma aliança com Abraão ele não está apenas providenciando um meio da humanidade caída se voltar para ele, mas também está revelando como é grande o Seu amor por Sua criação (Gn 12.1-3). Deus chamou Abraão, lhe fez promessas pessoais e espirituais, mas deixou o cumprimento de tais promessas condicionado à obediência de Abraão, motivando assim, a responsabilidade pessoal de Abraão.

As promessas que Abraão recebeu dizia respeito à sua vida física e também sua vida espiritual. Deus também ordenou a Abraão para que fosse uma bênção. E que em Abraão seriam abençoadas todas as famílias da terra. Quando Deus chamou Abraão do meio de um povo idólatra, não indicava um isolamento, um ascetismo, mas separou Abraão para ser bênção e canal de bênção para outros. Assim, ele deveria cumprir seu papel estabelecido por Deus, isto é, ser uma bênção. Isso é aplicado à nós, hoje. Nós também somos “filhos de Abraão”, e devemos ser bênção para as pessoas,

<sup>236</sup> BORDENAVE, J. D. e Pereira, A. M. *Estratégias de Ensino-Aprendizagem*, Petrópolis: Editora Vozes. 1977, p. 185.

<sup>237</sup> RIBEIRO, B. *A Aliança da Graça*, São Paulo, Associação Evangélica Reformada Presbiteriana, 2001 p.13

<sup>238</sup> *Ibidem*, 18-23

temos de ser o canal de Deus por onde fluem as bênçãos dEle para as pessoas. As pessoas devem ver em nós algo que as motivem a se arrependerem, a confessarem seus pecados e se converterem também ao Senhor.

Jesus Cristo é o “descendente” de Abraão, é o clímax da bênção de Deus. Nós devemos refletir a nossa filiação em Abraão pela fé em Cristo, aceitando o senhorio de Cristo, pois nEle nos tornamos participantes da aliança de Deus em Abraão. Por isso desfrutamos os mesmos benefícios de Abraão e temos também as mesmas responsabilidades de Abraão, isto é, devemos ser uma bênção. O cristianismo deve ser praticado no dia-a-dia, resultando em boas obras.

Assim, a aliança do Senhor sempre vigorará. Mesmo que os homens queiram que Deus mude, que ele se torne mais complacente, mais tolerável para os pecados do povo e que por mais que os falsos mestres de hoje ensinem e apresentem um “Deus” diferente, mutável, o nosso Deus, o Deus da aliança, o Deus das Escrituras sempre será imutável.

A aliança do Senhor envolve promessas e preceitos que se não forem devidamente observados, trarão sérias conseqüências e sérios castigos a qualquer um que desobedeça a Sua aliança. Se a aliança é a ordem divina para a humanidade, não como direito adquirido, mas como favor divino, os que tiverem fé nas palavras do Criador, viverão com Deus. Os que transgredirem as instruções do Senhor, serão separados do seu convívio.

Mas, como dizer ao mundo moderno que Deus propôs tal relacionamento? Como comunicar os fundamentos históricos de maneira compreensível? Como afirmar que no aglomeramento das megacidades movimentadas há um lugar de descanso e paz para a alma humana?

Não há paralelo para comparação acerca da profundidade do relacionamento de Deus com o homem. Uma palavra ajuda-nos a entender este relacionamento: Comunhão. É mais que um acordo para caminhar, um contrato com bases legais para um fim estabelecido por ambos. É mais profundo que uma regra de convivência. É uma aliança.

A expressão "aliança" é advinda do Ugarítico<sup>239</sup> que já significava cortar, dividir, tanto que muitos dos sacrifícios ordenados por Deus envolviam justamente o corte da vítima para que os “contratantes” passassem por entre as duas partes. Continha a presença de morte, sacrifício, pleno envolvimento com o acontecimento, de que o fato é profundamente marcante e, por isso mesmo, não dever ser esquecido e que deve ser positivamente lembrado para manter o compromisso firmado.

---

<sup>239</sup> LETE, G. D. O., *Mitos y lendas de Canaan: Segun la tradicion de ugarit*. Ediciones Cristandad. Madrid. Institución San Jeronimo. Valencia. 1981. p 33-34

O termo “Aliança” é bastante amplo em seu significado, pois transcende em muito o mero momento do acordo em si. Na verdade, ele pressupõe a mútua aceitação dos termos que são expressos no momento em que ele, o pacto, é selado. E mais do que isso, envolve diretamente a manutenção deste compromisso para que o pacto se sustente.

Alguns autores defendem que para haver Aliança ou Pacto é preciso um juramento, ou cerimônia<sup>240</sup>. Deus fez uma Aliança com Abraão (Gênesis 12) para efetivar o que prometera no momento da queda (Gênesis 3.15). Ele criou o homem para um relacionamento consigo, e se relacionará com o homem, ainda que este tenha suas dificuldades. Deus toma a iniciativa, como afirma Gerard Van Groningen: “Deus estabeleceu uma relação vital, que assinala uma ligação entre Ele mesmo e a humanidade, quando criou Adão à sua imagem e semelhança. Essa relação é um aspecto essencial do pacto de Deus”<sup>241</sup>. Ao homem cabe o cumprimento do que foi determinado no ato do firmamento da Aliança, perfazendo esta atitude uma obediência ou desobediência.

Assim, estar em Aliança, ou ter um relacionamento com Deus, pode significar assumir novos conceitos ou também abster-se de antigos. Adão, para que pudesse explicitar a sua obediência, precisava desistir de seus desejos mais fortes, isto é, o comer do fruto. O ato de comer, definiu a quebra do seu estado integral (*status integritatis*).<sup>242</sup>

Alvo da redenção de Deus, Abraão foi também o representante de todos aqueles que ainda haveriam de ser incluídos historicamente no Pacto, o paradigma de como se efetiva a Aliança na vida do homem, principalmente quando olhamos para o Novo Testamento e vemos que é pela fé que o justo viverá (Hc 2.4; Rm 1.17; Hb 10.38). Ora, é justamente isto o que Abraão fez: ele creu em Deus e isto lhe foi imputado como justiça (Gn 15.6).

Por este fato, vemos que a Aliança também é um meio ordinário para a redenção de um homem, de um povo e de todos quantos Deus quiser chamar ao longo da história, até o fim dos tempos, em todos os lugares, por intermédio de Jesus Cristo, o Salvador.

Cristo exerceu sua soberania de forma simples e irrestrita. Ele chamou os apóstolos de maneira soberanal, pastoreou o colegiado e lhes outorgou a missão futura de serem a igreja como expressão da proclamação da redenção aos eleitos.

John Frame comenta:

---

<sup>240</sup> GRONINGEN, G. V., *Criação e Consumo: o Reino, a Aliança e o Mediador*. Volume I. Casa Editora Presbiteriana. São Paulo. 2002. p. 243.

<sup>241</sup> GRONINGEN, G.V., *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. Luz Para O Caminho. Campinas. 1995. p. 95-96.

<sup>242</sup> BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*. Grand Rapids, Michigan. 1949. p. 250-259

Em primeiro lugar, consideremos a Palavra de Deus como um meio de graça. [...] Ela é a autoexpressão autoritativa e poderosa de Deus. Portanto, é o poder de Deus para a salvação (Rm 1.16). As pessoas vão a Cristo por meio da Palavra não apenas lendo-a, mas ouvindo-a na pregação e no ensino (Rm 10.17). [...] então, como vimos, o Espírito Santo acompanha a Palavra, capacitando as pessoas a receberem-na não “somente em palavra, mas, sobretudo, em poder, no Espírito Santo e em plena convicção” (1Ts 1.5). Visto que o Espírito acompanha a Palavra com poder redentor, ela é viva e eficaz (Hb 4.12). Portanto, quando muitas pessoas se convertem, a Bíblia relata que a Palavra cresce (At 6.7; 13.49).<sup>243</sup>

Cristo chamou os apóstolos e os capacitou para desenvolverem sua tarefa. Jesus nunca pediu algo impossível de ser feito porque ele é o autor e consumidor da fé, é ele quem dá a obra e os meios para o cumprimento da mesma.

O plano de Deus estabeleceu uma organização em que Cristo é o Redentor e Salvador para reunir e congregar o seu povo. E através dela Deus tem uma palavra na direção das grandes concentrações. É pelas Escrituras que o homem conhece o seu Deus, seu Redentor e Salvador, e a si mesmo<sup>244</sup>. Condenados, mortos e perdidos encontram justiça, libertação, vida e salvação, como disse Pedro: “E não há salvação em nenhum outro; porque abaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, para que sejamos salvos (At 4.12)”.

### **7.3 Serviço: A igreja deve servir como expressão de misericórdia**

O serviço cristão deve ser um testemunho do que Cristo fez pelo seu povo. A assistência aos membros deve ser feita através da visitação, do aconselhamento, da participação em atividades programadas, etc. A assistência à cidade deve ser o resultado de planejamentos interrelacionais com a mesma, considerando sua densidade populacional, fragilidade de mobilidade e complexidade cultural. A igreja atual compreende que entre as prioridades da responsabilidade cristã estão o zelo pelo culto, a escola bíblica dominical e o trabalho de missões urbanas?

Apreciar o serviço de culto teorreferente (com liturgia temática), o ensino na Escola Bíblica Dominical (com base curricular) e o serviço social com ênfase na caridade consistem numa expressão adoradora e testemunhal do povo de Deus?

Apreciar o trabalho de discipulado que acrescenta ao novo convertido as condições mínimas para ele avançar em conhecimento cristão, ser integrado à igreja, para que permaneça na instituição, tanto nos cultos quanto nos trabalhos semanais consistem no privilégio cristão?

Apreciar e compartilhar a pregação reformada na igreja local e de forma concomitante, para

---

<sup>243</sup> FRAME, J. *Teologia Sistemática*. Trad.: Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2019. p. 405-406

<sup>244</sup> CALVINO, J. *As Institutas*. 1.6.84

com os que acompanham pelas mídias sociais, tentando servir à causa missionária para além das paredes internas da igreja local é função privativa do pastor ou responsabilidade da igreja?

O movimento de crescimento de igrejas (MCI) é a soma de líderes cristãos que negam a teologia pactual e confessam a doutrina do crescimento por estratégias. Entusiastas do movimento denominam-se como "cientistas que investigam a plantação, multiplicação, funcionamento e saúde das igrejas cristãs, e como elas se relacionam especificamente com a implementação efetiva de comissão de Deus".<sup>245</sup>

Foster Shannon, um dos líderes do movimento expressa a sua concepção filosófica da seguinte maneira:

Uma das premissas básicas do movimento de crescimento da igreja é que os esforços em evangelismo podem ser medidos e que a eficácia dos métodos podem ser avaliados e as respostas das pessoas e dos campos podem também ser medidos. Talvez a mais básica premissa é que Deus pretende para a Sua igreja o crescimento e esse crescimento da igreja deve ser perseguido em obediência a Jesus Cristo.<sup>246</sup>

É possível perceber que o movimento utiliza o método científico para dimensionar, avaliar, criar conceitos e teorias com vistas a um resultado planificado. No entanto, a Bíblia enfatiza a grande comissão como uma expressão de obediência espiritual sem fazer qualquer alusão a números.

Na verdade a Bíblia aponta o culto, o ensino bíblico e o serviço a Deus como práticas do povo de Deus desde a antiguidade. Quando Abraão saiu da sua casa e seguiu para a terra prometida, levava consigo o testemunho de ter aprendido o melhor ensinamento de Deus. Quando Moisés foi comissionado a retirar o povo que estava escravizado no Egito, o motivo era para que houvesse culto. Quando Boaz resgatou Rute, evidenciou-se o serviço em forma de misericórdia. Estes são apenas alguns dos acontecimentos que apontam a teologia pactual como pressuposto para a plantação de igrejas reformadas.

A Bíblia continua sendo a base para a plantação e crescimento de igrejas. O conceito bíblico é que um pode ser o plantador, outro pode ser o regador, e um terceiro pode ser o colhedor porque quem faz a igreja crescer é o próprio Deus. O movimento de crescimento de igrejas equivoca-se quando afirma que as igrejas crescerão se os pastores "desejarem seguir os passos de um líder de crescimento".<sup>247</sup>

---

<sup>245</sup> ZUNKEL C. W., *Church Growth Under Fire*, (Scottsdale, Penn.: Herald Press, 1987) 218 .

<sup>246</sup> SHANNON, F. H., *The Growth Crisis of the American Church*, (South Pasadena, Calif.: William Carey Library, 1977). 3.

<sup>247</sup> ARN W., *The Pastpr's Church Growth*, (Pasadena, Calif, Church Growth Press, 1982). 87.

## CONCLUSÃO

O cristão reformado descansa na segura confiança de que Deus é maior do que todos os batalhões da terra e de que a vida está subordinada a ele.<sup>248</sup> Há uma herança reformada e tais cristãos são conhecidos no meio evangélico como um povo que leva a sério o estudo da Palavra de Deus, ou seja, que estuda a Bíblia com profundidade, e alguns até os acusam de terem excesso de doutrina, contudo, isso é a sua honra e o seu privilégio de geração em geração.

Desta forma, igrejas dão continuidade ao processo geracional de novas instituições. A excelência da teologia deve ser a base para as práticas comuns da vida cristã fundamentadas numa eclesiologia teorreferente e glorificadora.

No plano de Deus, um povo caminha por uma longa estrada até a eternidade. O discipulado estava presente no anúncio do descendente da mulher (Gn 3.15), no remanescente do dilúvio (Gn 6), no pacto e sua administração (Gn 12), no compromisso de Deus com Abraão (Gn 17), na libertação do povo do Egito (Êx 12), na construção do tabernáculo no deserto (Êx 25), na chegada à terra prometida (Js 3.15), na construção do templo (2Cr 7), no tempo do exílio (2Rs 24), no retorno à terra da promessa (Ed 6), no surgimento da igreja cristã (Mt 16), na plantação de igrejas do período apostólico (At 13) e até os dias de hoje. Em todos os tempos a igreja é um povo que caminha para a eternidade, conduzida por Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo pelas instruções da sua Palavra, vivendo como família da fé e aguardando os tempos da glória eterna.

As gerações do Antigo Testamento transmitiram o plano de Deus para os seus filhos. Isso acontecia na grande caminhada do Êxodo, no tabernáculo, nos anos de deserto, nas terras das tribos, e no templo. Nunca faltou instrução familiar para o povo do pacto. Com o advento do Novo Testamento a família de sangue deu lugar à família da fé, que prossegue ensinando o plano de Deus aos filhos na igreja e nas casas.

A Bíblia apresenta a igreja de muitas formas para evidenciá-la como um plano redentivo de Deus ao longo da história: Santuário de Deus (1Co 3.16), corpo e membros (1Co 12.27), concidadãos dos santos (Ef 2.19), edificação de Deus no Espírito (Ef 2.20-22), coluna e baluarte da verdade

---

<sup>248</sup> BERKOUWER, G. C., *A Providência de Deus*. Grand Rapids: Eerdmans. 1952. 49-54

(1Tm 3.15), gloriosa e imaculada, lar de amor e respeito (Ef 5.25-32) e por fim, esposa de Cristo (Ap 19.7-9).

A igreja tem o privilégio de ser uma instituição de Deus nas gerações. A igreja cristã não deve perder de vista o uso da Bíblia porque esta é a vontade de Deus. Os tempos podem mudar mas os antigos preceitos bíblicos são os mesmos. A igreja é ensinada pela Palavra de Deus a viver em fidelidade ao Senhor. A Bíblia continua no centro e a exposição bíblica restaura a vida humana.

Necessita-se de piedade na igreja, e a leitura constante das Escrituras, debaixo de oração, é o caminho para uma vida com Deus. Uma vida piedosa é fundamental diante do grande desafio que a igreja tem no mundo. Assim, ler a Bíblia, orar incessantemente, ler e ouvir os sermões, celebrar sacramentos é uma forma piedosa de viver.

O principal motivo da missão deve ser a pessoa e a obra de Cristo. Este deve ser o desejo do povo de Deus. Viver por Cristo, em Cristo e para Cristo. Cristo como o princípio é o clímax do Evangelho. É o resumo e a essência.

O foco da pregação deve ser a centralidade de Cristo. No exercício da fé que foi dada por Deus, os homens entendem o Evangelho ao longo da história. Por isso, a pregação é muito importante, porque ela é a forma providenciada pelo Espírito Santo para que a fé seja conduzida de geração em geração até a edificação total da igreja de Cristo.

O culto implica honra, dignidade e valor devido a Deus. O que significa que, no culto teocêntrico, adora-se a Deus de maneira correta. Nós fomos criados para adorar ao nosso Deus, para vivermos em estado de culto continuamente. O homem e a mulher de Deus têm prazer na adoração constante, no aprendizado da Palavra do Senhor e na convivência entre o povo de Deus. Tudo isso tem importância em relação ao que fazemos na nossa vida, como família cristã.

A Igreja do Senhor tem comunhão com Deus e por isso serve no mundo. Diante dos desafios modernos como consumismo, egoísmo, hedonismo, individualismo, entre outros, a comunhão do povo de Deus fortalece a igreja para se manter fiel aos propósitos do Senhor. A melhor forma para um cristão servir ao Senhor é evidenciando o fruto do Espírito: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão e domínio próprio (Gálatas 5.22-23).

Na nova aliança, estabelecida por Jesus Cristo, a Igreja é a organização que reúne e congrega o povo de Deus. E “somente o propósito divino pode explicar a perpetuidade da igreja ao longo dos séculos. Somente o poder de Deus pôde fazer com que, do nada, surgisse uma instituição tão firme e duradoura<sup>249</sup>.”

---

<sup>249</sup> LIMA, L.A., *Razão da Esperança - Teologia para Hoje*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006. p.483

No tempo anterior a Reforma existiram alguns homens cultos, de vida exemplar, que tinham prazer na leitura e na exposição da Bíblia<sup>250</sup>. Estes homens fizeram discípulos que perpetuaram os seus ensino e suas inconformações. Eles foram chamados de pré-reformadores porque surgiram antes dos reformadores e, principalmente porque não conseguiram superar a força religiosa dominante da época. Homens como John Wycliff (1328-1384), professor na Universidade de Oxford, na Inglaterra; John Huss (1373-1415), professor na Universidade de Praga, queimado vivo por causa de sua fé, e Girolamo Savonarola (1452-1498), monge dominicano enforcado e queimado por ordem do papa Alexandre VI, em Florença, na Itália deixaram um legado para o discipulado..

A Reforma Protestante do século XVI, ao perceber a degeneração da Igreja Católica Apostólica Romana, trazia consigo a esperança de uma igreja regenerada<sup>251</sup>. Ela teve início quando a Europa estava no limiar de uma nova época política e social com o nascimento da classe média. Martinho Lutero, em 1517, fixou as 95 teses na porta da capela de Wittenberg, na Alemanha. Paralelamente, surgia na Suíça, Ulrico Zuínglio, também reformador. Era destemido e visionário. John Knox ganharia a Escócia.

Lutero queria apenas reformar a igreja, enquanto Calvino entendia que a igreja estava muito degenerada. Por isso ele se propôs a organizar uma nova igreja que, na sua doutrina, na sua maneira de prestar culto e na sua forma de governo, fosse idêntica a Igreja Primitiva.

Calvino sabia que a igreja estava inserida no mundo, mas qual seria o relacionamento adequado entre a igreja e a cultura? Então temos, de Calvino, um bom exemplo: Quando Calvino foi pastor em Genebra, não se limitou a atender os membros da igreja local. Ele era pastor da cidade, e manifestava grande interesse por tudo o que se passava na vida das pessoas da cidade.<sup>252</sup> Ele seguia o exemplo do seu mestre, Jesus Cristo.

Para a igreja protestante, David Hesselgrave faz uma asseveração: “É imperativo que os líderes das igrejas confessionais dediquem consideração, em espírito de oração, no planejamento para evangelização e plantação de igrejas<sup>253</sup>.” Ou seja, a missão não é resultado do ideal ou sonho de

---

<sup>250</sup> NEILL, S. *História das Missões*. São Paulo: Vida Nova, 1989. p. 83

<sup>251</sup> D'AUBIGNÉ, J.H.M., *História da Reforma do Décimo-Sexto Século*. São Paulo - SP. Casa Editora Presbiteriana, Vol VI, p.12

<sup>252</sup> GRAHAM, W.F., *The Constructive Revolutionary: John Calvin & His Socio-Economic Impact*. Richmond: John Knox Press, 1971. p. 39

<sup>253</sup> HESSELGRAVE, D. J., *Plantar Igrejas: Um Guia para Missões Nacionais e Transculturais*. São Paulo: Vida Nova. 1984. p. 76.



uma pessoa em particular, mas o resultado de uma igreja comprometida com a prática cristã comunitária saudável que prospera para a plantação de uma nova igreja.

Conclui-se que a estruturação e o avanço da igreja reformada é o resultado de forte ênfase na pregação da Palavra, no ensino bíblico diário e na assistência aos necessitados. Sempre que isso aconteceu a igreja avançou, estabeleceu-se e cresceu. Enquanto isso, o mundo está cada vez mais urbano. As cidades passaram a concentrar números cada vez maiores de pessoas e organizações, e com isso, a igreja percebeu onde seria o seu principal campo de missão. Vale ressaltar que algumas intenções sempre foram altamente duvidosas, o que é motivo de grande preocupação entre os reformados, como as igrejas que nascem em todos os lugares, muitas vezes como projeto de negócios de homens sem o mínimo de condições pessoais e espirituais para tal ofício.<sup>254</sup>

A despeito disso, a igreja reformada mantém a sua perspectiva de ser uma igreja idônea com o culto sendo prestado a Deus, o ensino bíblico de qualidade sendo ministrado aos seus membros e serviço responsável no mundo sendo uma forma de testemunho às nações. Estes são valores passados de pais para filhos, uma forma de discipulado familiar.

---

<sup>254</sup> READ, W. R. *Fermento religioso nas massas do Brasil*. (original: *New Patterns of Church Growth in Brazil*. Grand Rapids: Eerdmans. Campinas: Cristã Unida, 1967. p.32-35

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- A CONFISSÃO DE FÉ DE WESTMINSTER. São Paulo: Os Puritanos, 2000.
- ANGLADA, P. R. B. *Introdução à Pregação Reformada: uma investigação histórica sobre o modelo Bíblico-Reformado de Pregação*. Ananindeua: Knox Publicações, 2005
- ALTER, R. *The Hebrew Bible*. New York: W. W. Norton and Company, 2018.
- BAXTER, R. *Manual Pastoral de Discipulado*. São Paulo: Cultura Cristã. 1ª Edição. 2008.
- BANNERMAN, J. *A Igreja de Cristo*. São Paulo: Ed. Puritanos, 2014.
- BAVINCK, H. *A Doutrina de Deus*. Banner of Truth Trust. 1977.
- BEEKE, J. R. e FERGUSON, S. B. *Harmonia das Confissões de Fé Reformadas*. São Paulo: Cultura Cristã. 2006.
- BERKHOF, L., *Teologia Sistemática*. São Paulo: Cultura Cristã, 2002.
- BERKOUWER, G. C. *A Providência de Deus*. Grand Rapids: Eerdmans. 1952.
- BOICE, J. M. *O Discipulado Segundo Jesus*. São Paulo: Cultura Cristã. 2001.
- BOSMA, C.J. *Missions and Greek Syntaxes in Matthew 28.19*. Canadá: Essence Publishing, 2006
- BONHÖEFFER, D. *Discipulado*. São Paulo: Mundo Cristão, 2016
- BRATCHER, R. *A Translator's Handbook on the Gospel of Mark*. New York: United Bible Societies, 1961.
- BRACHTER R. G., e REYBURN W. D., *A translator's handbook on the book of Psalms*, UBS Handbook Series. New York: United Bible Societies, 1991.
- BROWN, C., *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989, Vol 01.
- BROWN R.E; FITZMAYER J e MURPHY R. E, *The Jerome Biblical commentary, vol. 1* (Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1996)
- BURROUGHTS, J., *The Rare Jewels of Christian Contentment*, Edinburgh: Banner of Truth, 1964.
- CAIRNS, E. *O Cristianismo através dos Séculos*. São Paulo: Ed. Vida Nova. 2ª. Edição, 1995
- CALVIN, J. *The Comprehensive John Calvin Collection – comentário de Mc 3:13*. Versão 1.0, 1998
- CALVINO, J. *O livro dos Salmos: Vol.1: Salmos de 31 – 68*. São Paulo: Paracletos, 1999.
- CALVINO, J., *Comentário de Hebreus*. SP: Editora Fiel, 2012
- CARSON, D. A. *A cruz e o ministério cristão*. São José dos Campos: Fiel, 2009
- CARTER, J. E, e TRULL, J. E, *Ética Ministerial*. São Paulo: Vida Nova, 2010.
- CÉSAR, E. M. L., *A prática da alegria*, Revista Ultimato: Viçosa, Minas Gerais. 1996
- CLOWNEY, E. *A Igreja*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007
- \_\_\_\_\_. *Pregando Cristo em toda a Escritura*. São Paulo: Vida Nova, 2021.
- CONSTITUIÇÃO DA IGREJA PRESBITERIANA DO BRASIL (CI/IPB, art. 108).
- COSTA, H. M. P. da, *A Inspiração e Inerrância das Escrituras – Uma Perspectiva Reformada*, São Paulo: Cultura Cristã: 1998
- CRAIGIE P., *Salmos 1–50*, vol. 19, Word Biblical Commentary (Dallas: Word, Incorporated, 1983)
- DAHOOD, M.S.J., *Salmos I: 1-50: Introdução, tradução e notas*, vol. 16, Anchor Yale Bible. New Haven; Londres: Yale University Press, 2008
- EYRICH, H, e HINES, W, *Cura para o Coração*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

- FAGER, J. A, *Land Tenure and the Biblical Jubilee: Uncovering Hebrew Ethics through the Sociology of Knowledge*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1993.
- FEE, G. D. & CALVIN, J. *The Comprehensive John Calvin Collection – comentário de Marcos 3.13*. (The Most-Definitive Calvin Collection Ever on CD-ROM).
- FERREIRA W.C, *Esboço de Teologia Bíblica*, Campinas: Luz Para o Caminho, 1985
- FRAME, J. *Teologia Sistemática*. Trad.: Jonathan Hack. São Paulo: Cultura Cristã, 2019
- GERSTENBERGER, E. *Psalms Part 1: With an Introduction to Cultic Poetry, vol. 14, The Forms of the Old Testament Literature*. Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1988.
- GRONINGEN, G.V. *Criação e Consumação: o Reino, a Aliança e o Mediador*. Volume I. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana. 2002.
- \_\_\_\_\_. *Revelação Messiânica no Velho Testamento*. Campinas: Luz Para O Caminho. 1995.
- GRUENWALD, I, *Rituals and Ritual Theory in Ancient Israel*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2003.
- HARMAN, A., *Salmos. Comentários do Antigo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- HENDRIKSEN, W. *Comentário do Novo Testamento – Exposição do Evangelho de Mateus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Comentário do Novo Testamento – Exposição do Evangelho de Marcos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Comentário do Novo Testamento – Exposição do Evangelho de Lucas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Comentário do Novo Testamento – Exposição do Evangelho de João*. São Paulo: Cultura Cristã, 2001.
- HENRY, M. *Matthew Henry – Comentario exegetico devocional a toda la Biblia – Marcos y Lucas*. Barcelona: CLIE, 1990.
- HENRY, M., *Matthew Henry's Commentary, Salmo 28*, Grand Rapids, Michigan: 2002.
- HARRISON, E. F. *The Wycliffe Bible Commentary, New Testament*. Chicago: Moody Press, 1962
- HAZONY, Y, *The Philosophy of Hebrew Scripture*. Cambridge: University Press, 2012.
- HESELGRAVE, D. J. *A comunicação transcultural do evangelho: Comunicação, missões e cultura*, vol. 1. São Paulo: Vida Nova, 1994.
- HIEBERT, P. G. *O evangelho e a diversidade das culturas: Um guia de antropologia missionária*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- HIEBERT, P. G., e MENESES, Eloise H. *Incarnational ministry: Planting churches in band, tribal, peasant, and urban societies*. Grand Rapids: Baker, 1995.
- HIPONA, A., “*Expositions on the Book of Psalms*”, in *Saint Augustin: Expositions on the Book of Psalms*, org. Philip Schaff, trad. A. Cleveland Coxe, vol. 8, A Select Library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church, First Series. New York: Christian Literature Company, 1988.
- HODGE, C., *Teologia Sistemática: CLIE, 1997. VOL 1*
- JONES. R, *Em busca da Paz*. São Paulo: NUTRA, 2018
- JOSEFO, F., *Antiguidades judaicas*, São Paulo, CPAD, 1990, Livro I.
- KASS. L. R, *The Beginning of Wisdom: Reading Genesis*. Chicago: University Press, 2006.
- KILINSKI, K.K. e WOFFORD, J. C. *Organização e Liderança na Igreja Local*. São Paulo: Vida Nova. 1987.
- LANGE, J. P., *A commentary on the Holy Scriptures: Psalms* (Bellingham, WA: Logos Bible Software, 2008)
- LAWSON. S. J, *Fundamentos da Graça*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel. 2012.
- LEITH, J. H. *A Tradição Reformada*. São Paulo: Pendão Real. 1996.

- LENCIONI, P. *Os 5 Desafios das Equipes*. São Paulo: Editora São Paulo, SP. 2002.
- LETE, G. D. O., *Mitos y lendas de Canaan: Segun la tradicion de ugarit*. Ediciones Cristandad. Madrid. Institucion San Jeronimo. Valencia. 1981
- LIMA, L. A., *Razão da Esperança*. São Paulo: Cultura Cristã, 1ª. Edição, 2006.
- LIMA, L.A e LIMA, S. P., *A Vida de Jesus*. São Paulo: Ed. Atos, 2014.
- LOUW, J. P. and NIDA, E. A., *Greek-English Lexicon of the New Testament based on Semantic Domains*. New York: United Bible Societies 1988.
- MACLAREN, A., *The Psalms, vol. 1, Psalms 1–38* (New York: A. C. Armstrong and Son, 1893)
- MACK. W. A, e SWAVELY. D, *A Vida na Casa do Pai*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.
- MARRA, C. *A Igreja Discipuladora*. São Paulo: Cultura Cristã, 1ª. Edição, 2007
- MCGAVRAN, D. *Effective Evangelism, A Theological Mandate*. New Jersey: Presbyterian and Reformed Publishing CO, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Understanding the Church Growth*. Presbyterian and Reformed Publishing CO, 1986.
- MEDEIROS, E. *Evangelização e Ministério Pastoral*. São Paulo: Cultura Cristã. 1ª. Edição, 2009
- MOHLER, R. Albert Jr., in *Reforma Hoje*, São Paulo: Cultura Cristã, 1999.
- NEALE, J. M., *A Commentary on the Psalms from Primitive and Mediæval Writers: Psalm 1 to Psalm 38*, vol. 1, Second Edition. (London; New York: Joseph Masters; Pott and Amery, 1869)
- POIRIER. A, *O Pastor Pacificador*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- POWLISON. D, *Falando a Verdade em Amor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- PRIOLO. L, *Resolução de Conflitos*. São Paulo: NUTRA, 2017.
- REEDER III, H. L. *A revitalização da sua igreja segundo Deus*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011.
- RIBEIRO, B. *A Aliança da Graça*, São Paulo, Associação Evangélica Reformada Presbiteriana, 2001.
- ROBERTSON, O. P., *O Cristo dos Pactos*. Cultura Cristã: São Paulo: 2002.
- SANDERS, J. O., *Liderança Espiritual*, São Paulo: Mundo Cristão, 1991
- SCHALKWIJK, F. L. *Coinê: Pequena Gramática do Grego Neotestamentário*. Patrocínio: CEIBEL, 1998.
- SITTEMA. J, *Coração de Pastor*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.
- SMITH. M. S, *The Memoirs of God: History, Memory, and the Experience of the Divine in Ancient Israel*. Minneapolis: Fortress, 2004.
- STOTT, J. R.W. *Os desafios da liderança Cristã*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2016
- STUART, D. *Entendes o que lêes?* São Paulo: Vida Nova, 1998.
- STRINE. C. A, *The Famine in the Land Was Severe: Environmentally Induced Involuntary Migration and the Joseph Narrative*. Hebrew Studies 60. 2019.
- TIDBALL. D, *Ministério segundo o Novo Testamento*. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.
- TRIPP, P. *Vocação Perigosa*. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- \_\_\_\_\_. *Instrumentos nas Mãos do Redentor*. São Bernardo do Campo: NUTRA, 2012.
- VAN GRONINGEN. G e H, *A Família da Aliança*. São Paulo: Cultura Cristã. 2019.
- VIRKLER, H. *Hermenêutica Avançada*. São Paulo: Editora Vida, 2007.
- WINTER, R., HAWTHORNE, S. e BRADFORD, K. *Perspectivas no movimento Cristão Mundial*. São Paulo: Vida Nova, 2009.
- WIERSBE, W. *Wiersbe's Expository Outlines on the New Testament*, Wheaton, Illinois: Victor Books, 1992.